

MARY LAND DE BRITO SILVA

**REVELANDO OS BRASIS: O OBJETO ASSUMINDO O
PAPEL DO SUJEITO EM UM PROJETO DE INCLUSÃO
AUDIOVISUAL**

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Multimeios.

Orientador: Prof. Dr. Nuno Cesar Pereira de Abreu.

CAMPINAS
2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

Si38r

Silva, Mary Land de Brito.

Revelando os Brasis: o objeto assumindo o papel do sujeito em um projeto de inclusão audiovisual. / Mary Land de Brito Silva. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador: Prof. Dr. Nuno Cesar Pereira de Abreu.
Dissertação(mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Audiovisual. 2. Vídeo. 3. Documentário. 4. Ficção. 5. Diversidade. 6. Cultura brasileira. I. Abreu, Nuno Cesar Pereira de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

(em/ia)

Título em inglês: “Revealing the Brazils: the object assumes the role of the subject in this public project of video production as a way of inclusion.”

Palavras-chave em inglês (Keywords): Film production ; Documentary ; Brazilian culture.

Titulação: Mestre em Multimeios.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Nuno Cesar Pereira de Abreu.

Prof^a. Dra. Cristina Bruzzo.

Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos.

Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.

Prof. Dr Francisco Elinaldo Teixeira.

Data da Defesa: 30-06-2009

Programa de Pós-Graduação: Multimeios.

Instituto de Artes
Comissão de Pós-Graduação

Defesa de Dissertação de Mestrado em Multimeios, apresentada pela
Mestranda Mary Land de Brito Silva Cavalcanti - RA 50667 como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Mestre, perante a Banca Examinadora:



Prof. Dr. Nuno César Pereira de Abreu
Presidente



Profa. Dra. Cristina Bruzzo
Titular



Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos
Titular

Dedico este trabalho à minha família por todo o suporte emocional e pelo constante apoio em todos os momentos da minha vida. Em especial a minha mãe, Lindalva de Brito Silva e ao meu pai, Maurinio Sena Silva (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Nuno Cesar Pereira de Abreu por ter acreditado em meu potencial, pelas orientações e por toda a paciência nesse processo.

Aos colegas e superiores da Fundação José Augusto, especialmente Crispiniano Neto, Fábio Lima, Gilson Matias, Rosa Moura e Wecsley Cunha.

À equipe do documentário Sangue do Barro, principalmente Fábio DeSilva, Geraldo Cavalcanti e Keila Sena.

Aos meus irmãos Maurizia, Maurizélia, Marize, Marilene e Maurinio Júnior e suas respectivas famílias.

Às amigas Larissa Bastos, Lidiane Saskia e Mariana Arantes.

Às pessoas que me acolheram com todo o carinho em Campinas: Ana, Giussepi e Família; Aníbal, Ludovina e Família; Juliana Troya e Família.

A Thaís Godoy, Lucas Albino e José Albano da Silveira pela contribuição na realização desse trabalho.

A André Muniz por todas as orientações, incentivo e atenção.

Agradeço ainda a Ada Barreto e Maria José de Brito Záquia (Zezé) pelo grande incentivo.

E um agradecimento especial a Lindalva de Brito Silva, que fez de tudo para que este momento acontecesse.

RESUMO

Expressar-se através do audiovisual tem sido uma forte característica da contemporaneidade. O acesso a novas tecnologias, cada vez mais fáceis de manusear e mais baratas, funciona como incentivador do uso deste código de comunicação nas mais diversas situações. É dentro dessa realidade que surge, em 2004, o Revelando os Brasis, um projeto do Ministério da Cultura que dá aporte técnico, preparatório e financeiro para que moradores de municípios com até 20 mil habitantes possam transformar uma história real ou ficcional em um vídeo digital de até 15 minutos. É o Brasil se mostrando de dentro das diferentes culturas que aqui coexistem, valorizando as milhares de identidades que formam esse país. Em cada edição do projeto, até agora foram realizadas três, quarenta moradores de pequenas comunidades de todo o Brasil têm a possibilidade de mostrar a sua cultura com a intimidade de quem a vivencia. Aqueles que historicamente tiveram sua realidade retratada através da figura “do outro”, limitando-se a um papel de objeto, têm a oportunidade de mudar de postura e assumir o papel de sujeito do discurso. Enquanto realizadores, são os donos do poder. O poder de mostrar suas tradições, valores, conceitos e manifestações através do seu olhar, o olhar de quem vivencia a realidade que se propõe transformar em código audiovisual. E os vídeos produzidos por essa nova geração de realizadores se tornam um importante patrimônio material e social da diversidade cultural brasileira. É de praxe, que os curtas do Revelando os Brasis participem dos principais festivais e mostras de cinema e vídeo de todo o Brasil, possibilitando que milhares de cidadãos brasileiros possam conhecer a cultura, as personalidades, as lendas e histórias que normalmente não têm espaço na grande mídia. Dentre os realizadores, a convivência com outras 39 pessoas de saberes e costumes tão variados se transforma em outra grande riqueza do projeto. Projeto que deixa como principal herança, não só um rico acervo audiovisual da cultura brasileira, mas também cidadãos com uma auto-estima mais elevada e um sentimento de capacidade mais aflorado. O Revelando os Brasis pode ser visto como um importante projeto de inclusão com resultados que efetivamente ultrapassam o universo audiovisual.

Vídeo; cinema; documentário; ficção; cultura popular; audiovisual;

ABSTRACT

Express themselves through the audiovisual media has been a strong feature of the contemporary. Access to new technologies, which each day are cheaper and easier to handle, works to encourage the use of this code of communication in diverse situations. It is within this reality that appears, in 2004, *Revelando os Brasis*, a project of the Ministry of the Culture which gives technical and financial support for residents of municipalities with less than 20 thousand people so they can make a 15 minutes video of a real or a fictional story. It is Brazil showing itself within the different cultures that coexist here, valorizing the thousands of identities that form this country. In each edition of the project, so far were three, forty residents of small communities throughout the country have the opportunity to show their culture with the intimacy of those who experienced it. Those who have historically had their reality portrayed by the figure “of the other”, limited to a role of object, have the opportunity to change their attitude and assume the role of subject of the discourse. While directors, they got the power. The power to show their traditions, values, concepts and events through their eyes, the eyes of those who experience the reality that it proposes to transform audiovisual code. And the videos produced by this new generation of filmmakers become an important material and social heritage of Brazilian culture. It’s custom that the videos produced by *Revelando os Brasis* go to major film and video festivals and exhibitions throughout Brazil, enabling thousands of Brazilian citizens to know the culture, the personalities, the legends and stories which usually have no space in mass media. Among the directors, the companionship of the other 39 people with several habits and knowledge becomes another wealth of the project. Project that leaves as the main legacy, not only a rich collection of audiovisual Brazilian culture, but also citizens with a higher self-esteem and a sense of capacity more developed. *Revelando os Brasis* can be seen as an important project of inclusion with results that actually exceed the audiovisual universe.

Video; movie; documentary; popular culture; film-making process;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Como cada selecionado ficou sabendo do Revelando os Brasis.....	11
Figura 2	Divisão dos vídeos da primeira edição do Revelando os Brasis por tema.....	13
Figura 3	Oficina de Roteiro com o Professor Léo Copello.....	17
Figura 4	Mentores do projeto recebem os selecionados no Palácio Gustavo Capanema (RJ).....	20
Figura 5	Foto tirada durante as filmagens de “O Quadro”.....	25
Figura 6	Comunidade de negros retratada em documentário de Santa Catarina....	27
Figura 7	Cena de “O Grito de Bamo”.....	29
Figura 8	Criança escolhida no dia da gravação para assumir um dos papéis principais de “Matinta-Pereira”.....	31
Figura 9	Tela, projetor, cadeiras e tapete, tudo organizado conforme a atmosfera de um cinema.....	34
Figura 10	Projeção de “Pipa, praia em Poesia” em Tibau do Sul (RN).....	34
Figura 11	Exibição do Documentário “Extraordinárias Estórias em Manecos” em Girinhém (PB).....	36
Figura 12	A chuva que caiu em Capela não foi suficiente para afastar os moradores durante a exibição de “Nelson”.....	37
Figura 13	Sessão extra de “Tropeiros” na zona rural de Carnaubeira da Penha.....	38
Figura 14	Seu Antônio Pequeno: personagem principal de “ <i>Pipa, Praia em Poesia</i> ”.....	42
Figura 15	Fase de Gravação do Documentário “Pipa, praia em poesia”.....	43
Figura 16	Projeção de “Pipa, praia em poesia” na praça principal da cidade.....	44
Figura 17	Selecionados do Revelando os Brasis ano I.....	54
Figura 18	Sidnéia durante gravação do seu documentário autobiográfico – video .	66
Figura 19	Fotograma do Filme “O Rastejador”, 1970. Direção: Sérgio Muniz.....	68
Figura 20	Fotograma do Filme “A morte do boi”, 1970. Direção: Paulo Gil Soares.....	69
Figura 21	Projeto Vídeo nas Aldeias.....	72
Figura 22	Oficina de Câmera do Projeto Vídeo nas Aldeias.....	74
Figura 23	Moradores durante a tradicional Novena de São João Batista.....	79
Figura 24	Fotograma do Vídeo “Zé Leobino – 65 anos de Cavalhada”.....	80
Figura 25	Seu Zé Leobino durante discurso de lançamento do seu documentário em sua cidade.....	83
Figura 26	Sr. Manoelzinho, durante seu processo criativo de produção do roteiro.....	85
Figuras 27 e 28	Sr. Brillhantino na caverna onde mora e no caminho que leva até ela.....	86
Figura 29	Joaquim Oliveira preparando o ator que fez o papel de Calabar em seu documentário que contrapõe a história tradicional.....	88

Figura 30	Sidnéia da Silva mostrando uma de suas habilidades no seu documentário autobiográfico.....	92
Figura 31	Antônia e Aparecida: as polêmicas irmãs mineiras personagens do vídeo “Daqui nós não arreda o pé”.....	95
Figura 32	Jairo dos Santos com as tias no evento de projeção do documentário na cidade.....	98
Figura 33	Gravação do documentário “O Grito de Bamo” no Rio Grande do Sul..	103
Figura 34	Antônio Gato durante gravação do documentário “Terra Santa”.....	109
Figura 35	Welliton preparando a mãe, para mais uma cena do curta “Esperança”.....	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Participação das Regiões no Revelando os Brasis.....	15
Tabela 2	Perfil dos 40 selecionados na 1ª Edição.....	55
Tabela 3	Perfil dos 40 selecionados na 2ª Edição.....	55
Tabela 4	Perfil dos 40 selecionados na 3ª Edição.....	56
Tabela 5	Municípios que possuíam escola, oficina ou curso regular de formação em Vídeo.....	56
Tabela 6	Municípios que possuíam escola, oficina ou curso regular de formação em Cinema.....	60
Tabela 7	Municípios brasileiros que possuíam vídeolocadora em 2006.....	107
Tabela 8	Após o Revelando os Brasis.....	115
Tabela 9	Municípios que realizaram concursos na área de Cinema em 2004 e 2005.....	119
Tabela 10	Municípios que realizaram concursos na área de Vídeo em 2004 e 2005	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 O PROJETO REVELANDO OS BRASIS	9
1.1 Divulgação	10
1.2 Seleção	12
1.3 A Oficina de Preparação	15
1.4 Etapa de Produção	24
1.5 Etapa de Filmagem	27
1.6 Etapa de Edição	32
1.7 Etapa de Projeção e Circulação	33
1.7.1 <u>Circuito de Exibição nas Cidades</u>	33
1.7.2 <u>Programa de Televisão</u>	38
1.7.3 <u>Participação em Mostras e Festivais de Cinema</u>	39
1.7.4 <u>DVD</u>	40
1.8 Participação pessoal no Revelando os Brasis	41
2 CONTEXTUALIZADO O REVELANDO OS BRASIS	47
3 A RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E OBJETO NO REVELANDO OS BRASIS .	75
4 EFEITOS SECUNDÁRIOS DO REVELANDO OS BRASIS	99
CONCLUSÃO	127
REFERÊNCIAS	131
BIBLIOGRAFIA	135
ANEXOS	137
Anexo 1 – Comissão de Seleção da 1ª Edição	137
Anexo 2 – Selecionados por estado 1ª, 2ª e 3ª Edições	139
Anexo 3 – Quadro Docente da 1ª Edição	141
Anexo 4 – Perfil dos Selecionados da 1ª Edição, sinopse dos vídeos e planos futuros no audiovisual	143

INTRODUÇÃO

O elemento imagem está cada vez mais presente em nossa vida diária e seu processo de produção mais simples e acessível. Através dela conhecemos outras culturas, viajamos para outros lugares, somos apresentados a costumes, rituais e comportamentos cotidianos sem limites geográficos. Produções audiovisuais assumem um papel decisivo na cultura contemporânea. “[...] ver filmes, ler e falar sobre eles nos conduz a imaginar outras formas de sociabilidade e socialização, assim como a nos interrogar sobre outras relações entre os indivíduos e a sociedade” (DAUSTER, 2008, p.8).

Como um recorte desse multidimensional universo audiovisual, a discussão proposta nesse trabalho gira em torno da produção de documentário e ficção como ser representativo da cultura brasileira; a relação entre sujeito e objeto na realização de um vídeo; e a produção de um curta-metragem, da sua concepção à circulação. Como base para essas três inferências está o Projeto Revelando os Brasis, do qual fiz parte, em sua primeira edição.

Meu primeiro contato com o Revelando os Brasis foi em setembro de 2004, quando um colega de trabalho comentou sobre um projeto do Ministério da Cultura (Minc) que iria financiar 40 curtas-metragens em todo o país e estava com inscrições abertas. Para participar, bastava enviar uma história que você gostaria de transformar em vídeo, ter mais de 18 anos de idade e morar em um município de até 20 mil habitantes. Vi aí, a grande chance de realizar minha primeira produção audiovisual, que não fossem as matérias de TV, com as quais costumava trabalhar. Mandeí minha história e, após ser selecionada, resumidamente o processo foi: participar de oficinas no Rio de Janeiro, produzir o vídeo na Praia de Pipa (Tibau do Sul-RN) e ver o curta percorrer um circuito nacional de exibição além de, principalmente, ser exibido em meu município.

Ao fazer parte do Revelando os Brasis, minha vida tomou um novo rumo profissional e além dos conhecimentos técnicos obtidos, tive o que considero um imenso ganho cultural: ter contato com outras 39 pessoas de diferentes rincões do Brasil com os mais variados sotaques, etnias, idades e profissões. A princípio, parecia que a única coisa

que nos unia era o fato de estarmos sendo preparados pra fazer um curta-metragem. Um ano depois, durante mais uma semana que passamos juntos no Rio de Janeiro para o lançamento dos vídeos e a gravação de programa no Canal Futura, pude observar algo que estava latente e que era comum à grande maioria, a auto-estima lá em cima por ter conseguido realizar o vídeo, que para a maioria da gente, era mais que uma obra audiovisual, era um sonho, como também afirma Maria Valdete de Oliveira Cunha, uma das selecionadas: *“A oportunidade que eu tive de começar a ver a realização do meu sonho, como a oportunidade de conhecer o Brasil de fato porque talvez se tivesse feito viagens eu não conheceria o Brasil tão bem quanto conheci. O contato com as pessoas, o bate-papo, o convívio diário mesmo, com os dias que nós passamos juntos, isso foi muito enriquecedor não só pelo conhecimento da realidade deles como pelo conhecimento humano em si, isso também foi muito interessante”*.¹

Ao constatar o quanto o Revelando os Brasis tinha influenciado na vida dos quarenta participantes resolvi me aprofundar em uma pesquisa, baseada principalmente no caráter experimental e no contato direto com os demais contemplados do projeto. Quis saber mais sobre o quanto essa ação cultural tinha ajudado a aflorar nos *“revelandos”*, como são chamados os participantes do projeto, sentimentos que lhes faziam mais confiantes e capazes e como a realização de um vídeo poderia mexer com a auto-estima de toda uma comunidade. O processo de pesquisa foi enriquecedor, principalmente pelas surpresas e confissões que eram descobertas a cada nova pessoa. De posse de entrevistas gravadas durante o lançamento dos vídeos e de todo o *background* como participante desta ação pública, apresentei o tema à banca de seleção do Mestrado em Multimeios da Unicamp e, mais uma vitória, ele foi aceito. Uma corroboração a afirmação do quanto o projeto agiu positivamente na vida dos participantes, em menor ou maior grau. Fazer parte do Revelando os Brasis foi mais que realizar um vídeo, foi ter uma infinidade de descobertas que vou apresentar no decorrer desta dissertação.

¹ No decorrer desta dissertação serão utilizados diversos depoimentos dos participantes da primeira edição do Revelando os Brasis como forma de ilustrar e alicerçar os pensamentos aqui explanados. As entrevistas foram feitas em novembro de 2005, no Rio de Janeiro, durante a semana que os selecionados permaneceram nessa cidade para a gravação dos programas do Canal Futura.

No entanto, é importante frisar que também ocorreram dificuldades de produção e que o processo de realização dos vídeos nem sempre transcorreu de forma positiva. Seja pelo ato de produção em si, seja pela descoberta de características da própria personalidade do diretor que acabou gerando questionamentos de natureza pessoal que pareciam estar escondidos. Mais uma revelação do projeto, confirmada pelo funcionário dos Correios Damião Expedito de Lima Rodrigues, morador da Paraíba, formado em jornalismo e um dos que tiveram, com o Revelando os Brasis, sua primeira experiência com o audiovisual.

“Na verdade eu descobri muitas coisas pessoais, não foi o lado profissional, coisas minhas mesmo, dificuldades de me impor. Tive medo de trabalhar com as pessoas, sou muito isolado, isso dificulta trabalhar com cinema. A experiência do Revelando os Brasis foi negativo porque descobri esse meu lado, mas foi bem mais positivo por ter visto isso logo e poder melhorar pra quem sabe um dia tentar de novo”. (RODRIGUES)

O lugar do realizador é um lugar de poder e, talvez, nem todos estivessem preparados para lidar com essa posição com tranqüilidade. Mas o que se vê no projeto é uma constante atitude de superação. Pela própria história audiovisual do nosso país os cidadãos das pequenas comunidades, pouco tinham acesso a um processo de produção nesta área e, quando isto acontece, prioritariamente estavam no papel de objetos da abordagem. Com o Revelando os Brasis, assumiram a função de sujeito do discurso e com isso herdaram a responsabilidade de apropriação da imagem, da fala e de sua própria cultura gerando uma dúvida comum em quase todos os participantes: *“E agora, o que fazer com tudo isso?”*

Contudo, o conhecimento que mais se exige de todos nós que fizemos parte dessa ação governamental é algo que já nos pertence, é a nossa própria cultura, a nossa própria realidade, a nossa forma de falar, de vestir, de ver o mundo. A questão técnica, que inicialmente causou temor em várias pessoas, aos poucos foi sendo superada, pois foi se percebendo que o conteúdo, importava mais que a forma e esta foi abordada, ainda que de forma rápida e superficial, durante a oficina de produção que deu aos participantes os conhecimentos básicos para a realização dos seus filmes.

“Eu fiquei surpreso, com medo, será que eu vou conseguir fazer isso? Como que eu vou fazer isso? Até pra eu fazer as aulas, que a gente veio fazer o curso, até no curso eu ficava com medo, tremia quando me falavam: ‘Ah! Conta sua história, o que você quer falar?’ Acho que é muita pressão, chegar num lugar com aquele monte de gente, que achava que ia ter um monte de intelectual, aí você fica meio perdido, jogado. Acho que era isso, mesmo assim. Mas foi muito legal. Eu não tinha conhecimento nenhum. Eu aprendi bastante coisa, como que você tem que escrever o roteiro, um roteiro de documentário, como você tem que fazer. Coloquei na minha cabeça: você tem que fazer um roteiro indicativo primeiro para depois você saber o que vai filmar, pra você pegar as imagens tudo certinho, depois você vai fazer o roteiro consolidado, foi bem legal. Agora eu me sinto vitorioso” (Jairo Teixeira Santos).

Jairo Teixeira, 29 anos, na época do filme trabalhava como pedreiro e ajudava em uma transportadora. Após o Revelando os Brasis, Jairo voltou pra escola e pretende um dia fazer um curso universitário em cinema, pois afirma ter encontrado diversos assuntos em sua própria comunidade que *“com certeza, dariam ótimos filmes”*. A descoberta do valor que tem sua própria cultura é o que considero um dos principais benefícios do projeto. Em nosso primeiro encontro, parecia que o que trazíamos em nossa bagagem cultural era comum, sem grande atratividade. Com o contato que tivemos com a diversidade do Brasil ali presente, pudemos perceber o valor de cada identidade e que ela não era assim tão comum e, mais ainda, as outras pessoas tinham interesse em saber mais sobre ela. Pra gente, nossa própria cultura estava tão enraizada que tinha até perdido um pouco de sua força, ao ser confrontada com a diferença, ela tomou fôlego e passou a ser exibida com orgulho, como algo único, em que, dentro daquele contingente de 40 pessoas, você é quem tinha o poder sobre ela. Segundo Taylor (1994 apud LISBOA, 2007, p. 03) *“para se perceber uma identidade, há necessidade da existência de outra, em contraste ou oposição”*. Quando não se estava em sala de aula, as conversas mais comuns entre os *revelandos* eram sobre suas cidades e costumes, semelhanças, diferenças culturais e outros assuntos do tipo.

Essa discussão sobre identidade e diversidade cultural e a curiosidade de saber mais sobre nosso próprio país não ficou restrito aos quarenta selecionados. Durante os períodos de produção e filmagem e o momento em que os vídeos foram exibidos nas

idades participantes do projeto, a comunidade, de forma geral, também foi provocada a apresentar esses mesmos sentimentos de valorização da sua cultura e abertura pra conhecer outros costumes desse imenso Brasil, ainda que de forma inconsciente.

Além de analisar o quanto a realização dos filmes influenciou os contemplados e os seus municípios, irei abordar a importância do material final, fruto dessa ação pública, a realização de quarenta curtas-metragens, ficção e documentário, que registram a pluralidade da cultura brasileira. E por ser áudio e imagem, esse registro nos faz viajar ao local onde o produto foi concebido através do poder que têm os gestos, as formas de se contar uma história, a arquitetura do ambiente, a paisagem natural, o sotaque e demais características de cada comunidade retratada. Como afirma Bentes (2004, p. 2): “o registro do vídeo é um suplemento de memória, meio de transporte”. Com a terceira edição do Revelando os Brasis, 119 vídeos foram produzidos, retratando e eternizando traços e manifestações da nossa cultura, algumas inclusive, em fase de desaparecimento.

O período de abrangência dessa pesquisa tem início em 2004, primeiro ano do Revelando os Brasis, até maio de 2009, véspera do circuito de exibição do terceiro ano do projeto. Pela natureza da minha dissertação, optei por uma pesquisa baseada na experiência como participante do Revelando os Brasis, além de pesquisa exploratória a partir de referenciais bibliográficos nas áreas de cinema, audiovisual, cultura, identidade e diversidade cultural; e referenciais documentais da produção audiovisual dos quarenta vídeos selecionados na primeira edição do projeto, ano em que participei. Como complemento deste estudo também fiz uso das entrevistas realizadas por Carla Camurati para a série de programas exibidos no Canal Futura com todos os diretores dos vídeos e alguns personagens.

Entretanto, meu principal material referencial foram as entrevistas realizadas com todos os selecionados da primeira edição do Revelando os Brasis, gravadas entre 01 e 07 de novembro de 2005, período em que os participantes se reencontraram para o lançamento nacional dos vídeos e gravação dos programas do Canal Futura. Outra importante fonte de pesquisa foi o Instituto Marlim Azul, instituição escolhida pelo Ministério da Cultura para gerir o Revelando os Brasis que me disponibilizou resumo dos vídeos, pesquisas, informações sobre os participantes, dados sobre as três edições do

projeto, além de contatos atualizados dos outros 39 *revelandos* do Ano 1, que me possibilitou atualizar informações ainda neste terceiro bimestre de 2009. Também assisti a todos os quarenta vídeos produzidos na primeira edição do projeto e alguns outros da segunda e terceira edições.

Estudar o Revelando os Brasis foi por mim considerado relevante por se tratar de um projeto que registra a memória do nosso país; é um produto audiovisual, isto é, uma linguagem cada vez mais acessível pelo desenvolvimento da tecnologia; reflete um momento importante da política pública do setor, com a crescente democratização da produção a partir de uma política ministerial de editais; é um registro da pluralidade brasileira através do olhar da própria comunidade; é mais uma manifestação artística que teve como resultado não só o produto em si, mas também valores agregados de crescimento pessoal e desenvolvimento de auto-estima. Vários desses fatores podem ser percebidos na declaração de Gilmar Rogério Wendel, um agricultor de Arroio do Tigre (RS), membro militante do Movimento dos Sem-Terra – MST.

“Com certeza, dá pra ver algumas coisas diferentes. Não dá para acreditar que vai ser uma mudança radical na vida da gente. Isto seria ilusão, porque o projeto não previa isto. Mas possibilitou que a gente então, primeiro, tenha um conhecimento numa área que até então não tinha conhecimento nenhum; segundo, que a gente possa estar fazendo uma leitura, talvez não sei crítica, mas uma leitura mais real das produções audiovisuais, dos filmes. A gente liga a TV hoje, a gente já começa a dar conta de algumas coisas que a gente teve a oportunidade de fazer pra saber como é e mesmo para poder entender como é feita esta coisa de televisão, cinema; e terceiro, que as pessoas da minha comunidade, dos demais 39 projetos, se sentiram capazes de fazer algo inédito na vida, que ninguém tinha pensado em ficar de frente para uma câmera e hoje está tendo a oportunidade de estar sendo mostrado para o Brasil todo, contando sua história, com seu sotaque, com a sua mania, da sua maneira. Esse é o nosso Brasil”.

Pretendo, nas páginas que seguem, responder aos questionamentos que suscitaram o meu interesse por essa pesquisa: Como o Revelando os Brasis agiu na auto-estima dos selecionados? Que consciência de Brasil os participantes do projeto passaram a ter através do contato com outras culturas de forma interpessoal e audiovisual? O projeto

influenciou de alguma forma a relação com a própria cultura do participante? Como foi o processo de produção dos vídeos? Qual a importância dos frutos do projeto para o registro da memória e a consciência da diversidade cultural brasileira?

O audiovisual como linguagem será abordado neste projeto prioritariamente do ponto de vista do seu conteúdo, em detrimento da técnica, uma vez que não há como exigir perfeição técnica de pessoas que tiveram pouco mais de 40 horas de aulas preparatórias. Porém, é importante frisar que os vídeos do Revelando os Brasis em nada afrontam a técnica audiovisual, pelo contrário, muitas surpresas boas aconteceram.

A câmera foi apresentada aos participantes do projeto como uma caneta e a maioria, pela primeira vez, fez uso dela como instrumento pra contar uma história, em um universo que englobava desde um vaqueiro analfabeto da linguagem escrita a médico com diversas especializações. Pessoas que se propuseram a se distanciar da racionalidade das palavras para trabalhar com o gestual, o olhar, o ambiente em que seus personagens estavam inseridos. Usaram da sensibilidade que as emoções das imagens permitem e contaram para milhares de pessoas a sua história, da sua maneira, com as particularidades da sua região, como verdadeiros seres visuais, uma característica da nossa contemporaneidade.

Os gestos do homem visual não são feitos para transmitir conceitos que possam ser expressos por palavras, mas sim as experiências interiores, emoções não racionais que ficariam ainda sem expressão quando tudo o que pudesse ser dito fosse dito. Tais emoções repousam no nível mais profundo da alma e não podem ser expressas por palavras, que são meros reflexos de conceitos. [...] O que aparece na face e na expressão facial é uma experiência espiritual visualizada imediatamente, sem a mediação de palavras (BALÁZS, 2003, p. 78).

O PROJETO REVELANDO OS BRASIS

Aprendemos na escola que o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral no início do século XVI. Essa é história oficial do nosso descobrimento, mas, culturalmente, nosso imenso país ainda tem muito a ser desbravado. Para milhares de brasileiros, as diversas faces do país ainda são uma grande incógnita. E para ajudar a desvendar essa pluralidade, o Ministério da Cultura lançou em 2004, o projeto “Revelando os Brasis”, uma ação destinada a municípios de até 20 mil habitantes e cidadãos com idade acima de 18 anos, que resulta na produção de quarenta curtas-metragens por edição. O projeto traz à tona grandes histórias de pequenos lugares, assumindo um importante papel de agente difusor dos muitos Brasis que formam a identidade e a cultura nacionais. A intenção é que brasileiros das mais diversas etnias, crenças e tradições se reconheçam no material produzido pelo Revelando os Brasis. Esse reconhecimento pode vir tanto pela similaridade quanto pela diferença, pois como afirmam Silva e Onofre

o cinema é inegavelmente uma atividade cultural importante no sentido de reflexão de um determinado segmento social, ou até mesmo de vários segmentos, que vêm na tela não só entretenimento, mas também um espelho ficcional de seu cotidiano, de seus anseios, de seus problemas, de suas emoções e até mesmo de seus sonhos (SILVA; ONOFRE, 2008).

O Revelando os Brasis é uma parceria entre a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e o Instituto Marlin Azul, uma organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), sediada em Vitória-ES e responsável pela administração do projeto. A ação também tem o apoio do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), da Radiobras, da Petrobras e do Canal Futura. O projeto faz parte de um conjunto de ações que visam democratizar o acesso aos meios de produção audiovisual. Outro exemplo é o DOCTV.

De acordo com o Instituto Marlin Azul o objetivo geral² do Revelando os Brasis é “promover processos de inclusão e de formação audiovisuais através do estímulo à produção de vídeos digitais”. Os objetivos específicos, ainda segundo o Instituto, são:

² Os objetivos geral e específicos do Revelando os Brasis foram retirados de um relatório disponibilizado para esta pesquisa pelo Instituto Marlin Azul.

- Promover oficinas de introdução às técnicas e à linguagem audiovisuais para 40 autores, dando início a um processo de formação;
- Produzir vídeos digitais com até 15 minutos de duração a partir das histórias selecionadas em cada edição do projeto;
- Estimular os moradores das pequenas cidades a contar suas histórias, promovendo a criação de obras que retratem seu universo simbólico;
- Criar um acervo audiovisual nas pequenas cidades brasileiras;
- Incentivar o surgimento de agentes multiplicadores da cultura audiovisual nas comunidades;
- Estimular o interesse pela continuidade na formação audiovisual;
- Estimular a utilização do audiovisual em outras instâncias da vida na comunidade: projetos educativos, ações comunitárias etc.
- Criar um novo espaço de expressão para as populações das pequenas cidades brasileiras;
- Valorizar a identidade local, criando momentos de auto-reconhecimento;
- Fortalecer a auto-estima dos participantes e dos moradores das cidades;
- Estimular o interesse pelo audiovisual como instrumento para a preservação da cultura local;
- Possibilitar aos brasileiros o acesso a bens culturais que retratem a diversidade cultural, geográfica e histórica do País.

1.1 Divulgação

Divulgar o Projeto em cidades com menos de 20 mil habitantes foi o primeiro grande desafio do Revelando os Brasis. Para tal, o Instituto Marlin Azul procurou diferentes formas de comunicação para que o maior número possível de cidadãos tivessem conhecimento da existência do projeto. Bibliotecas públicas e agências dos Correios e do Banco do Nordeste receberam cartazes e fichas de inscrição. Também foi solicitado a essas

instituições o repasse do material promocional para rádios comunitárias e centros culturais do município. Além disso, foram realizadas chamadas nas TVs educativas e foi desenvolvido um plano de assessoria de comunicação para conseguir mídia espontânea em TV, rádio e internet. Em entrevista para o jornal carioca O Globo, a diretora do Instituto Marlin Azul, Beatriz Lindemberg, afirmou: “O mais difícil do processo foi a divulgação do projeto nos municípios, que fizemos com a ajuda de agências de correios e emissoras de rádio. A gente viu que era complicado convencer as pessoas de que elas eram o alvo do projeto” (LINDEMBERG, 2004).

Ao entrevistar os selecionados da primeira edição do projeto, pude perceber que todos os meios utilizados para sua divulgação surtiram efeito. Na Figura 1 é possível observar o quanto foi variada a forma com que eles tomaram conhecimento do Revelando os Brasis, contudo, o principal agente disseminador desta ação governamental foram os Correios.

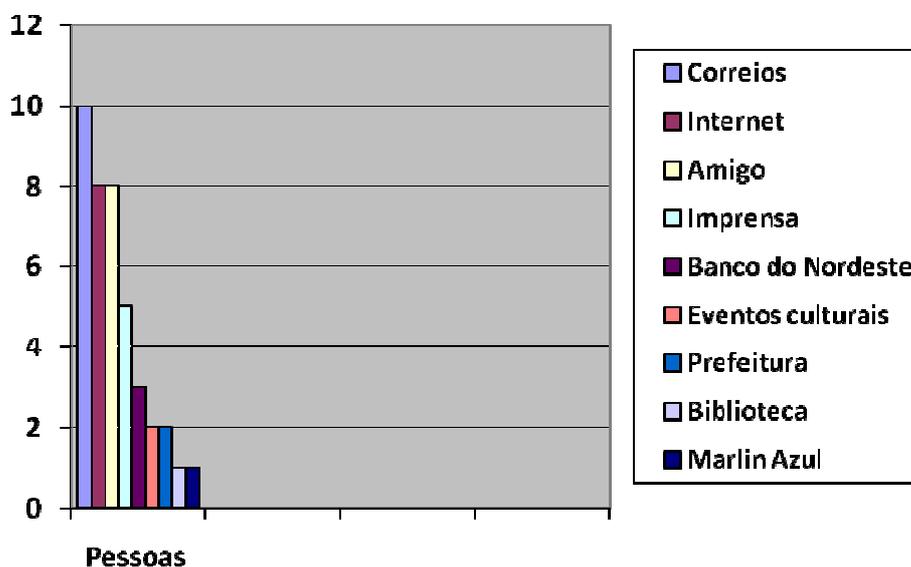


Figura 1 – Como cada selecionado ficou sabendo do Revelando os Brasis

Fonte: Dados obtidos a partir de entrevistas realizadas, para esta pesquisa, com os outros 39 participantes do Revelando os Brasis ano I, Rio de Janeiro, 2005.

Através do contato com os outros participantes do Revelando os Brasis 2004 pude perceber um sentimento comum, ao nos depararmos com o projeto. Foram vários os relatos, inclusive eu mesma compactuo com essa percepção, do surgimento de certo estranhamento por parte da proposta desta ação governamental. O fato do edital não exigir qualquer experiência na área e ter como processo de inscrição apenas o preenchimento de uma ficha cadastral e o envio de uma história de no máximo uma página, aumentavam a ‘desconfiança’ em relação à veracidade da ação. Neste período de inscrição também não era possível se encontrar muitos registros do projeto na mídia, o que só contribuía para um maior receio. Normalmente os editais públicos exigem preenchimento de extensos formulários e elaboração de um minucioso projeto, o que em nada se assemelha ao sistema adotado no Revelando os Brasis.

1.2 Seleção

De acordo com o Instituto Marlin Azul, no processo de escolha geral, a comissão de seleção teve a preocupação de mostrar a diversidade cultural brasileira e fazer uma distribuição equilibrada por todo o país e em distintas faixas etárias. Ainda segundo o Instituto, os critérios usados na triagem dos textos foram primordialmente, originalidade e viabilidade de produção. Para oferecer uma melhor leitura do perfil das histórias selecionadas no primeiro ano do projeto (2004), edição que dá sustentação ao estudo desta pesquisa, o Instituto Marlin Azul elaborou o seguinte Quadro:

Histórias sobre personagens populares das cidades	<ul style="list-style-type: none"> • Brilhantino (ES) • O Último tocador (ES) • O Sonho de Loreno (ES) • Uma pescadora rara no litoral do Ceará (CE) • Daqui nós não arreda o pé (MG) • Delinho (MG) • Documentário sobre Chico Abelha (SP) • Zé Leobino – 65 anos de Cavahada (SE) • Balandê/Baião (PI)
Estórias sobre a vida no sertão	<ul style="list-style-type: none"> • Esperança (CE) • Moinhos de tempo (BA) • Nelson (AL)
Estórias sobrenaturais e/ou sobre a morte	<ul style="list-style-type: none"> • Vida (MG) • A hora das almas (RJ) • Edilamar (SC) • As gêmeas de Paulo Lopes (SC) • Vida (MG)
Histórias sobre profissões	<ul style="list-style-type: none"> • Tropeiros (PE) • Um dia na vida de uma marisqueira (PB)
As cidades são os personagens	<ul style="list-style-type: none"> • São Luiz de rabo e chifre (SP) • Nativos, alternativos (BA) • Borboletas (AL) • Pipa, praia em poesia (RN) • Aquele apito do trem (RO) • Corguinho e seus ETs (MS)
Um Brasil de várias origens	<ul style="list-style-type: none"> • Bate-Paus (ES) • Mata... Céu... E Negros! (SC)
Sociedades alternativas	<ul style="list-style-type: none"> • Documentário sobre Chico Abelha (SP) • Nativos, alternativos (BA)
Cultura popular e religiosidade	<ul style="list-style-type: none"> • São Luiz de rabo e chifre (SP) • Memória bendita (PB) • Balandê/Baião (PI) • Zé Leobino – 65 Anos de Cavahada (SE) • Nelson (AL)
Vídeos que retratam momentos históricos	<ul style="list-style-type: none"> • Cadê Calabar? (AL) • O santo que foi condenado (BA) • O grito de bamo (RS)
Lendas	<ul style="list-style-type: none"> • Extraordinárias estórias em Manecos (PB)

	<ul style="list-style-type: none"> • Terra Santa (PA) • Matinta-Perera (AM)
Ficção que também ajuda a revelar o Brasil	<ul style="list-style-type: none"> • Esperança (CE) • Vida (MG) • Edilamar (SC) • Moinhos de tempo (BA) • Nelson (AL) • A hora das almas (RJ) • O quadro (MT) • O assalto (PB) • O bode do padre (PB) • Chouriço com queijo (RN) • O retorno do Zeca (RO) • O resgate de um sonho (PR) • Matinta-Perera (AM) • O valor da liberdade (BA)

Figura 2 – Divisão dos vídeos da primeira edição do Revelando os Brasis por tema³

Fonte: Instituto Marlin Azul.

Na primeira edição do Revelando os Brasis, 417 histórias estavam de acordo com o regulamento e foram avaliadas pela comissão julgadora, formada por professores e profissionais da área de cinema e vídeo (Ver Anexo 1 – Comissão de Seleção).

Como previsto, foram selecionadas quarenta histórias, que representaram 21 Estados do país. A Paraíba foi o que mais teve textos escolhidos (cinco). O Espírito Santo e a Bahia vêm em segundo lugar, com quatro histórias. Santa Catarina, Alagoas e Minas Gerais tiveram três representantes cada um. Ceará, São Paulo e Rio Grande do Norte emplacaram dois textos. Rio de Janeiro, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Pará, Roraima, Sergipe, Rondônia, Pernambuco, Paraná, Amazonas e Piauí tiveram, individualmente, uma história selecionada.

Como mostra a Tabela 1, regionalmente, o Nordeste tem se destacado desde a primeira edição do Revelando os Brasis, com um grande número de projetos aprovados.

³ Alguns vídeos se enquadram em mais de uma opção temática, dessa forma, aparecem repetidamente em categorias distintas.

Tabela 1 – Participação das Regiões no Revelando os Brasis

Revelando os Brasis I, II e III	
Região	Vídeos Realizados
Norte	14
Nordeste	48
Sudeste	33
Sul	17
Centro-Oeste	07
Total	119⁴

Na segunda edição do Revelando os Brasis, 870 (oitocentas e setenta) histórias chegaram para análise da comissão julgadora. Na terceira edição, fase atual do projeto, foram 671 (seiscentas e setenta e uma). Somando as três realizações do projeto, Bahia e Minas Gerais dividem o posto de primeiro lugar em número de projetos selecionados, contabilizando doze vídeos cada um. Para ver o número de selecionados por estado, em cada edição, checar o “Anexo 2”.

1.3 A Oficina de Preparação

O primeiro passo para a produção dos vídeos, após a seleção dos inscritos, foi a oficina de capacitação que aconteceu entre os dias 22 e 29 de novembro de 2004 no Rio de

⁴ Na segunda edição do Revelando os Brasis, um vídeo deixou de se realizar. A pessoa selecionada participou da oficina, mas antes de começar a gravação o personagem que era o tema central do seu filme faleceu.

Janeiro. As aulas ocorreram nos períodos da manhã e tarde em salas no próprio hotel onde estávamos hospedados. Divididos em quatro turmas, recebemos noções de roteiro, operação de câmera, som e produção.

Este período de capacitação foi bastante corrido. Era muita coisa a ser ensinada de uma só vez e de forma intensiva. Aqueles que realmente não tinham conhecimento algum na área audiovisual pareciam bastante tensos no início das aulas. Ao aportarem no hotel, o que tinham basicamente era uma história que deveria ser transformada em vídeo, sem ter a mínima idéia do processo que os levaria a tal fim. No decorrer da oficina, tudo foi ficando mais claro, o que também diminuiu o nervosismo que predominava nos dois primeiros dias, como declara o agricultor Gilmar Rogério Wendel: *“antes eu estava muito angustiado. Pensava: como se prepara um filme? Como prepara um roteiro? Como se monta um cenário? Como se posicionar na frente da câmera? Toda essa coisa, depois desse trabalho se tornou mais fácil, consegui compreender um pouco”*.

A oficina de melhor aproveitamento foi sem dúvida a de roteiro, pois era essa a maior preocupação dos selecionados. Afinal a grande dúvida era como transformar sua idéia em um produto audiovisual e a primeira coisa que foi ensinada é que tudo começava com um roteiro, portanto, foi aí que a maioria dedicou sua concentração. As aulas de produção também foram de extrema importância, pois abordava justamente como tornar viáveis as indicações do roteiro. O resultado é que a maioria dos participantes saiu do Rio de Janeiro com um roteiro pronto e uma boa noção de um plano de produção. Antônio Noronha Pessoa Filho foi uma dessas pessoas: *“as aulas melhoraram muito minha visão em relação ao que eu iria fazer no documentário. Eu não sabia direito como iria fazer, eu tinha um esqueleto na cabeça, um esboço e a partir da conversa com eles é que nós fomos bolando o roteiro definitivo”*.



Figura 3 – Oficina de Roteiro com o Professor Léo Copello

Fonte: Arquivo pessoal

As aulas de câmera, som e edição eram de onde vinham as grandes novidades. A maioria dos participantes nunca tinham tido a oportunidade de manusear câmeras, microfones e outros equipamentos, que estavam ali à disposição de todos, sob a orientação dos professores. Apesar dessas oficinas chamarem bastante atenção, e serem fundamentais para um melhor entendimento do processo de produção de um vídeo, os selecionados sabiam que não sairiam dali capacitados para operar qualquer um daqueles equipamentos, até porque seriam contratados profissionais para tais funções. O sentido era realmente familiarizá-los com toda essa parte técnica, o que seria fundamental quando estivessem dirigindo seus curtas. Os próprios alunos entenderam esse sentido, como demonstra Laércio Ferreira Oliveira Filho: *“Eu achei que as aulas de câmeras foram muito poucas, eu percebi que não ia dar para captar muitas coisas e preferi não adentrar nessa questão. Então eu me dediquei mais à parte de roteiro e produção. Eu gosto de escrever, escrevo alguma coisa, já fiz teatro antes, então foi a coisa que mais me chamou a atenção assim, o que eu mais gostei de fazer, mais aprendi”*.

Para uma melhor compreensão desta fase didática do Revelando os Brasis, segue abaixo um resumo de cada oficina. Para conhecer o quadro docente, ver “Anexo 3”.

- Oficina de Roteiro: O objetivo desta oficina era fazer com que cada participante saísse do Rio de Janeiro com o roteiro do seu vídeo formatado. Além de

questões teóricas de roteiro, o professor discutia, juntamente com os outros participantes, caminhos que cada roteiro poderia ter de acordo com a história apresentada e a viabilidade de produção. Como muitos participantes nunca tinham produzido nada na área do audiovisual, o professor estimulava a construção de cada roteiro também em imagem, para que o que fosse pensado estivesse dentro de uma possibilidade real de produção. As aulas de roteiro aconteceram durante todo o curso com duração de quatro horas diárias.

- Operação de Câmera: Não se pretendia formar nessa oficina nenhum cinegrafista profissional. A grande intenção era aproximar os futuros diretores desse equipamento essencial para o seu vídeo, uma vez que a maioria dos participantes não tinha a mínima intimidade com uma câmera de vídeo. Além de comandos básicos do equipamento também foram repassadas lições sobre enquadramento, planos, movimentos de câmera etc. Os alunos eram encorajados a operar a câmera e colocar em prática o que estava sendo explicado na teoria. Em cada sala haviam 2 Sony PD 170. Durante essa oficina também foram apresentadas noções básicas de edição. E com um *notebook*, o professor editou, em uma das aulas, parte do material que havia sido filmado pelos alunos.

- Oficina de Som: Os alunos foram apresentados aos diversos tipos de microfones e puderam entender um pouco da funcionalidade de cada um para assim decidir qual se adequava melhor ao que estava sendo proposto em seu vídeo. Em sala de aula foram feitas experiências com microfone de lapela, de mão e boom. Algumas gravações também foram feitas em externas, tudo sendo operacionalizado pelos alunos. A partir destas gravações eram discutidas questões como ruídos, posicionamento do microfone, escolha do equipamento etc.

- Produção: Nas aulas de produção foi repassada a importância de se preocupar com detalhes de locação, figurino, preparação de atores (quando havia essa necessidade), trabalho em equipe etc. Também foi discutida aqui a importância das autorizações e as situações que necessitavam que este documento fosse preenchido. Os vídeos quase não tinham verba de produção, portanto os alunos eram orientados sobre como conseguir apoio na própria comunidade, inclusive para atingir um dos objetivos do projeto, que é o envolvimento da população local na preparação e produção do vídeo. O período negociado com as produtoras para a produção dos vídeos era de sete dias para as

gravações e o mesmo período para a edição. Para ajudar a cumprir esse prazo, os alunos foram apresentados a uma tabela de produção onde todos os dias deveriam estar bem planejados para que o produto final do vídeo não fosse prejudicado por falta de cálculo das necessidades e possíveis imprevistos.

Além dos conhecimentos obtidos em sala de aula, alguns futuros diretores também se fizeram valer de técnicas pessoais para o desenvolvimento do roteiro e direcionamento das filmagens. O mineiro Eduardo dos Reis foi um desses exemplos, como ele mesmo relata: *“na semana que passei aqui no Rio, me preparei um pouco, mas segui realmente o meu instinto, pois fiquei um pouco confuso com essa questão de plano, enquadramento, aí resolvi fazer do meu jeito e pensei ‘seja o que Deus quiser’.* Eu fiz um mapa próprio, com imagens numeradas. Eu separei o filme em 15 seqüências e cada uma em até cinqüenta imagens, que depois eu vi que cada imagem correspondia aos cortes, que valeu mais na edição que na gravação. Aí na hora a gente separava por grupinho de acordo com o lugar que ia gravar. Gastei muito tempo no planejamento, desenhei muito, mas preferi que fosse assim, no meu ritmo”. Na verdade o que Eduardo preparou foi um storyboard, ainda que não tivesse consciência técnica desta sua ação.

Durante o curso preparatório no Rio de Janeiro, também foi organizado um encontro com o ministro da Cultura Gilberto Gil, o Secretário do Audiovisual Orlando Senna e o cineasta Nelson Pereira dos Santos, considerado o padrinho do projeto. Os três enfatizaram a importância de se mostrar a pluralidade brasileira a partir do ponto de vista dos cidadãos ali presentes, através de uma linguagem extremamente atual, como é a do audiovisual.

Este mesmo enfoque também foi o escolhido por Gilberto Gil para apresentar o catálogo dos selecionados e dos vídeos desta primeira edição do projeto. Para o ex-ministro da cultura, a força do Revelando os Brasis está, principalmente, na possibilidade que cada selecionado está tendo de mostrar sua cultura conforme ele a vê, ou gostaria que ela fosse, uma oportunidade que ele considera vital.

O nome deste programa não poderia ser mais adequado e significativo. Ao incorporar a palavra “revelação”, remete a um dos textos fundamentais da Bíblia, marco do repertório cultural da humanidade. A revelação

bíblica, associada à gênese, representa um dos movimentos vitais da cultura e, portanto, dos seres humanos, refiro-me ao ato (ou ao efeito) de fazer-se ver, e de fazer-se compreender, ao mesmo tempo em que se é visto, e compreendido. O ato (ou efeito) de nascer para o outro. E de assim renascer.

Trata-se, portanto, da ação de se fazer ver como se é, ou como se gostaria de ser; de apresentar-se, e de apresentar aos demais, os valores, os signos, as contradições, as singularidades com os quais e as quais se vive, se sente e se relaciona. E ao mencionar o nosso país no plural, o programa assume a diversidade, a multiplicidade que nos forma, impulsiona e identifica. Os Brasis de cada um, de cada grupo, de cada comunidade, de cada expressão, de cada gênero, de cada estilo, de todos nós (GIL, 2005, p. 7).



Figura 4 – Mentores do projeto recebem os selecionados no Palácio Gustavo Capanema (RJ)

Foto: Arquivo pessoal.

O período que os selecionados passaram no Rio de Janeiro para a temporada de cursos foi onde aconteceu, de forma mais intensa, o contato com a organização do projeto, as diretoras do Instituto Marlin Azul Beatriz Lindemberg e Lúcia Caus e, principalmente, os produtores Leonardo Gomes, Ylênia Silva e Gabriela Nogueira, que eram sempre muito prestativos e dedicados a atender nossos pedidos e resolver nossas dúvidas. Apesar da boa vontade, nem sempre a equipe estava apta a esclarecer nossos questionamentos. Era muita coisa acontecendo paralelamente, por exemplo, enquanto a equipe se dedicava a atender as

demandas diárias do período da oficina, também estava iniciando os primeiros contatos com as produtoras que iriam realizar os vídeos em cada cidade.

Dessa forma, pode-se afirmar que a execução do projeto, em alguns momentos deixou a desejar, o que pode ter sido ocasionado pela novidade de todo o processo, como também destaca Uiara Maria Carneiro Cunha. *“Existia uma inexperiência dos produtores e uma inexperiência dos alunos. Inexperiências juntas criaram insegurança grande. Agora da mesma forma que acho isso, acho que tem que descentralizar a produção. Por que sempre Rio e São Paulo? Tem que ir pro Nordeste, para o Espírito Santo⁵, nesse ponto de vista, mesmo que tenha tido a inexperiência da equipe de produção, eu acho que foi positivo. Nesse próximo ano agora eles vão estar mais experientes e ser (sic) mais eficientes pra turma que vai vir”*.

O Revelando os Brasis é um projeto grande, ousado, que realmente exige uma meticulosa acuidade organizacional. Trazer 40 cidadãos brasileiros dos mais diversos cantos do país e administrar as demandas de cada um com suas respectivas culturas era realmente um desafio para os organizadores. Além disso, era muita novidade de uma só vez, o que também gera mais demanda de trabalho. Para os alunos o novo estava presente nas aulas, nos professores, nos colegas, até mesmo na hospedagem em um hotel e na viagem de avião. Assim, muitas eram as dúvidas, as inseguranças, os questionamentos. Para a produção também faltava experiência em lidar com um grupo tão numeroso e diversificado, intensificado pelo fato de estarem sob sua responsabilidade 24 horas por dia durante o período das oficinas.

Uma ação com as características do Revelando os Brasis exige um alto nível de produção e por ser uma proposta com várias características inovadoras, faltou à equipe realmente uma vivência prévia que os habilitasse a lidar com todas as situações que o projeto exigia. Mas vários contratempos poderiam ter sido minimizados com um melhor planejamento. Uma antecipação teórica de possíveis contratempos e como solucioná-los, e uma premeditação mais apurada de todas as necessidades que o projeto iria apresentar.

⁵ Uiara Cunha faz essa referência porque o Instituto Marlin Azul está localizado no Espírito Santo, isto é, fora do eixo Rio-São Paulo, de onde normalmente são escolhidas as instituições que gerenciam grandes projetos nacionais.

Outros selecionados também compartilham da mesma opinião, como Eduardo Silva dos Reis: *“o primeiro ano é uma experiência nova pra todos, até pra eles. Mas podia ter sido melhor, podia ter começado antes digamos assim, eles podiam ter vindo com um ano de preparação pra começar e quando começar já tava (sic) tudo pronto, quando lançasse a inscrição já tava tudo pronto e, como podemos ver, a inscrição foi o começo de tudo e aí eles tiveram que se arrumar junto com a correria do processo. Faltou experiência que é o que eles têm agora”*.

Uma questão que deixou a desejar neste primeiro ano do projeto foi a comunicação. Desde a etapa da seleção, até o período do circuito de exibição dos vídeos, a comunicação e explicação aos selecionados sobre as etapas em que estavam inseridos foram quase sempre deficientes. Em algumas fases do projeto, esta falha até se admite, uma vez que elementos surgiram já com a ação em andamento, como um novo encontro entre os selecionados para a gravação do Programa no Canal Futura e o Circuito de Exibição dos Vídeos nos municípios participantes do projeto. Estas duas iniciativas surgiram como componentes surpresa, ainda que fossem objetos de desejo por parte da organização, não existia uma previsão real de que acontecessem, o que explica a carência de informações mais detalhadas para os selecionados.

Por outro lado, fases previsíveis do projeto também tiveram imperfeições nos diálogos. Quando recebemos o comunicado que havíamos sido selecionados, por exemplo, não nos foi informada a data da viagem para o Rio de Janeiro. Quando esta foi marcada e até chegarmos lá, nada sabíamos sobre o conteúdo dos cursos. Com essas comunicações esporádicas e pouco detalhadas, reforçada pela pouca quantidade de reportagens na mídia, só fui realmente acreditar na seriedade do projeto quando cheguei ao hotel no Rio de Janeiro e encontrei os outros 39 selecionados. Esse sentimento foi comum a vários outros participantes, conforme comprovei em conversas posteriores. Durante a oficina, nada nos foi informado sobre as produtoras que iriam realizar os vídeos, apenas fomos comunicados que elas seriam escolhidas pela própria organização. Nos estados onde eles não tinham contatos efetivos de profissionais na área do audiovisual foi pedida sugestão aos selecionados. No meu caso, por exemplo, a produtora que indiquei foi a escolhida para realizar não só o meu vídeo, mas também os de outros estados do Nordeste.

Do mesmo modo, voltamos para os nossos municípios sem saber quanto dispúnhamos para o gasto com produção, e sem a confirmação da empresa produtora. Esta foi definida cerca de 10 dias depois do término da oficina. Nas edições seguintes do Revelando os Brasis os próprios participantes puderam escolher as produtoras de vídeo que gostariam de trabalhar, ainda assim permaneceram alguns problemas de falta de comunicação, como declara Ariane Stigger, selecionada da segunda edição do projeto: *“Faltou transparência em relação a valores. Saímos do Rio de Janeiro sem saber quanto tínhamos pra gastar na produção. Só fomos saber os valores da produtora depois, por telefone e também nunca nos foi explicado tudo o que o projeto engloba financeiramente de forma geral. Esta questão de impor à produtora, também ia acontecendo em nossa edição, mas como não estava escrito no regulamento, conseguimos o direito de fazer essa escolha”*⁶.

Os valores pagos às produtoras de vídeo também sofreram alterações a cada nova edição, indo de seis mil reais, para oito mil reais e treze mil reais, respectivamente. A Oficina de Produção de Vídeo realizada no Rio de Janeiro também recebeu melhoramentos a cada nova edição do projeto, através da adição de mais cursos preparatórios.

A oficina do segundo ano do Revelando os Brasis aconteceu de 19 a 30 de junho de 2006, sob a coordenação de Tetê Mattos e reuniu os seguintes cursos: Fotografia e câmera para documentário, Direção de arte, Roteiro e direção para documentário, Produção para documentário, Mobilização, Roteiro e direção para ficção, Som, Edição para ficção, Roteiro e direção para documentário, Edição para documentário, Produção para ficção, Fotografia e câmera para ficção, Roteiro e direção para ficção e Direito autoral.

Na terceira edição do projeto, além de todos os cursos realizados no ano anterior foi acrescido o de Comunicação Colaborativa e as aulas foram ministradas entre os dias 24 de junho e 05 de agosto de 2008.

⁶ Ariane Stigger é autora do documentário “Chuí, a Babel Brasileira” (Chuí, RS). Depoimento concedido para esta pesquisa por telefone no dia 28 de abril de 2009.

1.4 Etapa de Produção

A maioria dos quarenta selecionados saiu do Rio de Janeiro com o roteiro pronto ou faltando apenas pequenos ajustes, outro tratamento. De volta as suas cidades, chegara o momento de escolher e preparar atores, personagens, figurinos, locações e tudo o mais que foi identificado durante a oficina para que o vídeo fosse viabilizado.

A partir desse momento também, a comunidade passou a se envolver de forma mais direta no processo. Conforme as orientações do curso de produção era preciso atrair o maior número de parcerias possíveis e em diferentes setores como comércio, prefeitura municipal, escolas, restaurantes etc., de acordo com as necessidades de cada vídeo. Como também não havia uma verba estipulada de produção, essas sociedades eram de extrema importância para o andamento do projeto.

Aqui começaram a surgir os primeiros desafios, alguns até bem inusitados em um processo de produção, como o vivido pela baiana Maria Valdete Cunha, baseado em questões religiosas. Seu curta recontava um fato histórico do seu município, a condenação de um santo pela justiça local e um dos seus atores desistiu temendo castigo divino: *“o rapaz que ficou certo de fazer o juiz, ele simplesmente chegou afônico me dizendo que preferia não fazer aquele papel, que aquilo tem uma carga negativa muito grande e que ele não queria proferir aquela palavra e acabou desistindo. Foi o momento assim pior, uns dos piores até porque eu comecei a sentir o peso realmente da história, o peso de estar fazendo aquele trabalho e comecei a me questionar: ‘puxa vida, será que eu tô (sic) profanando? Será que realmente eu tô (sic) indo pelo caminho errado’? E o resultado de tudo, que pela minha crença, acabei fazendo até uma trezena a Santo Antônio pra ele interferir lá. Lá em cima”*.

Outras pessoas pareciam ter desafios bem mais difíceis de resolver, entretanto o desdobramento foi bastante tranquilo, como exemplo, o diretor Manoel Marques. No seu roteiro, um pintor solitário se dedica a uma obra especial: à pintura de uma mulher nua deitada em um ambiente que parece sua casa, fruto do seu desejo aflorado de ter uma companhia. Um dia esse quadro ganha vida e a mulher sai da tela; para tal, Manoel precisaria achar uma mulher na comunidade que topasse fazer esse papel. Só depois do

roteiro pronto, o diretor foi se dá conta do tamanho do problema. Conversando com algumas pessoas descobriu uma mulher que sonhava em ser atriz. Ele então fez a ela o convite, que, pra sua surpresa e alívio, aceitou. Antes do vídeo ficar pronto, o material já movimentou toda a cidade. “*A comunidade está supercuriosa, principalmente em ver a Ivete nua, inclusive o pessoal está querendo comprar cópia do vídeo*”, lembra sorridente, Manoel Marques.



Figura 5 – Foto tirada durante as filmagens de “O Quadro”

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Durante este período os selecionados usaram bastante a criatividade para resolver seus problemas de produção. Teve gente que chamou entrevistado através da rádio comunitária; outros que foram fazer teste de elenco com crianças nas escolas; diretor que mobilizou o pessoal da terceira idade em busca de figurino, etc. O comprometimento de cada realizador com sua obra estava explícito através do empenho em articular tudo o que fosse preciso para cumprir o orientado pelo roteiro. Porém, muitos reclamaram que este acabou sendo um processo solitário de esforços. Ronaldo de Jesus, foi um deles: “*Não gostei, me senti meio que órfão do projeto, sabe? Senti que fiquei perdido durante a produção do vídeo. Consegui uma produtora três dias antes de começar a filmar e não senti um empenho maior das pessoas da organização no sentido de ligar e perguntar o que estava acontecendo, o que estava precisando*”.

Vanessa Oliveira relembra uma deficiência do projeto, que foi sentida por vários realizadores: *“achei que o orçamento devia ser melhor estipulado no sentido de ver os gastos depois da produção do vídeo, como telefone, gasolina, coisas que acabariam vindo depois, independente da produção já feita, faltou um pouco disso. Todo mundo reclamou muito do telefone, principalmente as pessoas que não moram mais onde foi feito o vídeo. Ou gastava com gasolina ou com telefone, acho que isso foi uma dificuldade imensa pra todo mundo”*.

A falta de um acompanhamento mais efetivo nesse momento pós-oficina foi sentido realmente por vários selecionados. A paraibana Maria José relata que essa falha marcou o projeto como um todo: *“pra mim, o ponto negativo do projeto é a questão da falta de apoio que poderia ter sido um pouco mais aconchegante. Ficou meio distante, poderia ser mais maternal, procurar envolver mais, procurar dar mais apoio”*.

Por outro lado, quando o assunto era o apoio dado pela comunidade, foi quase unânime os elogios e a gratidão para os moradores das cidades onde aconteceram as gravações. Para Ronaldo de Jesus, a falta de apoio que ele sentiu do projeto, foi superada pelo comprometimento da sua comunidade, como ele relata: *“Essa foi a surpresa mais agradável. A gente sai do Rio de Janeiro com um certo orgulho por ter sido selecionado, mas quando cheguei na (sic) minha cidade percebi verdadeiramente de quem era o filme. O fato de transformar um pouco da realidade do meu município, fazer uma pequena revolução cultural, ver todas as pessoas se mobilizando. Foi só surpresas e levo de melhor essa experiência do Revelando os Brasis”*. Para Cláudia Aguirre, a receptividade da comunidade que ela escolheu retratar também foi um fato marcante do seu processo produtivo e um grande facilitador para que o vídeo acontecesse. Cláudia mostrou em seu documentário, um povoado de negros que residem no interior de Santa Catarina. Para ela *“foi fácilimo transformar a história em documentário, pois as pessoas estavam muito predispostas, muito disponíveis pra falar sobre isso. Eu acho que porque nunca tinham tido essa oportunidade antes, então quando chega o momento de alguma maneira representar o município onde se mora, o lugar onde se nasceu e trazer à tona as memórias dos avós, dos bisavós, pais, enfim, falar de preconceito no Brasil, no Estado mais branco do Brasil, onde se supõe que nada aconteceu, onde as histórias parecem distantes, né? Parece que*

aconteceu só no Nordeste, que foi uma coisa muito distante do Sul. Então eu acho que havia uma predisposição muito grande, era muito latente a vontade de falar sobre isso”.



Figura 6 – Comunidade de negros retratada em documentário de Santa Catarina

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

1.5 Etapa de Filmagem

Cerca de duas semanas após o término dos cursos no Rio de Janeiro a maioria das produtoras tinham sido definidas pelo Instituto Marlin Azul e disponibilizadas para agendamento dos participantes do projeto. Os equipamentos incluídos no acordo eram os básicos para uma gravação: câmera Betacam, DVcam ou Mini-DV, microfones e luz. Qualquer equipamento mais sofisticado como grua ou trilho, deveria ser negociado entre cada diretor e a produtora.

Durante as aulas foi dada a orientação para que fossem usados sete dias de gravação, conforme estava na ficha de inscrição. A maioria dos diretores utilizou menos tempo, alguns porque o que estava previsto realmente foi cumprido, outros, por fatores externos. Eduardo dos Reis, diretor de “Vida”, uma ficção de uma narrativa bem construída e de muita sensibilidade, afirmou ter sido prejudicado durante esta fase do projeto pela falta

de disponibilidade da equipe de gravação em ficar todo o período a que ele teria direito, como ele mesmo relata: *“Tava escrito na ficha de inscrição de ficar sete dias, e vieram com a clara intenção de ficar apenas três dias, e pressionando para que tudo fosse feito nesses três dias. Aí eu teria como pedir mais dias, não teria motivo (sic). Eu entrei nessa, deveria ter brigado, isto foi uma falha minha. Era para ter feito pirraça, chorado, qualquer coisa, pra segurar eles todos os dias. Não fiz. Foram embora e eu fiquei sem algumas imagens que eu gostaria ter (sic) captado, repetido cenas, que eu tive cenas que ficaram fracas e eu não tinha uma cena extra para colocar no lugar. Então toda correria deles, da equipe especificamente de ter que ir embora. Não da equipe como um todo. Câmeras, assistente de produção, tava (sic) tranqüilos. O problema era a produção executiva que é o cargo que pressionava o tempo todo, pra acabar rápido, pra correr, pra fazer rápido, não repetir. Toda esta pressão deixou uns atores, que eram completamente iniciantes na história, deixou eles nervosos, ao ponto que eles só erravam, erravam. Por minha sorte os meninos eu tive tempo de preparar, porque se não fosse isto eles teriam errado também e aí não existia filme. Eles salvam o filme completamente”*.

Eduardo foi o único relato obtido nesta pesquisa de ter sofrido pressão para acabar antes do prazo a que tinha direito. O diretor afirma que no período de edição fez questão de usar todos os sete dias previstos no projeto. A mesma produtora responsável pelo curta de Eduardo dos Reis foi a disponibilizada para Jorge Kuster Jacob, que, diferente do colega, ficou bastante satisfeito com a atenção a ele prestada. Os dois diretores tiveram como produtora a equipe da própria instituição organizadora do Revelando os Brasis, a Marlin Azul. *“A equipe do Marlin Azul que foram (sic) filmar o meu vídeo, contribuíram muito, me ajudaram muito com sugestões, com muitas idéias, e discutiam essa idéias comigo. Num primeiro momento eu até fiquei com medo, achando que não ia vencer, que não era capaz de dirigir, de fazer os cortes necessários, fazer a edição dentro do estúdio. E aí eu contei com o apoio desses que são especialistas”* (Jorge Kuster Jacob).

Poucos foram os casos observados de realizadores que transferiram o poder de direção para a equipe de profissionais contratada. A maioria relata ter sido deixado muito à vontade para exercer a função que lhe era de direito, contudo, no vídeo de Gilmar Rogério Wendel, por exemplo, ele afirma ter preferido deixar a cargo dos profissionais, as decisões

de enquadramento, movimento de câmera e da própria condução narrativa. A propósito, o vídeo de Gilmar tem uma das mais belas fotografias da série de 40 curtas realizadas nessa primeira edição. O efeito de cinema que foi dado ao docudrama também deu um charme especial às imagens. Segundo Gilmar Wendel, *“Muitas coisas que a gente nem imaginava inserir no documentário foi possível através do conhecimento desses profissionais, como a cena do massacre em si. Eu não sabia como fazer aquilo, tinha uma enorme dificuldade de imaginar como tirar aquilo do papel e tornar em imagens, e aí, com o pessoal da produtora, trocamos umas idéias, eles passaram a experiência deles e aí foi possível. Também deixei a total escolha deles os equipamentos que a gente ia usar”*.



Figura 7 – Cena de “O Grito de Bamo”

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Trabalhar com um elenco formado principalmente por pessoas sem experiência no audiovisual, ou em qualquer outra expressão artística, foi uma realidade para a maioria dos diretores. Os atores eram garimpados em escolas, entre familiares e amigos, pessoas da comunidade que sonhavam em ser artistas. O alagoano Joaquim Alves de Oliveira Neto, utilizou em seu vídeo pessoas com e sem experiência e afirma ter aprovado essa prática: *“têm alguns atores profissionais e o resto são pessoas da comunidade que nunca tinham visto, que nunca entraram no cinema, mas o resultado foi muito bom. O povo quanto mais simples não tem pudor, e não tem censuras, autocensura. Se entrega. E eu acho que você deve preferir experiências assim com um povo mais simples. É só dar uma orientação básica, eles estão lá e dão conta do recado. O brasileiro é uma pessoa artística”*.

Um acontecimento presente durante a gravação de outro vídeo, no Estado do Paraná, ajuda a reforçar esse pensamento de Joaquim. Em “O Resgate de um Sonho”, da diretora Rosana Sales, uma cena de velório mobilizou diversos moradores da cidade. E dentro desse grupo estava uma senhora que, posteriormente deu a seguinte declaração à equipe do Revelando os Brasis: “Eu não esperava porque eu tava dentro da minha casa, me chamaram pra ir participar de um velório. E eu pensando que fosse um velório de verdade, lá em Maragogipe. E eu fui, eu como cantora de um coral, eu fui participar desse velório pensando que era pra levar até a pasta do coral e num era. Era uma participação num filme. Eu gostei muito”⁷.

O amazonense José Júnior Rodrigues Pinheiro também utilizou pessoas da própria comunidade como atores. E a explicação pra tal decisão é um reflexo de sua própria cultura, suas crenças e tradições. Segundo o diretor, os atores profissionais que estavam escalados para o vídeo, que já tinham inclusive tudo ensaiado, tiveram variados problemas nas vésperas da gravação, como carro quebrado, atraso pra pegar o barco etc., impossibilitando-os de participar. A solução encontrada foi escalar pessoas do próprio povoado onde já estavam instalados. Para ele, isso foi coisa da personagem principal do seu filme, a Matinta-Pereira (personagem que segundo a lenda vive na floresta e assusta moradores e caçadores). Pinheiro acredita ainda, ter recebido a “visita” de Matinta durante as filmagens, como declarou em entrevista para Carla Camurati. “Eu me arrepio até agora porque... é... a gente morou numa escola, né? E nessa escola era bem na beira de um rio e tava (sic) mata atrás. A gente estava bem envolvido pela Amazônia no filme. E quando era de manhã, no café da manhã da equipe, todo mundo dizendo que tinham ouvido portas sendo batidas, passos andando, assovios ao longe, batidas na parede e como isso era consenso geral a gente acreditou que por um momento ela foi sim visitar a locação” (PINHEIRO, 2005).

⁷ BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008b]. DVD 4.



Figura 8 – Criança escolhida no dia da gravação para assumir um dos papéis principais de “Matinta-Pereira”

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

O paraense Antônio Gato foi outro selecionado que teve o processo de filmagem influenciado pelas tradições do lugar onde mora. Seu documentário trás a tona a importância das lendas para a formação cultural de seu município e dentre elas, está a estória dos Três Pretinhos, um conto sobre três meninos que costumam aparecer em um determinado lugar do rio, adoecendo as crianças que estão por perto, dentro da água. O diretor explica: *“A lenda diz que quem toma banho no rio às seis horas da noite, pega justamente o olhado dos Três Pretinhos, fica doente, com febre, só faz dormir, pode até morrer se não for benzido. E eu estava muito preocupado, pois quando estávamos gravando com os três meninos que faziam os Três Pretinhos era 17h30 e se as mães deles chegassem iam brigar comigo, aí eu corri e acabei antes pra não ter perigo com a saúde deles”* (Antônio Luís Ferreira Gato).

Histórias como estas só reforçam o caráter da diversidade cultural do nosso país. O ato de gravar, de filmar tem uma série de procedimentos técnicos a serem cumpridos em qualquer lugar que seja. Costumeiramente surgem problemas e falhas do próprio processo de produção. Mas interferências como as relatadas acima, são reflexos da identidade cultural de um determinado lugar, o que lhes dá um caráter peculiar. É a junção dessas diferentes nuances que formam a cultura do nosso país.

1.6 Etapa de Edição

Após as gravações, os diretores dos vídeos viajavam para o local onde estava sediada a produtora para trabalhar no processo de edição que também deveria levar no máximo sete dias para ser concluído. Como é costume em toda obra audiovisual, este é um momento muito delicado, até de certo sofrimento, onde muita coisa tem que ser dispensada. Imagens, entrevistas, movimentos de câmera que, apesar de serem do agrado do diretor, são obrigadas a ficar de fora do produto final por que existe um limite de tempo a ser obedecido. No caso do Revelando os Brasis, 15 minutos.

Apesar da inexperiência da maioria dos diretores, o que implica em desconhecimento de como resolver algumas questões desse processo, o que pode deixá-lo mais difícil, os realizadores procuraram encarar esse momento com bastante otimismo, como demonstra Arthur Gomes dos Santos, em seu depoimento: *“uma dificuldade: o momento da edição, porque aí eu tinha que sentar junto com um sujeito acostumado a fazer as coisas e, de repente, eu ter que dizer pra ele: – Olhe isso aí, eu num sei, mas eu tô (sic) achando que não está legal e o cara começava a dar risada na minha cara, né? Porque, afinal de contas ele que era o profissional, mas, é... Eles até que foram bastante tolerantes comigo e em alguns momentos eles paravam, realmente, Arthur, veja direitinho, se é o que você ta querendo, se é isso mesmo, se você quer mudar alguma coisa”*.

Com os vídeos editados e finalizados, os diretores, já com uma experiência efetiva de uma produção audiovisual, dividiam as opiniões sobre todo o processo. Os relatos de graus de dificuldade, interferência da equipe da produtora ou outros fatores externos suscitavam as mais variadas opiniões. Sâmia Dias da Silva, por exemplo, moradora de Nova Mamoré (RO), foi uma das que se mostrou mais satisfeita com a vivência a que foi submetida: *“pra mim foi tranquilo, eu escolhi tudo, tudo que queria colocar. As imagens, as falas, porque é um documentário, então me respeitaram muito, me ajudaram muito, eu não tive essa dificuldade como tiveram as outras pessoas, fui bem tratada e respeitada também, isso que foi bacana”*.

Para outros diretores, as dificuldades foram esquecidas quando se depararam com o tão sonhado vídeo pronto. O que era apenas uma idéia ganhara o status de uma obra

audiovisual. E como relata Valbert Vago, este foi um momento inesquecível para os realizadores. *“Acho que o vídeo ficou um pouco a desejar ainda na parte de edição, mas quando eu vi o filme editado, todo direitinho quase que choro, eu não agüentei, foi muito emocionante, quase que choro de emoção quando vi o meu primeiro trabalho concluído”*.

Apesar do vídeo finalizado ser considerado um trabalho concluído, o final de todo esse processo se dá mesmo quando os curtas são apresentados para o público, aí sim, completando o ciclo a que sua existência está atrelada.

1.7 Etapa de Projeção e Circulação

“Para ser completa, uma obra de arte deve, cedo ou tarde, tornar atingível o mundo real de onde emergiu, e fazer vibrar a sensibilidade de pelo menos alguém em alguma parte” (STEPHENSON; DEBRIX, 1969, p. 22). Esta declaração é um resumo perfeito da última etapa do Revelando os Brasis. Depois de todo o período de preparação e produção, chega o momento dos quarenta curtas-metragens revelarem os Brasis captados pelo olhar dos cidadãos de diferentes regiões, classe social, idade, profissão.

Os vídeos produzidos pelo projeto possuem prioritariamente os seguintes destinos: exibição nas cidades, transmissão no Canal Futura, participação em mostras e festivais e reprodução em DVDs.

1.7.1 Circuito de Exibição nas Cidades

A cada edição do projeto, caminhões percorrem os estados que tiveram histórias selecionadas funcionando como um cinema itinerante. Cada caminhão contém 01 tela, 02 projetores e 200 cadeiras para acomodar o público.



Figura 9 – Tela, projetor, cadeiras e tapete, tudo organizado conforme a atmosfera de um cinema.

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Na primeira edição do Projeto, 25 mil quilômetros foram percorridos no país, num período de 72 dias. Dois caminhões percorreram rotas distintas e realizaram 61 sessões nos 40 municípios em que houve produção de vídeo e nas capitais dos estados representados no projeto, mais precisamente nos bairros periféricos onde normalmente há dificuldade no acesso a produções e a equipamentos audiovisuais. A Caravana teve início no dia 24 de maio de 2007 em Muqui, Espírito Santo. A média de espectadores por sessão, segundo o Instituto Marlin Azul, foi de 500 pessoas, totalizando cerca de 28 mil brasileiros que puderam ter acesso ao universo do cinema.



Figura 10 – Projeção de “Pipa, praia em Poesia” em Tibau do Sul (RN)

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Para o então Secretário do Audiovisual Orlando Senna, o retorno aos municípios é o grande diferencial do projeto. “Todos nós que estamos envolvidos com o programa, consideramos que esta fase em que os filmes são apresentados às populações das cidades onde eles foram feitos, a mais importante. No sentido de que é este momento em que se conserta a coisa mais importante desse programa, que é a comunidade se integrar de alguma maneira com o fazer audiovisual, não apenas a pessoa que fez o vídeo, as pessoas que fizeram o vídeo, mas toda a comunidade de onde o vídeo nasceu” (BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD Circuito de exibição nas cidades).

Este momento da exibição dos vídeos realmente se transforma em um grande evento nas cidades. Os personagens e diretores são tratados como celebridades. Moradores de todas as idades comparecem ao local da exibição e muitos, pela primeira vez, têm contato com o telão do cinema.

Durante o lançamento do documentário “O Bode do Padre”, em São Sebastião do Umbuzeiro (PB), dois depoimentos dados à equipe do Revelando os Brasis que estava registrando o circuito, mostram a importância desse retorno às comunidades. “Tenho 59 anos, vou fazer 60 este mês (julho/2007), no dia 08, domingo né? Nunca fui ao cinema”, declara uma moradora de Umbuzeiro. Em seguida, um adolescente complementa sua informação: “vamos dizer que 95% da cidade nunca foi ao cinema, não. Nem a entrada acho que a gente tem noção quanto é que custa” (BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008a]. DVD 6).



Figura 11 – Exibição do Documentário “Extraordinárias Estórias em Manecos” em Girinhém (PB)

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Além da exibição dos vídeos, normalmente também se apresentam atrações culturais dos municípios como grupos folclóricos e para-folclóricos, músicos, repentistas etc. Este canal de difusão, quando o projeto teve início, ainda era apenas parte de um planejamento. Durante a produção dos vídeos da primeira edição é que foi firmado um convênio com a Petrobras que possibilitou efetivamente mais esse crescimento do Revelando os Brasis. Um ganho extraordinário e um procedimento essencial, uma vez que o projeto tem o caráter de possibilitar que brasileiros de pequenas comunidades se reconheçam e se retratem em sua cultura, este retorno é a consolidação desse processo.

Ao se verem na tela, sejam eles mesmos, seja através da realidade projetada, os moradores sentem orgulho e se reconhecem enquanto cidadãos.

Para os diretores, o ciclo de produção efetivamente chega ao fim embalado por uma prazerosa sensação de dever cumprido, como garante Thales Gomes Camêllo da Costa, que representou o município de Capela: “pra mim hoje ver o pessoal se reconhecer, ver o pessoal gritar seu próprio nome, torcer por um, torcer por outro. Acho que, confesso que eu estou com uma sensação muito boa agora, um misto de alívio e de satisfação por ter conseguido pelo menos com que as pessoas se identificassem com a tela. Se ficou bom, ou ficou ruim, não importa mais, o importante é a identificação e que houve um sentimento de

entrega nesses 15 minutos” (BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD Circuito de exibição nas cidades).



Figura 12 – A chuva que caiu em Capela não foi suficiente para afastar os moradores durante a exibição de “Nelson”

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Na cidade de Carnaubeira da Penha, interior de Pernambuco, uma sessão extra de “Tropeiros” foi organizada na zona rural. O personagem principal do documentário fez questão de percorrer a região, convidando os moradores para este evento especial. Seu Alcindo dos Santos, 82 anos, fez a seguinte abordagem a uma das pessoas que ele visitou: “estou fazendo um convite porque lá em casa tem um filme muito interessante pra quem quer assistir, é tropeiro. É o meu filho, é diretor, tropeiro sou eu. Tá (sic) com um ano que esse trabalho está feito e está saindo no Brasil inteiro e até no estrangeiro. É um vídeo muito importante, principalmente pra Carnaubeira” (BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD Circuito de exibição nas cidades).

Os moradores dos sítios e fazendas atenderam ao chamado de Seu Alcindo e, à noite, chegavam ao local combinado, a pé, a cavalo, de carroça. Um agricultor, ao cruzar a câmera falou animado: “estamos indo pro cinema, levando esse garotinho aqui” e aponta para um menino de cerca de três anos de idade que vinha montado no lombo de um

jumento. A expressão de felicidade no rosto desse pessoal era latente. (BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD Circuito de exibição nas cidades).



Figura 13 – Sessão extra de “Tropeiros” na zona rural de Carnaubeira da Penha.

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Na segunda edição do Revelando os Brasis, mais um caminhão foi acrescentado à caravana, o que significa o acontecimento de três rotas simultâneas. Atualmente está acontecendo o circuito de exibição da terceira edição do projeto. O lançamento do circuito aconteceu no dia 14 de maio em Sapeaçu, Bahia.

1.7.2 Programa de Televisão

Em parceria com o Canal Futura, o projeto produz o Programa Revelando os Brasis. Com 30 minutos de duração, cada programa traz, além do vídeo, uma entrevista com o diretor, gravada em estúdio do Canal Futura (RJ). Nos programas, os realizadores contam suas experiências na produção e explicam como os filmes transformaram o cotidiano das localidades e das pessoas envolvidas com a realização.

A série Revelando os Brasis estreou no dia 10 de dezembro de 2005, quando foi ao ar o primeiro dos 37 programas da primeira edição do Projeto. Os programas, apresentados pela atriz e cineasta Carla Camurati, foram apresentados aos sábados (às 19h),

com reprises no domingo (às 15h30) e na terça-feira (às 23h), de dezembro de 2005 a agosto de 2006.

Desde o início do projeto, em 2004, que estava prevista a exibição dos vídeos pelo Canal Futura, mas uma grata surpresa para os participantes da primeira edição foi a comunicação, após a entrega dos vídeos, que todos iriam se reencontrar em novo evento no Rio de Janeiro para a gravação de entrevistas para os programas. Para o paraibano Laércio Ferreira Oliveira Filho, este momento também foi de muita aprendizagem: *“Eu achei esse segundo encontro talvez uma das coisas mais fantásticas do projeto, foi fantástico porque nós, justamente pela oportunidade de ver, de reafirmar esse intercâmbio cultural que o Revelando Brasil está proporcionando, que é uma coisa muito boa. E depois da gente poder ver aquela história que a gente viu no início, você vê como ficou pronto (sic). Eu estou me surpreendendo eu estou achando que o vídeo ficou muito melhor do que o que as pessoas tentavam passar para gente nas conversas. É um momento, eu acho que ímpar assim, ímpar mesmo. Eu vou ficar aqui até segunda-feira e até lá eu vou aprender muito, talvez até mais do que no próprio curso passado, porque agora é meio que prática, a gente está vendo o que poderia ser melhorado, o que poderia ter sido feito diferente, o que a gente vai poder fazer de diferente nos nossos vídeos”*.

No dia 28 de novembro de 2006, o Canal Futura passou a apresentar o Programa Revelando os Brasis Ano II, que foi ao ar entre novembro de 2006 e julho de 2007. A apresentação foi da jornalista Helena Lara Resende. Já os programas da terceira edição tiveram como apresentador o ator Ernesto Piccolo e começaram a ser exibidos em dezembro de 2008.

1.7.3 Participação em Mostras e Festivais de Cinema

O projeto promove articulações com a direção dos festivais, cineclubes e outras instituições para a difusão dos vídeos por meio de mostras especiais no Brasil e no exterior. Dentre alguns festivais e mostras que exibiram os vídeos do Revelando os Brasis estão o Festival de Brasília, Amazonas Film Festival, Goiânia Mostra Curtas, Mostra do Filme Etnográfico (RJ), Festival Internacional de Curtas-metragens (SP), Festival Internacional de

Cinema de Havana (Cuba), Jornada Internacional de Cinema da Bahia, Gramado Cine Vídeo (RS), Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e a Mostra Brasil Plural, que exhibe filmes brasileiros em cinemas da França, Alemanha, Suíça e Áustria.

O capixaba Jorge Jacob retratou em seu vídeo a cultura do seu povo, os pomeranos, grupo de descendentes de alemães que vivem no interior do Espírito Santo. Quando soube que seu curta iria ser exibido em um festival alemão, o diretor que pretendia mostrar a cultura pomerana para o Brasil, ultrapassou fronteiras que nunca imaginou. “Eu consegui mostrar lá pra Alemanha, que desconhece os pomeranos no Espírito Santo. Eu pude mostrar pra Alemanha um pouquinho da cultura pomerana que está aqui no Brasil e que não está lá. Isso foi muito importante nesse sentido”, afirma orgulhoso Jacob (BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD 1).

Já o pernambucano Arthur Gomes dos Santos teve a felicidade de ver seu documentário “Tropeiros” ser ovacionado em seu Estado e ainda arrebatar um prêmio especial do júri, como ele mesmo relata: *“Olhe, tem o festival de cinema de Pernambuco, né?! O Cine PE, aí eu entreguei esse vídeo, aí eu fiz a inscrição, mas sem acreditar que viesse a ser classificado e, de repente, alguém ligou pra mim: - ‘Olhe, venha trazer alguma fita aqui, seu vídeo está classificado’, aí veio outro arrepio, né?! Aí, veio a expectativa, não. O Cine PE é apresentado em teatro com capacidade pra 2.500 pessoas, e tal e tal... Então, eu já comecei a imaginar o que era apresentar o meu vídeo a um público de 3.000 pessoas. E fomos pra lá no dia e, fomos recebidos no domingo, final de tarde, a gente estima que tinha 3.000 pessoas, que tinha gente sentada pelas escadarias, procurando lugar e a gente quase que não conseguia sair de lá, e eu levei os tropeiros pra lá e apresentei eles ao público, e foi realmente uma festa. Aí, veio a segunda surpresa que foi no dia seguinte, que a gente voltou pra ver quem eram os premiados e nos chamaram pra dar o prêmio especial do júri, que aí fechou com chave de ouro”*.

1.7.4 DVD

Também faz parte do Projeto a reprodução dos vídeos em DVD para distribuição gratuita entre os selecionados, organizações sociais e culturais, bibliotecas,

universidades e cineclubes de todo o Brasil. No dia 20 de outubro de 2008, durante o lançamento dos vídeos da terceira edição do Projeto, no Rio de Janeiro, foi lançado o box com os sete DVDs do Revelando os Brasis Ano I. As caixas trazem os vídeos da primeira edição, entrevistas com os realizadores, bastidores das gravações e o *making of* das exibições que o projeto realiza nas cidades participantes.

1.8 Participação pessoal no Revelando os Brasis

Ao tomar conhecimento do Revelando os Brasis vi no projeto a grande oportunidade de mostrar para todo o país a Praia de Pipa-RN. Não só suas belezas ou atrativos turísticos, porque isso acontece a todo o momento nos mais diferentes veículos. Meu objetivo era resgatar a história da praia e fazer do vídeo um registro de memória. A história da minha família com a Praia de Pipa é de mais de quarenta anos e desde que nasci foi onde passei todos os veraneios⁸, carnavais, semanas santas e tantos outros feriados.

Escolha certa de centenas de mochileiros e surfistas nos anos 80, quando ainda era uma pequena vila de pescador, Pipa, hoje é o segundo destino turístico do Rio Grande do Norte, ficando atrás apenas de Natal, capital do Estado. A rotatividade de visitantes é muito alta. Diariamente são feitas ali centenas de fotos e filmagens, mas tudo isso vai embora junto com o turista. Além disso, a história da praia era cada vez menos conhecida e menos valorizada pelos mais jovens. Com o vídeo, poderia mais que registrar o cotidiano e os moradores do lugar, iria, principalmente, dar-lhes um retorno e documentar sua história.

O fio condutor do documentário são as poesias de Seu Antônio Pequeno, narradas por ele mesmo. Este agricultor e pescador, na época com 78 anos, é um dos principais representantes do lugar. Sem nunca ter ido à escola, não aprendeu a ler ou escrever, mas tem três livros de poesias publicados através de seus familiares. Investir na educação dos

⁸ Veraneiar, que se refere a viajar de férias no verão, é um ato extremamente comum no Nordeste, onde tradicionalmente as famílias de classe média e alta têm como segunda residência, uma casa na praia para os momentos de lazer.

filhos sempre foi uma prioridade pra Seu Antônio e um deles, professor aposentado da UFRN, transcreveu e organizou as poesias do pai para assim publicá-las.



Figura 14 – Seu Antônio Pequeno: personagem principal de *Pipa, Praia em Poesia*

Fonte: Arquivo Pessoal.

Além das poesias desse antigo pescador, o vídeo também trás depoimentos de outros moradores, veranistas e amantes do lugar. A narrativa é cronológica e faz alusão a fatos da história recente de Pipa como a chegada da água e da energia, o forró que era a única atração noturna do lugar, a descoberta da praia pelos surfistas e o crescimento da economia do turismo transformando o lugar num dos principais centros de gastronomia e vida noturna do Estado.

Assim como a maioria dos selecionados, elaborei o roteiro no Rio de Janeiro, ou melhor, dei um segundo tratamento, uma vez que já tinha esboçado a estrutura que gostaria de trabalhar. Entre a oficina e as gravações transcorreram cerca de duas semanas período em que o roteiro passou por mais um tratamento.

As filmagens aconteceram com tranquilidade e conforme o previsto, assim como a edição. Para a gravação utilizei cinco dias e na edição oito dias. A produtora responsável

pelo meu curta foi contratada para realizar outros sete vídeos no Nordeste. Um fator negativo desse acerto foi que alguns recursos utilizados por mim na edição foram copiados nos demais, como o filtro, o estilo do encerramento e o aumento de temperatura que dei nas imagens visando um maior contraste de cores. Só fui descobrir essas “coincidências” quando assisti aos demais vídeos no Rio de Janeiro.

A equipe de externa foi formada por mim (direção e produção), um cinegrafista, um técnico de áudio e um motorista. Também foi contratado um segundo cinegrafista que durante um dia fez imagens aquáticas conforme estava previsto no roteiro.



Figura 15 – Fase de Gravação do Documentário
“Pipa, praia em poesia”.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Foi muito gratificante ver a felicidade dos entrevistados em falar sobre a história do lugar e relembrar fatos já extintos, apesar de fazerem parte da história recente. No entanto, o dia em que realmente o vídeo alcançou seu objetivo foi quando foi projetado na praça da cidade. Antes do Circuito do Revelando os Brasis chegar à praia, ou melhor, antes de

sabermos que haveria este circuito de exibição, o vídeo foi mostrado aos moradores e turistas durante a edição do Festival Gastronômico de 2006.

Durante todo o meu processo produtivo sempre tive como público-alvo deste documentário os próprios moradores da praia. Gostaria que eles realmente se vissem ali, não só pelos seus rostos e as belas paisagens que compõem a natureza local, mas principalmente pelo resgate da história que está presente na formação cultural e social de cada um de nós. Foi muito gratificante ver a praça lotada e a emoção no rosto dos moradores. Cada novo rosto que aparecia na tela era motivo de agitação entre eles tentando identificar a pessoa na platéia. No final da exibição, além de conversarem sobre aqueles que tinham aparecido no vídeo também relembavam os fatos históricos que haviam sido abordados, ajudando a fortalecer a memória da região também através da oralidade.



Figura 16 – Projeção de “Pipa, praia em poesia” na praça principal da cidade.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Infelizmente não pude estar presente no dia oficial que “Pipa, praia em Poesia” foi exibido durante o circuito do Revelando os Brasis. Quando a data foi marcada eu havia

assumido um compromisso profissional em outro país e não podia quebrar o contrato. Posteriormente outras exposições aconteceram em diversos eventos no município.

Participar do Revelando os Brasis deu um novo rumo a minha carreira profissional, pois foi a partir da produção do documentário para o projeto que eu me estimei a continuar nesta área, abandonando a profissão de repórter e editora de programas de televisão. O projeto me ajudou a abrir a mente para outras possibilidades de atuação na área audiovisual. Como já mencionado no interior desta dissertação, após o Revelando os Brasis já produzi diversos outros documentários encomendados por instituições como Incra-RN, Fundag-SP, Polícia Militar do RN, Centro de Dirigentes Lojistas, dentre tantas outras. Ano passado (2008), venci o edital do IV DOCTV no Rio Grande do Norte com o projeto do documentário Sangue do Barro, uma parceria com outro colega diretor, Fábio DeSilva. Portanto, o Revelando os Brasis foi um projeto que realmente fez a diferença em minha vida profissional e pessoal, tendo sido um divisor de águas.

CONTEXTUALIZADO O REVELANDO OS BRASIS

Acessibilidade tem sido uma palavra-chave em vários setores do desenvolvimento humano e na cultura não é diferente. É de grande importância o contato com ações estruturantes, programas de incentivo, meios de preservação e promoção, e, em destaque, é essencial ter consciência da sua cultura e acesso à cultura do outro até como forma de afirmação da sua própria. E é dentro desse contexto da acessibilidade que eu apresento o Revelando os Brasis, um projeto que nasceu na Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura cuja principal característica é o fomento à inclusão e formação audiovisual através da produção de vídeos digitais, como explicou Orlando Senna, então Secretário do Audiovisual do Ministério da Cultura (Minc), durante evento de lançamento do Projeto, em Milagre – BA, no dia 11 de agosto de 2004.

O Revelando os Brasis é o instrumento efetivo para viabilizar a inclusão cultural de comunidades que sempre permaneceram à margem do processo produtivo dos bens audiovisuais. O direito constitucional de ter acesso à cultura audiovisual brasileira não é só ver filmes. Vamos colocar gente das pequenas comunidades em contato direto com a produção e, quem sabe, garimpar novos talentos (SENNÁ, 2005, p. 11).

Uma ação nos moldes do Revelando os Brasis era um desejo antigo de Orlando Senna, conforme ele declarou em vários momentos. Em uma de suas produções cinematográficas no interior do Nordeste, Senna fez a experiência de convidar pessoas da comunidade para fazer parte da produção em diferentes postos de trabalho. Desde então, o cineasta deu início a formatação de um projeto que aproximasse o audiovisual e moradores de pequenas comunidades. À frente da Secretaria, e com a ajuda de sua equipe e outros profissionais do cinema, como Nelson Pereira dos Santos, Orlando Senna criou o Revelando os Brasis, considerado na época “a menina-dos-olhos do Ministério”, como tantas vezes afirmou Gilberto Gil, que, durante a criação e as duas primeiras edições do projeto, ocupava a cadeira de Ministro da Cultura.

O Revelando os Brasis, projeto que segundo o Minc teve investimento de um milhão de reais, expande sua área de atuação para além do audiovisual, agindo também no

processo de integração cultural em outras frentes. O material produzido funciona como objeto de reflexão da cultura de quem o realizou e da cultura de quem o recebe. Em nosso país, é comum escutarmos a expressão “muitos Brasis” para se referir à diversidade de etnias, culturas, identidades, índices sociais e econômicos etc. Com projetos como este, é possibilitado um diálogo entre essas múltiplas diferenças que se identificam ou são tomadas por um sentimento de estranhamento ao se depararem com as diversas culturas apresentadas nos vídeos.

Como entendimento de cultura, utilizo o defendido por Clifford Geertz (apud DAUSTER, 2008), como uma “teia de significados”. É um conceito que vai muito além da arte e engloba nossa forma de vestir, falar, nossa culinária, nossas brincadeiras e conversas, nossas festas, memórias e tradições. A cultura se constrói no dia-a-dia e está permanentemente em movimento, assim como o conceito de identidade. Afirmção baseada nos estudos de Hall ([199-]), que defende que a identidade está em constante mutação, uma vez que as necessidades internas de todo grupo social sempre se transformam, assim como o discurso em torno dela.

[...] no mundo moderno, e eu acredito irrevogavelmente, identidade é sempre um jogo aberto, complexo e infinito – sempre em construção. Como eu observei em outros locais, ela sempre, moveu-se em direção ao futuro através de um desvio simbólico por intermédio do passado (HALL, 1990 apud HALL, [199-], p. 43, tradução minha)⁹.

Devido a esse caráter de permanente movimento, Hall, inclusive, prefere falar em identificação e não em identidade. Porém é essa segunda terminologia que vou adotar neste trabalho, principalmente por ser a forma mais utilizada pela maioria dos estudiosos na área.

Unindo então os conceitos de identidade e cultura, pode-se dizer que um grupo de identidade cultural é aquele que tem uma série de características comuns, verbais e não-verbais, compartilham as mesmas crenças e valores e, por sua vez, se diferem de outros

⁹ Texto original: “[...] in the modern world, and I believe irrevocably, identity is always an open, complex, unfinished game – always under construction. As I remarked elsewhere, it always, moved into the future through a symbolic detour through the past” (HALL, 1990 apud HALL, [199-], p. 43).

grupos. Porém, não existem traços definitivos e conceitos fechados, os grupos se identificam por uma série de comportamentos e características comuns, mas sempre, como já dito anteriormente, em eterno processo. É uma questão de “*tornar-se*” e não de “*ser*”, como defende Hall (1993) nessa explanação de Medeiros (2004).

Conforme Stuart Hall, existem no mínimo dois caminhos diferentes para se pensar a respeito da ‘identidade cultural’. O primeiro define ‘identidade cultural’ como sendo uma cultura compartilhada, uma espécie de verdade única coletiva, escondida entre muitas outras, que está mais superficial ou que é artificialmente imposta, e que as pessoas que compartilham uma mesma história e ascendência abraçam em comum. Já o segundo reconhece que, assim como mantêm muitos pontos de similaridade, as culturas possuem também aspectos de significante e profunda *diferença* que constituem o que realmente nós somos, ou melhor, o que nós nos tornamos. Este segundo caminho parece ser o mais sincero para pensarmos atualmente as questões de identidade cultural (MEDEIROS, 2004, p. 103, grifo do autor).

Os vídeos do Revelando os Brasis assumem um importante papel de difusor das identidades que formam a diversidade brasileira, tornando-se muito mais que simples produtos culturais. Devido à grande extensão territorial do nosso país, 8.514.876,599 km², segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), e população estimada de 180 milhões de pessoas, são inúmeras também as identidades culturais que o país reúne. Essa multiplicidade da cultura é um bem a ser cuidado, respeitado, preservado e promovido, portanto ações que destacam as inúmeras caras que o país possui devem ser encorajadas para que os cidadãos reconheçam a sua cultura e a do outro como importantes expressões de valores. Segundo Baniwa (2008, p. 68) “O Brasil é um dos poucos países com toda essa riqueza da Diversidade Cultural, pois é muito difícil encontrar no mundo contemporâneo outro país com a existência de quase 200 etnias e 200 línguas faladas”. Grande parte dessa variação lingüística diz respeito a dialetos indígenas.

No Revelando os Brasis, por exemplo, foi apresentado um povo que muitos jamais desconfiam da existência, os pomeranos. Eles são de origem alemã e estes revelados pelo projeto, vivem no município de Vila Pavão, no Espírito Santo. Além do português, falam também um dialeto próprio. Desde que aportaram no Brasil, sofreram discriminação e perseguição, principalmente no período do nazismo. Uma das pessoas dessa comunidade,

o Jorge Jacob, teve a oportunidade de mostrar para o país, através do audiovisual, o quanto eles também se sentem brasileiros e são gratos por fazer parte dessa nação, esperando assim também, que haja maior aceitabilidade e respeito a sua cultura.

“Os pomeranos do Espírito Santo são um povo muito fechado. Historicamente foi jogado no meio das montanhas isolado dos brasileiros e não teve nenhuma ajuda do governo brasileiro. Assim tiveram que se ajudar mutuamente, casando entre si, vivendo em regime de mutirão. Por muito tempo foram discriminados como alemães nazistas e muita gente ainda tem um certo receio da comunidade e não considera eles brasileiros de verdade. O Revelando os Brasis foi uma oportunidade deles contarem suas histórias, o quanto foram perseguidos e deixar claro que também são verdadeiros brasileiros”. (Jorge Kurster Jacob).

Um problema que vivemos no Brasil é que o acesso à pluralidade cultural do país é falho. Os meios de comunicação de massa não adentram essa diversidade e disseminam valores e padrões de uma cultura predominante nos grandes centros que, muitas vezes, têm conceitos de realidades totalmente distantes do receptor. Em 2004, ano em que foi lançado o Revelando os Brasis, 90,3% (IBGE, 2000) dos domicílios brasileiros dispunham de pelo menos um aparelho de televisão e é por este veículo que prioritariamente o brasileiro tem acesso aos produtos audiovisuais. As novelas é uma das principais formas com que o brasileiro é apresentado a diferentes regiões do país, pois as locações variam de acordo com o tema central do folhetim. Porém, o olhar que é dado a essa multiplicidade de lugares é normalmente do profissional do sudeste, o que acaba desvirtuando as diferentes realidades brasileiras. Vive-se ainda uma hegemonia de uma empresa televisiva, a TV Globo, que detém a audiência da maioria dos aparelhos de TVs ligados no país, principalmente neste formato das telenovelas, o que só agrava, tanto pelo conteúdo quanto pelo olhar, a questão da pouca variedade do que é transmitido.

Na década de 70, a Rede Globo de Televisão, fundada em 1965, assume a liderança na produção de telenovelas e torna-se imbatível na audiência até os dias de hoje. Muitas de suas novelas foram e continuam sendo exportadas para mais de 120 outros países como ‘O bem amado’ (1973) e ‘A escrava Isaura’ (1976), as primeiras a seguirem novos rumos (HORA da novela, 2009).

A partir dessa realidade falta ao brasileiro conhecimento do próprio país deixando lacunas que comumente são preenchidas pelo estranhamento, preconceito e desmerecimento de outra cultura, uma vez que seu olhar não foi acostumado com a diferença nem preparado pra recebê-la.

É muito fácil dizer que no Brasil existem 200 etnias, sem conhecer quem são essas 200 etnias. Eu não consigo valorizar aquilo que não conheço. Eu sei que a razão básica da discriminação, do preconceito é a ignorância. Diminuir essa ignorância pode ser o passo fundamental para dar maior valor a essa diversidade (BANIWA, 2008, p. 72).

É impossível se obter homogeneização entre os grupos e igualdade entre todos. A diferença é uma realidade e deveria ser usada como incentivador de comunicação entre os povos, não como fator separatista ou discriminatório. Como defendido por Baniwa na citação acima, um maior acesso a essas diferenças poderia diminuir os ruídos de aceitação que acontecem tanto dentro dos próprios grupos quanto entre eles. Em um lugar com a extensão do Brasil, o quinto maior país do mundo em território e população, é de suma importância incentivar o conhecimento das diversas culturas que aqui existem.

Os vídeos produzidos pelo Revelando os Brasis ajudam a lançar novos olhares sobre o país, apresentando a multiplicidade de seus padrões religiosos, comportamentais, políticos, econômicos, educacionais, dentre outros, mostrando ao brasileiro que não há um padrão *standard* e que, além dos limites geográficos do seu município, existe uma sociedade que também tem seus valores e merece ser respeitada e, principalmente, é tão brasileira quanto a sua.

Os cidadãos brasileiros não falam da mesma forma, não comem a mesma comida, não cultuam os mesmos deuses, não possuem os mesmos valores, costumes e tradições e é aí onde está a riqueza do nosso país. E valorizar essa multiplicidade é também uma forma de estimular o desenvolvimento sustentável do país, por isso o tema tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões da política pública. O Brasil foi, inclusive, o

primeiro país do mundo a criar uma secretaria que cuidasse exclusivamente dessa questão, a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural¹⁰.

O tema também ganhou força a partir da discussão internacional em torno da diversidade das culturas e a criação da Convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais¹¹. Apesar de estar em vigor há dois anos, a Convenção foi votada em 2005, após 20 anos de debate. Nessas discussões, esclarece Jurema Machado coordenadora de Cultura da Unesco no Brasil “o audiovisual sempre foi tema central, não apenas por sua importância do ponto de vista econômico, mas também pelo potencial de transmissão de conteúdo político e ideológico” (MACHADO, 2008, p. 28).

O Revelando os Brasis procurou utilizar desse potencial que está na essência dos produtos audiovisuais para apresentar os discursos dos seus realizadores em todo o Brasil e em outros países onde os vídeos participaram de mostras e festivais. Independente do conteúdo narrativo dos curtas, todos eles eram representantes de uma identidade cultural brasileira, em toda a sua diversidade. Alguns deles apresentavam de forma mais explícita um conteúdo social, uma mensagem político-ideológica, em outros, um conteúdo mais denso estava mesmo nas entrelinhas como a questão da falta de oportunidade do sertão nordestino, a manipulação da história que nos ensinam na escola, o racismo etc. No entanto, a maioria dos vídeos não foi usada com caráter propagandista-ideológico, mas sim como registro do que é nosso país. Através das 119 produções audiovisuais realizadas nas três edições do projeto, diferentes Brasis puderam ser mostrados. O que pode ser comprovado

¹⁰ A Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural foi criada pelo Governo Lula em 2003, tendo como secretário o ator e ativista político Sérgio Mamberti que ficou à frente do órgão até 17 de novembro de 2008, quando saiu para assumir a presidência da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE). Desde então o novo secretário é Americo José Córdula Teixeira, que até então estava no cargo de gerente responsável pela condução das políticas públicas da Secretaria. A instituição tem a função de formular e executar políticas públicas culturais para segmentos excluídos, como culturas indígenas, culturas populares, culturas ciganas, pescadores, GLBT, idosos, crianças, etc.

¹¹ A Convenção da Unesco sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais está em vigor desde o dia 18 de março de 2007 e é gerida por um comitê gestor, eleito em votação, formado por 24 países com mandatos de dois ou quatro anos, dentre eles, o Brasil. Ela foi criada no sentido de produzir políticas públicas internacionais e produzir alternativas em defesa da promoção e proteção da diversidade. Uma convenção “é um instrumento jurídico internacional, que cria compromissos, cria vínculos” (MACHADO, 2008, p. 27).

pelos depoimentos de pessoas que tiveram acesso ao Revelando os Brasis em diferentes esferas, como se vê abaixo:

Damião Rodrigues – selecionado do Revelando os Brasis Ano 01: *“Descobri realmente pessoas fantásticas como os personagens que a gente viu aqui. É fabuloso, são pessoas muito bonitas. Além dessa mistura de raças a gente tem determinados detalhes, nuances que no dia-a-dia a gente não vê, nem na tela da emissora sagrada, nem em nenhuma outra da TV aberta. E o Revelando os Brasis está mostrando essas nuances do Brasil que estão guardadas, escondidas. Eu toda vez que estou falando do Revelando os Brasis, eu me lembro do Cazuza quando ele diz na música “Brasil, mostra tua cara”. Agora que estamos começando a mostrar a cara da gente, que pouco se via”.*

Leonardo Vasconcelos – professor de Câmera do Revelando os Brasis Ano 01: *“Este é um movimento importante de um Brasil que não tinha oportunidade de se expressar e que está expressando não só o Brasil do filme, das frentes das câmeras, que está sendo revedado pra todos os lugares. Como o Brasil por trás das câmeras. O olhar é tão importante quanto as histórias que estão sendo contadas e as pessoas que foram documentadas. É esse olhar novo do audiovisual com esse Brasil novo também, com esse Brasil que as pessoas estão trazendo pra revelar. Acho que isso não se sabe em que grau, mas, com certeza, isso vai ser lembrado como um movimento, um momento em que o Brasil realmente tenha se revelado, um momento do cinema, do audiovisual, uma revelação do Brasil”.*

Depoimento de um morador não identificado de Carnaubeira da Penha (PE), ao assistir a alguns vídeos do Revelando os Brasis na praça da cidade: *“Faz com que as pessoas que aqui residem possam ter uma visão maior do mundo lá fora também e isso enriquece cada vez mais a cultura do nosso povo, né?”* (BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD Circuito de exibição nas cidades).

Carla Camurati – apresentadora do Programa Revelando os Brasis 1ª Edição – no Canal Futura: *“A gente jamais veria o Brasil da maneira que a gente está vendo se não fosse o Revelando os Brasis”* (PROGRAMA Revelando os Brasis, 2005).

Zé Coelho – personagem principal do vídeo Balandê/Baião: *“Eu senti muita vantagem, porque um cabra como eu, na minha idade, onde eu fui criado, saiu no notório*

da população, com meu gesto, brincando no meio da sociedade, altas graças. Eu achei que na minha situação foi de muita vantagem. [...] Eu tô feliz, porque é aquela do Luiz Gonzaga. Em que ano Luiz Gonzaga num morreu? E até hoje a voz dele tá no mundo, e eu acho que eu vou ficar desse jeito”.



Figura 17 – Selecionados do Revelando os Brasís ano I

Fonte: Arquivo Pessoal.

A própria variedade dos selecionados já é um indício da pluralidade de conteúdo que pode ser disseminado com os vídeos. A cada edição do projeto, quarenta pessoas de diferentes partes do Brasil são preparadas para produzir um curta-metragem nas temáticas mais diversas como lendas, personagens populares na cidade, resgates históricos, comemorações religiosas, tradições ou qualquer outro tema verídico ou ficcional que o cidadão queira transformar em um produto audiovisual. Na primeira edição, por exemplo, 21 estados tiveram representantes e a variedade de perfis permaneceu nas edições seguintes com selecionados de diferentes idades, classes sociais, graus de instrução e profissões, como se observa nas Tabelas que seguem.

Perfil dos 120 selecionados das três edições do projeto

Tabela 2 – Perfil dos 40 selecionados na 1ª Edição

Perfil
Gênero: 25 homens e 15 mulheres
Faixa etária: 20 a 29 anos (17), 30 a 39 (14), 40 a 49 (04), 50 a 59 (3). Mais de 60 (01). 80 anos (01)
Escolaridade: semi-analfabeto (01), Ensino fundamental (01), Ensino superior completo, cursando ou incompleto (28), Ensino médio completo, cursando ou incompleto (10)
Profissão: professor (09), estudante (05), jornalista (04), ocupante de cargo público municipal (03), aposentado (02), cineasta ou produtor de vídeo (02) e autônomo (02). Com uma citação: comerciante, funcionário dos Correios, agricultor, visitador sanitário, produtor cultural, médico, atendente comercial, auxiliar administrativo, gerente de loja, pescadora, terapeuta holística e funcionária de cartório
Fonte: Dados fornecidos pelo Instituto Marlin Azul, Vitória (ES), 2008.

Tabela 3 – Perfil dos 40 selecionados na 2ª Edição

Perfil
Gênero: 29 homens e 11 mulheres
Faixa etária: 21 a 29 anos (13), 30 a 39 (05), 40 a 49 (16), 50 a 59 (04), 60 a 67 (02)
Escolaridade: Fundamental (2), Ensino médio completo (9), Ensino médio incompleto (4), Superior completo (18), Superior incompleto (7).
Profissão: Funcionário público (8), professor (7), coordenador, diretor ou secretário de cultura (5), escritor (5), estudante (5), produtor cultural (5), artista plástico (4), jornalista (4), radialista (3), ator amador (2), músico (2), agente agroflorestal (1), agricultor (1), autônomo (1), auxiliar administrativo (1), bancário (1), condutora de ecoturismo (1), médico (1), motorista (1), palhaço (1), produtor rural (1), sindicalista (1).
Fonte: Dados fornecidos pelo Instituto Marlin Azul, Vitória (ES), 2008.

Tabela 4 – Perfil dos 40 selecionados na 3ª Edição

Perfil
Gênero: 28 homens e 12 mulheres
Faixa etária: 18 a 19 (02), 20 a 29 (19), 30 a 39 (08), 40 a 49 (05), 50 a 59 (05), acima de 60 (01)
Escolaridade: Ensino fundamental (02), Ensino médio completo, cursando ou incompleto (12), Ensino superior completo, cursando ou incompleto (26)
Profissão: Professor (09), atividades ligadas à cultura (06), funcionário público (04), estudante (03), agricultor e produtor rural (03), arquiteta (01), atendente de lan house (01), barista (01), comerciante (01), dona-de-casa (01), funcionário dos Correios (01), funcionário de frigorífico (01), secretária/cabeleireira (01), outros (07)

Fonte: Dados fornecidos pelo Instituto Marlin Azul, Vitória (ES), 2008.

A variedade de perfis dos selecionados que participaram do projeto resultam numa pluralidade de olhares sobre o nosso país (Para saber mais sobre cada selecionado, o documentário produzido e seus planos no audiovisual ver anexo 4). É a visão da dona de casa sobre sua cultura, do agricultor, da pescadora, do professor, é a sua forma de ver o mundo, na maioria das vezes, bem diferente do que estamos acostumados nos meios de comunicação. O Revelando os Brasis é exclusivo para comunidades de até 20 mil habitantes que normalmente, não têm vez nem voz na grande mídia. Comparando esses moradores aos dos grandes centros, são pessoas praticamente invisíveis. Por exemplo, o brasileiro conhece o funk do Rio de Janeiro, mas não conhece o balandê do Sr. Zé Coelho; conhece as competições hípicas do jóquei de São Paulo, mas não conhece a Cavalhada do Sr. Zé Leobino; nos grandes centros, o medo em andar sozinho tarde da noite é de assalto, enquanto que em algumas cidades do interior o que assusta é ser pego por alguns dos seres sobrenaturais como Matinta-Pereira ou D. Fulozinha, que são a mesma lenda, mas com nomes diferentes. A primeira é assim chamada no Amazonas, a segunda, na Paraíba.

É esse Brasil de características singulares que temos contato com os vídeos do Revelando os Brasis e além destes serem produzidos por moradores de pequenas

comunidades, como mostrado acima, esse grupo torna-se ainda mais sortido pela pluralidade dos seus representantes.

Dentre os selecionados existiam também aqueles que tinham maior familiaridade com o audiovisual como cineastas, jornalistas ou produtores culturais que já desenvolveram algum trabalho na área. Em uma das reuniões entre os selecionados e a comissão organizadora foi abordada essa questão de, entre os selecionados, ter também pessoas com alguma experiência, pois de início, a organização pareceu se incomodar com essa questão. Entretanto o grupo avaliou esse fator como positivo, uma vez que a troca de informações era constante.

Aproveitavam-se os momentos fora da sala de aula também para conversar sobre os vídeos e quem tinha experiência era constantemente solicitado pelos colegas para dar alguma orientação, até porque nessas conversas informais, todos ficavam mais à vontade. E assim muitos roteiros foram discutidos nos quartos, no horário das refeições ou durante atividades de entretenimento como idas ao teatro e ao cinema.

No segundo ano do Revelando os Brasis outros profissionais da comunicação também foram selecionados, mas na terceira edição não existe ninguém dessa área. De maneira geral vejo essa interação entre pessoas de diferentes níveis de conhecimento audiovisual como outra riqueza do projeto o que pode ser aferido também pelos depoimentos de outros selecionados:

Ivy Goulart – estudante de cinema: *“Foi um compartilhamento, uma troca. Lendo o roteiro das pessoas eu tinha vontade de ajudá-las. Hoje eu fiquei sabendo que meu nome apareceu nos agradecimentos de alguns porque ajudei com idéias. Foi troca, né? Aprendi muito com as pessoas”*.

Sidnéia Luzia – pescadora: *“Tem gente que é experiente na área e ajudou muito. Sou uma pescadora e conviver com jornalista, cineasta, gente do meio, foi bom demais porque eu pude aprender mais”*.

Ronaldo Trindade – estudante de Ciências Contábeis: *“Estou fascinado com toda a diversidade que o projeto conseguiu incluir. Conseguiram pessoas que nunca tinham entrado no cinema, até pessoas com algum nível de conhecimento na área, e isso tem relação direta com o produto final”*.

Apesar de, em um balanço final, essa troca ser considerada positiva, é pertinente a preocupação do Instituto Marlin Azul, organizador do projeto, em relação à participação de pessoas com conhecimentos técnicos, pois a equipe que idealizou e estruturou o Revelando os Brasis faz uso constante da expressão alfabetização audiovisual, que se refere a dar oportunidade para pessoas que nunca tiveram acesso à linguagem audiovisual apreender conhecimentos técnicos da área e maneiras de interpretar a união entre imagem e som para assim se tornarem cidadãos mais críticos e de preferência, com aptidão suficiente para realizar seu próprio produto audiovisual. Dessa forma, esperava-se um determinado tipo de perfil dos selecionados, como podemos observar por essa declaração do então ministro Gilberto Gil em entrevista exclusiva para esta pesquisa¹²: *“A intenção do projeto era criar um novo campo de atendimento a talentos escondidos pelo Brasil a fora, sem a oportunidade de acesso a recursos, a técnicas, aos meios, a instrumentos, enfim, a idéia do programa é essa: criar, dar oportunidade pra gente do interior do Brasil, gente simples que nunca teve oportunidade de pegar numa câmera, de entrar numa ilha de edição etc., mas ao mesmo tempo, gente com muito gosto pela linguagem cinematográfica, audiovisual. É pra que tivessem oportunidade de fazer seus projetos, contar suas historias, dar fantasia a sua própria fantasia”*.

Pela própria idéia pré-concebida no senso comum de que pequenos municípios do país vivem em condições de “atraso” econômico e social comparados aos grandes centros, não se esperava que desses lugares pudessem surgir profissionais com maior grau de capacitação. Esta, eu considero, mais uma revelação do projeto.

Ainda em relação a polêmica participação no projeto de pessoas com conhecimentos técnicos, outros fatores que podem ter influenciado esse questionamento é porque vinham justamente desses selecionados as principais exigências para o aprimoramento desta ação governamental, através de sugestões para o desenvolvimento de uma oficina mais abrangente, mais horas de aula, melhor comunicação com os selecionados, explicações sobre a aplicação dos recursos do projeto etc. Os que não tinham conhecimento técnico costumavam receber tudo como um grande presente, sem muitas

¹² Revelando os Brasis. Natal, 2008. Entrevista concedida durante evento de lançamento do Programa Mais Cultura no Rio Grande do Norte.

críticas. Houve também quem tomasse atitudes mais radicais como o amazonense José Júnior Rodrigues Pinheiro que deixou a oficina no Rio de Janeiro antes do término, segundo ele, porque precisava voltar para o seu estado para resolver questões urgentes do festival de cinema que lá organiza, porém Júnior sempre deixou claro seu descontentamento em ter que participar das aulas. *“Quando meu projeto foi escolhido e eles avisaram que eu teria que vir pra cá fazer uma oficina de cinema, eu vim porque constava no regulamento, na inscrição, porque esse conhecimento eu já tinha adquirido em 20 anos de profissão. Pra mim, fazer o filme era mais uma possibilidade de envolver pessoas do Amazonas e mais uma possibilidade de fazer um filme com suporte do Ministério da Cultura e que esse filme ajudasse as pessoas da minha equipe a se revelarem. Pra mim, era um revelando Amazonas e conduzi o projeto dessa maneira: dar oportunidade a pessoas para fazer o filme, não no meu caso que, com 20 anos de profissão já aprendi o que tinha pra aprender”*.

Independentemente dos selecionados terem ou não conhecimento na área, é seguro afirmar que muito se aprendeu com o projeto. No quesito técnico, pode ser que para algumas poucas pessoas as aulas não tenham sido de grande valia, porém do ponto de vista cultural e de relacionamento interpessoal o Revelando os Brasis foi um grande curso intensivo, o que só vem a somar nos resultados previstos para serem alcançados por este projeto.

Porém, é importante frisar que a maioria desses selecionados com conhecimento técnico já não vivem mais no município de origem ou nunca tiveram o lugar como principal local de moradia e, principalmente o conhecimento da linguagem audiovisual que obtiveram foi fora do seu município, tendo ido buscar nas capitais ou em grandes centros. Normalmente a ligação com a cidade pela qual se inscreveram no projeto e tinham que enviar um comprovante de residência se faz ainda através dos pais e familiares.

Apesar desse estilo não se adequar ao que esperava o projeto, coibir a participação dessas pessoas é, pra mim, uma atitude negativa, pois esse perfil também é de pessoas que buscaram crescer, informar-se e abrir seus horizontes para além dos limites geográficos, sociais e econômicos de sua cidade de origem familiar. São pessoas que antes desta ação pública de estímulo ao audiovisual foram buscar obter conhecimento. Algumas

através de cursos universitários na área de comunicação, outras através de cursos técnicos. Para tal é quase uma exigência partir para grandes centros ou capitais, pois cursos mais específicos na área do audiovisual quase não acontecem nos pequenos municípios do país, como mostram as tabelas abaixo. Os dados fazem parte da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic), realizada pelo IBGE em 2006.

Tabela 5 – Municípios que possuíam escola, oficina ou curso regular de formação em Vídeo

	Local					
	Brasil	Norte*	Nordeste**	Sudeste	Sul	Centro-Oeste***
Quantidade total de municípios	116	9	23	47	29	8
Municípios com até 20 mil habitantes	45	5	10	13	11	6

* Os Estados de Roraima e Amapá não possuíam escola, oficina ou curso regular de formação em Vídeo.

** O Rio Grande do Norte era o único Estado do Nordeste que não possuía escola, oficina ou curso regular de formação em Vídeo.

*** O Distrito Federal não possuía escola, oficina ou curso regular de formação em Vídeo.

Fonte: IBGE, 2006.

Tabela 6 – Municípios que possuíam escola, oficina ou curso regular de formação em Cinema

	Local					
	Brasil	Norte*	Nordeste**	Sudeste	Sul	Centro-Oeste***
Quantidade total de municípios	126	6	29	51	35	5
Municípios com até 20 mil habitantes	30	2	7	11	8	2

* Os Estados de Roraima, Pará e Amapá não possuíam escola, oficina ou curso regular de formação em Cinema.

** O Rio Grande do Norte era o único Estado do Nordeste que não possuía escola, oficina ou curso regular de formação em Cinema.

*** O Estado do Mato Grosso do Sul e o Distrito Federal não possuíam escola, oficina ou curso regular de formação em Cinema.

Fonte: IBGE, 2006.

Uma vez que no Brasil existem 5.568 municípios, já é baixa a estatística dos que possuem algum tipo de formação audiovisual, 116 municípios na área de vídeo e 126

em cinema. Quando voltamos nosso olhar para os municípios de pequeno porte o número é ainda mais preocupante. Dos 4.006 municípios existentes com população máxima de 20 mil habitantes, apenas 45 deles oferecem algum tipo de formação na área de vídeo e trinta na área de cinema. Em ambos os casos ainda tem o agravante da concentração regional, pois a maioria dos cursos acontecem na região sudeste do país, mais um fator de afunilamento das possibilidades de acesso a formação na área. O Revelando os Brasis vem diminuir essa desigualdade concentrando sua área de atuação nas pequenas comunidades e oferecendo como um dos objetivos do projeto a oficina de capacitação, como descrito no início deste capítulo.

O Revelando os Brasis também traz a luz uma questão importante que se está vivendo na atualidade, a valorização da tradição e da cultura local. É preciso incentivar os regionalismos e as características peculiares de cada comunidade. Alertar que seus cantos, danças e tradições não são menores por não ocuparem o horário nobre da grande mídia. Ao contrário, eles merecem e devem ser destacados. Segundo Souza (2009), “autores como Canclini, Castells, Featherstone, Giddens, Hall e Ianni evidenciam, em recentes estudos, que a atual fase da globalização vem provocando reações que buscam uma redescoberta das particularidades, das diferenças e dos localismos”.

Estamos vivendo uma fase de valorização da identidade que cada comunidade possui, procurando estabelecer uma nova relação entre a cultura local e a nacional. E, dentro desse processo, o audiovisual assume papel importante, pois é um instrumento importante para registrar e difundir as milhares de culturas existentes.

Mais especificamente no caso do Revelando os Brasis, já podemos observar a manifestação dos diversos olhares, frutos da miscigenação que é o nosso país. O projeto deixa a herança de uma série de realizadores que não apenas tiveram contato com os ensinamentos básicos da linguagem audiovisual, mas foram incentivados a buscar e valorizar seu próprio olhar, usando-o criativamente para dar visibilidade ao que está ao seu redor.

Além disso, é verdade que o país está em um momento propício para absorver esses novos olhares. Tem crescido, em número e importância, os festivais e mostras de cinema e vídeo em todo o Brasil. A mídia, as universidades e canais de TV como Futura,

TV Brasil, TV Cultura, TV Sesc/Senac também têm aberto espaços para essas produções. Mas é importante frisar que essa abertura não é em vão. Ela se dá por que há igualmente um crescimento do público consumidor desse tipo de produto. Assim como expandiu a quantidade de fornecedores. Por todas essas razões, na esfera de políticas públicas, o momento também é bastante interessante.

O Revelando os Brasís faz parte de um conjunto de outras ações criadas pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura com o intuito de democratizar o acesso aos meios de produção audiovisual. Por sua vez, essas ações fazem parte de um programa ainda mais abrangente que envolve editais e concursos de realização de produtos culturais de diversas naturezas dando chance para que mais brasileiros possam participar, enfraquecendo a política de gabinete¹³ que há anos impera nos meios públicos beneficiando apenas um pequeno grupo.

Em 2003, na gestão anterior do atual presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, foi dado um passo importante para o crescimento do setor no país. A Secretaria do Audiovisual foi relançada oficialmente ao mesmo tempo em que se consolidou a Agência Nacional do Cinema (ANCINE), o que deu uma nova injeção de ânimo e qualidade no cinema nacional. A partir destas ações tem-se procurado criar as condições para que o Brasil passe a ser produtor e exportador de conteúdos. E de maneira cada vez mais forte, tem-se estimulado a política de democratização do financiamento através de lançamento de editais que assegurem recursos, equipamentos e tecnologias para a produção e difusão de filmes e documentários. Com um maior número de produções acontecendo no Brasil, o setor do audiovisual se depara agora com os desafios de consolidar-se como indústria capaz de gerar público e renda. Também tem crescido os investimentos no setor e a Lei Rouanet é fortalecida através de parcerias entre empresas e artistas que geram produtos concretos que podem ser conferidos pelo grande público. Além dessas ações no âmbito federal, outras da mesma natureza têm sido incentivadas nas esferas estaduais e municipais através de objetos

¹³ A expressão política de gabinete se refere a aquelas ações conseguidas diretamente com o gestor, normalmente por indicação política ou amizade, utilizando-se desses recursos em benefício próprio, para aprovação de um projeto ou financiamento de algum produto sem que haja para isso uma concorrência igualitária com outros candidatos.

de campanha e apoio do Minc. É todo um conjunto de ações que, juntamente com a era tecnológica que estamos vivendo, só vem a estimular a produção.

“O Revelando os Brasis, o DocTV e tantas outras ações governamentais é um sinal de amadurecimento político e de um investimento em cultura, coisa que não existia no país. Pela primeira vez podemos experimentar isso, a chance de produzir, sinal de que estamos vivendo em outro país, que pensa nas suas grandes possibilidades. Nunca se produziu tanto no Brasil como agora, até por uma questão tecnológica também. Os equipamentos estão cada vez mais acessíveis, então todo mundo pode fazer filmes. Meu sogro faz filme, todo mundo faz, você faz e veicula. Hoje você coloca no youtube e milhões de pessoas podem assistir” (Cristiana Grumbach)¹⁴.

Com o entendimento do Governo Federal em estimular a produção, principalmente baseado no conceito estruturante da diversidade cultural, expandiram-se os investimentos para além do tradicional eixo de mercado (regiões sul-sudeste), focando ações de acordo com as demandas de todas as regiões do país. Em termos gerais, o atual governo aumentou, em 2004, o orçamento do Ministério da Cultura, que saltou de 0,2%¹⁵ para 0,6%. A pretensão dessa gestão é chegar a 2% do Orçamento da União. Mas considera que se alcançar 1%, o mínimo recomendado pela Unesco, já existem motivos suficientes para comemorar.

Investir em cultura é mais que gerar produtos que valorizem e registrem nossas manifestações, valores e tradições, é também, investir na economia do país. O setor tem se mostrado um importante gerador de renda, emprego e bem-estar. Ele representa a área mais dinâmica da economia mundial com crescimento de 6,3% ao ano, enquanto o conjunto da economia cresce a 5,7%.

No Brasil, a economia da cultura é responsável por 5% do PIB nacional e 5% dos empregos formais. Cada vez mais o setor público cria políticas e programas de incentivo para que o setor privado aumente o investimento ou comece a investir nessa área

¹⁴ Entrevista concedida para esta pesquisa durante oficina do DocTV IV, Brasília, 2008.

¹⁵ Os dados percentuais dos próximos três parágrafos foram obtidos na publicação “Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil” (BRASIL. Minc., 2007).

da economia. As empresas estatais e privadas também têm visto nos patrocínios culturais uma excelente maneira de conseguir publicidade positiva e aliar o seu nome a ações de entretenimento e de crescimento, destacando-se aí programas como o Itaú Cultural e o Petrobras Cultural. Em todas as esferas do Governo tem-se procurado reforçar os instrumentos de financiamento existentes e implementar novos. O crescimento dos investimentos na cultura do país era algo esperado na gestão do Governo Lula que causou também expectativas bastante otimistas no setor audiovisual. Durante o Festival Internacional de Documentários de Amsterdã em 2002, Amir Labak se deparou com um comentário que previa um novo momento para o setor.

No segundo dia do evento, o diário do festival, publicado pela Moving Pictures, destacou como manchete de capa: Docs go nuts in Brazil¹⁶. Ouvindo especialistas, o repórter Geoffrey Macnab concluiu que ‘o sucesso do esquerdista Lula da Silva nas eleições vai estimular a produção de cinema’ – e do documentário ‘em particular’ (LABAK, 2005, p. 32).

Durante muito tempo o setor do audiovisual viveu sobre o martírio de uma produção cinematográfica anual de menos de um filme, fruto da extinção da Embrafilme¹⁷ no governo Collor, mais precisamente no dia 16 de março de 1990, vésperas de lançamento do longa de Cacá Diegues “Dias Melhores Virão”. Foi no governo Lula que a produção audiovisual retomou seu crescimento principalmente através das leis de incentivo fiscais que possibilitaram que os produtores conseguissem recursos junto à iniciativa privada.

Apesar da retomada da produção e do momento parecer favorável para o setor como um todo, alguns cineastas brasileiros não viram com bons olhos o Revelando os Brasis. Durante o primeiro evento de lançamento¹⁸ dos vídeos da Edição Ano 1 do projeto,

¹⁶ Tradução minha: Documentários enlouquecem no Brasil.

¹⁷ A Embrafilme foi criada através do decreto-lei Nº 862, de 12 de setembro de 1969 e foi extinta na data mencionada no texto acima pelo Programa Nacional de Desestatização (PND), do governo do presidente Fernando Collor de Mello. A Embrafilme tinha a função de fomentar a produção e a distribuição de filmes nacionais. Hoje quem executa esse papel é a Ancine.

¹⁸ A primeira edição do Revelando os Brasis teve dois eventos de lançamento. O primeiro para convidados e o segundo para os 40 realizadores do Projeto (02/11/2005). O primeiro evento, ao qual eu me refiro no texto principal, aconteceu no dia 9 de maio de 2005, na Casa de Cultura Laura Alvim (RJ), com a presença do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, e do Secretário do Audiovisual, Orlando Senna. Os convidados assistiram ao making of do projeto, que mostrou toda a trajetória do Revelando os Brasis: do lançamento em Milagres,

que contou com a presença de personalidades ligadas ao cinema, comentários extra-oficiais puderam ser ouvidos no saguão do Teatro Laura Alvim (RJ) de cineastas nada satisfeitos com o valor investido no projeto, um milhão de reais, montante divulgado pelo Minc¹⁹. Alguns argumentavam que a Secretaria do Audiovisual deveria investir em quem fazia cinema, não em pessoas sem preparação técnica. O que faz entender que estes profissionais ainda não tinham captado o sentido do projeto, ou eram simpatizantes do velho estilo de *política de gabinete* onde apenas alguns poucos eram beneficiados.

Durante a entrevista realizada com Cristiana Grumbach, diretora de “Morro da Conceição” (2005) e assistente de direção de Eduardo Coutinho em várias produções, comentei sobre esta opinião que algumas pessoas da área ostentavam contra o projeto. Grumbach foi direta e objetiva em sua resposta, que por sinal foi muito bem vinda, uma vez que também reforçava minha opinião. *“Esse discurso é um pouco antigo, um discurso de quem quer manter algum privilégio, é assim que eu vejo. E os novos precisam chegar, esse discurso é de um lugar, de um lugar que de certa forma perde algum poder porque isso foi democratizado”*²⁰.

A pescadora Sidnéia Luiza da Silva, que realizou um dos documentários mais assistidos do Revelando os Brasis, também estava presente no evento de lançamento dos vídeos e pôde comprovar os comentários negativos vindo de algumas pessoas do setor audiovisual. *“Muitos cineastas não concordavam com o projeto. Já recebi críticas de pessoas que falavam que todos nós não iria (sic) virar cineasta, o governo estava gastando dinheiro investindo nas pessoas que não ia dar futuro e eles que estudaram pra coisa não estava tendo apoio do governo.*

na Bahia, até o resultado final, com trechos das obras realizadas. O evento teve a apresentação do cantor Toni Garrido, do Cidade Negra, e reuniu personalidades ligadas ao cinema, como Luiz Carlos Barreto, Lucy Barreto, Roberto Farias, Cláudio Assis, Paloma Rocha, Joel Pizzini, Silvio Tendler, Eduardo Coutinho, Ana Maria Magalhães, Norma Bengell, Paulo Betti, Felipe Camargo, Maria Ceíça, Antônio Pitanga, entre outros. Para este evento não foi enviada passagem para os diretores dos vídeos. Oito deles compareceram por conta própria, como o meu caso.

¹⁹ Ainda segundo o Ministério da Cultura, no ano de 2004, foram investidos no setor audiovisual R\$ 56,3 milhões, deste total R\$ 32,4 milhões foram provenientes da Lei do Audiovisual.

²⁰ Entrevista concedida para esta pesquisa durante oficina do DocTV IV, Brasília, 2008.



Figura 18 – Sidnéia durante gravação do seu documentário autobiográfico – vídeo

Foto: cedida por Sidnéia Luzia da Silva

Para José Júnior Rodrigues Pinheiro, amazonense, cineasta há mais de 20 anos e diretor do documentário Matinta-Pereira, do Revelando os Brasis, este tipo de discurso não cabe para o momento em que estamos vivendo, uma vez que o importante é incentivar toda e qualquer ação no setor do audiovisual. Além disso, o Revelando os Brasis tem uma essência que é pura cultura brasileira, o que só fortalece a atenção e o investimento no programa.

“O Brasil, infelizmente, maltratou e massacrou gerações de cineastas e quando você vê o Revelando os Brasis, com diretores de várias cidades, uma coisa que acontece é unânime: a vontade de fazer cinema! Quando se dá uma oportunidade dessa e você abre espaço para as pessoas comuns fazerem cinema, você está dando uma oportunidade que foi negada, porque as políticas culturais de cinema no Brasil infelizmente foram feitas em cima de monopólios. Ser cineasta é uma questão de leitura do seu mundo cotidiano, do seu mundo real. Quando você deu oportunidade para pessoas de todo o Brasil fazer isso, foi uma coisa de essência. Eles não tinham escola de cinema, não tinham vício de cinema, eles sabiam o que queriam e fizeram com uma simplicidade que é a cara do projeto. Porque quando você entrega na mão de pessoas que se acham intelectuais de cinema, eles querem fazer as coisas mais difíceis. Como no Revelando não tinha essa preocupação, foi diferente, foi um cinema mais simples. Por isso que vêm à tona personagens como um velhinho que é

cantador, um cineasta que faz filme VHS, um cara que quer contar uma história de um bode” (José Júnior Rodrigues Pinheiro).

Concentrar o olhar na cultura popular e registrá-la em um grande projeto audiovisual não é privilégio apenas do Revelando os Brasis. Uma outra ação, acontecida entre os anos 60 e 70, também se debruçou sobre a mesma temática. Sob o comando, e aporte financeiro do empresário, fotógrafo e produtor Thomaz Farkas, um grupo de jovens cineastas, alguns com trabalhos já consagrados, partiu para o Nordeste com o fim de registrar manifestações da cultura popular brasileira. Tecnicamente poderia se usar tanto o formato do documentário quanto o da ficção, pois a realidade que eles queriam mostrar estava ali presente nas roupas, no chão rachado do sertão, no sotaque característico de nós nordestinos. A intenção do grupo era dar um mergulho para dentro do Brasil. Em recente entrevista Thomas Farkas declarou:

Achei que essa era a maior revolução que podíamos fazer, porque os brasileiros não conheciam o Brasil, não existia a televisão para mostrar tudo. Então eu achava que mostrar o gaúcho para o paulista, para o nordestino, e vice-versa, era uma novidade que poderia eventualmente provocar uma revolução, pelo menos de cabeça (FARKAS, 2007).

Batizada por Eduardo Scorel, como Caravana Farkas, o projeto utilizava como conceito o cinema-verdade e, em um primeiro momento, produziu quatro obras: Viramundo, de Geraldo Sarno; Nossa Escola de Samba, de Manuel Horácio Gimenez; Subterrâneos do Futebol, de Maurice Capovilla; e Memória do Cangaço, de Paulo Gil Soares. Em uma segunda viagem quase vinte curtas e médias metragens foram realizadas.

No total, foram dezenove os documentários produzidos. Cada um deles traz a abordagem de um tema único: a literatura oral, em A Cantoria e Jornal do Sertão; a religiosidade popular, em Padre Cícero e em Frei Damião; o artesanato, em A Mão do Homem, Os Imaginários e Vitalino/Lampião; a economia, em Casa de Farinha (mandioca), Erva Bruxa (tabaco), O Engenho (rapadura), A Morte do Boi (gado) e Região: Cariri (estrutura agrária); o sertanejo, em A Beste, A Vaquejada, O Homem de Couro e O Rastejador; e o cotidiano na fazenda, em Jaramataia. As exceções ficam por conta de Visão de Juazeiro e Viva Cariri!, que apresentam uma síntese de toda a temática do projeto, relacionando economia, cultura e religiosidade popular (D’ALMEIDA, 2009).



Figura 19 – Fotograma do Filme “O Rastejador”, 1970. Direção: Sérgio Muniz

Fonte: Caravana Farkas, 2009b.

A intenção do grupo foi registrar a cultura popular que, não só era carente de espaço nos meios de comunicação, como também estava sendo destruída pelos valores da cultura de massa. Comportamentos tradicionais e singulares estavam sendo substituídos por outros tipicamente urbanos. O grupo pretendia, com a produção dos vídeos, abrir a porta para outras realidades brasileiras além daquela que se via na TV, principalmente pela época ditatorial em que se estava vivendo. O governo mostrava um Brasil de crescimento, de igualdade e os vídeos vieram mostrar justamente o contrário, por isso foram uma importante fonte de denúncia da época.

Porém é importante frisar que fatos como a miséria e a fé quase cega do nordestino, foram vistos “com uma lupa”. O nordeste é muito mais do que o que foi abordado nos vídeos. É obvio que existe pobreza na região, que o nível de vida de milhares de pessoas é subhumano²¹, porém o recorte dado em alguns documentários foi de forma muito clichê.

²¹ Pesquisa realizada pelo IBGE em 2003 aponta que 32,6% dos 5.507 municípios brasileiros tinham mais da metade de seus habitantes abaixo da linha de pobreza. Neste grupo, 76,8% eram cidades nordestinas (apud MAPA do IBGE..., 2008).



Figura 20 – Fotograma do Filme “A morte do boi”, 1970.
Direção: Paulo Gil Soares

Fonte: Caravana Farkas, 2009a.

O olhar dos diretores do Sudeste tinha outros valores, outra cultura e esta é uma característica que coloca a Caravana Farkas e o Revelando os Brasis em dois extremos. Apesar dos dois projetos se debruçarem sobre o Brasil, o fato de, em um os diretores serem “estrangeiros” e no outro “nativos”, resultou em obras totalmente diferentes. Além disso não se pode esquecer que o que guiava os diretores da Caravana Farkas era a linguagem da denúncia e com isso eles enfatizavam realmente as deficiências da região.

Como algumas produções da Caravana, curtas do Revelando os Brasis também são ambientados em chão batido, em paisagens cinzas feitas de milhares de árvores sem folhas, em casas de taipa que quase não dão proteção. Também mostram pessoas regidas quase que exclusivamente pela fé, crianças de pé no chão, trabalhadores com os rostos e as mãos marcados pelo esforço diário sob um sol escaldante. Mas ainda se pode ver beleza nos vídeos do Revelando os Brasis – até porque os dois projetos têm objetivos distintos. Os diretores do Revelando procuraram transpor para suas obras o olhar que o nordestino tem pela vida. Os vídeos são como uma música de Luiz Gonzaga, pode até falar de uma triste realidade, mas não lhes faltam lirismo e esperança.

*Vozes da seca*²²

Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1953

Seu dotô os nordestino
Têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulista
Nessa seca do sertão
Mas dotô uma esmola
A um home qui é são
Ou lhe mata de vergonha
Ou vicia o cidadão

É por isso que pidimo
Proteção a vosmicê
Home pur nós escuído
Para as rédia do poder
Pois dotô dos vinte estado
Temos oito sem chover
Veja bem, quase a metade
Do Brasil tá sem comer

Dê serviço a nosso povo
Encha os rio e barrages
Dê comida a preço bom
Não esqueça a açudage
Livre assim nós da esmola
Que no fim dessa estiage
Lhe pagamo inté os juros
Sem gastar nossa corage

Se o doutô fizer assim
Salva o povo do sertão
Se um dia a chuva vim
Que riqueza pra nação
Nunca mais nós pensa em seca
Vai dar tudo nesse chão
Cúmu vê, nosso destino
Mecê tem na vossa mão

A letra acima foi composta no período de uma das maiores secas que o nordeste brasileiro já viveu. Diante da grave situação, o Governo Federal, tendo à frente Getúlio

²² Gonzaga; Dantas, 1970.

Vargas, decretou ajuda imediata e emergencial à região. E, utilizando-se da “simplicidade” da cultura popular, os compositores conseguiram colocar na música um conjunto de sentimentos que embalavam o momento que passavam: desespero, tristeza, gratidão, incômodo com o assistencialismo, sonho, esperança. Sentimentos por eles vividos, por isso, tão bem retratados. E foi nessa água que foi beber o Revelando os Brasis: viver para sentir, sentir para expressar. O saber, a cultura popular está em cada vídeo, porque está também em cada diretor. Citando Jean-Claude Bernardet, Alfredo Dias D’Almeida mostra o que acontece inversamente a essa afirmação:

Segundo Bernardet, os filmes documentários realizados nas décadas de 60 e 70, que têm como temática a cultura popular, ‘não são filmes de, mas filmes sobre cultura popular’ (grifos do autor), pois ‘não possuem nenhuma característica da cultura popular, como a grande proximidade, a quase identidade entre produtores e consumidores’. Com base nessas premissas, Bernardet afirma que os filmes ‘configuram uma forma de desapropriação da cultura popular em favor dos produtores e dos consumidores dos filmes. Mais exatamente: uma desapropriação de imagens e sons tirados da cultura popular’. A razão estaria no fato de que os grupos sociais tratados nos filmes não participam da produção e de que os filmes não se destinam a eles (apud D’ALMEIDA, 2009).

Outra ação na área do audiovisual, que precede o Revelando os Brasis e merece citação neste trabalho é o Vídeo nas Aldeias²³. Os dois projetos se assemelham por oferecer conhecimento técnico e estimular o pensamento crítico através da linguagem audiovisual, além de provocar reflexões sobre a identidade de quem produz os vídeos e a diversidade cultural do Brasil. Ambos têm como público-alvo cidadãos sem experiência em produção audiovisual que vivem em pequenas comunidades, no caso do Vídeo nas Aldeias, exclusivamente os povos indígenas. As obras produzidas por esses projetos constituem um patrimônio material e intelectual de imenso valor para a preservação das comunidades,

²³ O Vídeo nas Aldeias é uma ONG sediada em Olinda (PE) que oferece formação audiovisual para índios de diferentes etnias com o intuito de registrar a cultura e o dia a dia nas tribos. O projeto foi criado em 1987 com o objetivo de “apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o Vídeo nas Aldeias trabalha”. A ONG já produziu mais de 70 filmes, a maioria deles premiados nacional e internacionalmente (VÍDEO nas aldeias, 2009).

porém, como já foi dito anteriormente neste trabalho, respeitando a constante modificação cultural, uma vez que não existe cultura estática. Este conceito, inclusive, já foi apreendido por alguns participantes das oficinas indígenas, como Isaac Pinhanta, professor e realizador Ashaninka:

O trabalho que a gente faz é também um pouco para nós mesmos refletirmos sobre nós. O sentido da palavra preservação não é de fixar, de deixar as coisas ali. Preservar e ninguém mexe, ninguém modifica nada – isso não tem como fazer. Quando a gente fala em preservação é no fortalecimento. Preservar quer dizer você ter cuidado, preservar no sentido de fortalecer essa cultura em que nós estamos (PINHANTA, 2006).



Figura 21 – Projeto Vídeo nas Aldeias

Fonte: VÍDEO nas aldeias, 2009.

Nos dois projetos, o olhar de quem produz é realmente de dentro, no Vídeo das Aldeias mais ainda, uma vez que os cinegrafistas são os próprios índios. A edição, porém, ainda é feita predominantemente pelos instrutores “brancos”. Nesta ação indígena, é possível confiar o trabalho das imagens aos participantes do projeto porque existe capacitação para tal fim. Enquanto no Revelando os Brasis os selecionados têm no máximo 10 dias de aula divididos em vários assuntos e sem tempo para a prática, no Vídeo das Aldeias normalmente os instrutores permanecem um mês na comunidade instruindo sobre filmagem com aulas teóricas e práticas diárias, exceto aos domingos. O que se observa nos

vídeos produzidos pelos índios é uma relação de extrema intimidade entre a câmera e a pessoa filmada, que sorri, reclama, se esconde, conversa com ela com a naturalidade de quem interage com um conhecido, ou simplesmente, pouco se importa com a presença do equipamento, mais um indício de que está à vontade, como ficamos na presença de amigos.

Ela escolhe o que quer mostrar de si e como quer se mostrar, assim como também faz o realizador quando seleciona o que vai registrar. Isso não tira nada de sua espontaneidade, porque está à vontade diante de uma câmera que não lhe ‘rouba’ a imagem. Ao ver estes filmes, não estamos, portanto diante da ‘verdadeira realidade’ dos índios, mas de uma interpretação constituída de pelo menos dois olhares: o da pessoa que filma e o da que consente em ser filmada (CORREA, 2004).

A relação entre esses dois olhares citados por Mari Corrêa, diretora do Vídeo nas Aldeias, normalmente é de parceria, uma vez que quem filma e quem é filmado fazem parte de uma mesma realidade, existindo entre eles um sentimento de confiança. Quem se deixa registrar, entrega sua imagem àquele que comanda o equipamento cinematográfico que, por sua vez, utiliza-se do poder que lhe foi dado para tentar mostrar a sua comunidade com as nuances que considera importante. A câmera se distancia, se aproxima, muda de direção como uma extensão do próprio corpo do cinegrafista, que se relaciona com o objeto a partir dos mesmos referências do seu dia-a-dia, escolhendo mostrar exatamente o que sua formação cultural aponta como relevante.

Ao descolar a câmera da mão dos antropólogos e cineastas profissionais e formar realizadores indígenas, a primeira questão que podemos sublinhar é a do deslocamento de poder e uma reflexão decisiva sobre a produção do saber. Quem tem a câmera tem o comando e a simples posse pelos índios desse instrumento de observação, intervenção e comunicação pode produzir um outro pensamento ou dar visibilidade a uma outra lógica visual e mental. A experiência do projeto com o audiovisual mostra ainda a possibilidade de se passar da cultura oral ao audiovisual, sem a necessidade de um domínio da cultura letrada, campo por excelência do saber ocidental, das ciências sociais e da própria antropologia. Ao introduzir o vídeo, uma nova tecnologia, no cotidiano das aldeias, o projeto também põe em questão a idéia de “pureza”, “isolamento”, “conservação” que condenaria essas comunidades múltiplas e singulares a uma espécie de estado de “museu”, um museu da humanidade, lugar

comum reiterado mesmo entre antropólogos, indigenistas e ecologistas. (BENTES, 2004).



Figura 22 – Oficina de Câmera do Projeto Vídeo nas Aldeias

Fonte: VÍDEO nas aldeias, 2009.

A idéia de pureza realmente não pode ser aplicada a estas comunidades, e a nenhuma outra que tenha contato com outros povos, também do ponto de vista técnico. É possível ver nos vídeos, e em número bastante elevado, um formato tradicional de filmagem, semelhante às imagens que chegam a eles através das TVs instaladas em suas ocas ou residências. Muitas obras se caracterizam por enquadramentos muito bem feitos, estáticos, poucos movimentos de câmera, noção de plano e contraplano, entrevistados emoldurados em plano americano ou em um perfeito plano geral etc. Porém, o que não se assemelha em nada, ao que é transmitido pelos veículos de comunicação de massa, é o conteúdo dos vídeos. Alguns até mostram histórias que a gente achava que conhecia, mas da forma com que são contadas, com a intimidade e a sutileza de detalhes com que se apresentam, realmente se tornam inovadoras pra gente. Os indígenas realizadores assumem com propriedade seus papéis de sujeito, apropriando-se de sua imagem e deixando de lado a passividade de meros elementos de observação. Ao invés de receberem um discurso passam a produzir esse discurso, como acontece com os vídeos do Revelando os Brasis. O que historicamente era objeto passa a ser sujeito, e, como tal, decide o que mostrar ou não da sua cultura. Assunto a ser abordado no capítulo seguinte.

A RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E OBJETO NO REVELANDO OS BRASIS

Uma característica do Revelando os Brasis que é de grande importância para a valorização da diversidade cultural brasileira é o fato dos próprios moradores das pequenas comunidades do país serem os roteiristas e diretores dos seus vídeos, assumindo o papel de sujeito do discurso. Normalmente, estas comunidades, quando lhes são dadas alguma atenção, estão presas ao papel de objeto. Cineastas e produtores dos grandes centros registram a cultura, as tradições e o cotidiano destas cidades do ponto de vista do seu olhar.

No momento em que os o discurso é dado aos agricultores, professores, pescadores, jornalistas e tantos outros profissionais atuantes em suas próprias comunidades, estes deixam de ser apenas os receptores da mensagem, ganhando também a responsabilidade de se tornarem os emissores, uma experimentação cada vez mais comum do documentário contemporâneo, alicerçado principalmente pelo maior acesso a tecnologia, com equipamentos mais baratos e mais fáceis de operar. Conseqüentemente esses novos sujeitos trazem para si também a devida apropriação de sua própria cultura, para assim apresentá-la ao outro com a propriedade de quem está dentro do discurso. “Os estudos sobre o sujeito, como alternativa para rever a cultura popular e sua interação com a cultura de massa, fala-se num processo de interação e não mais uma relação de dominação da segunda sobre a primeira” (FIGUEIREDO, 2003 apud D’ALMEIDA, 2009).

Realizar um produto cultural, como um vídeo, a partir do ponto de vista de quem faz parte do discurso aumenta as chances de haver uma maior sincronia e honestidade com a identidade escolhida para registro.

“Um cineasta teria toda a técnica para fazer um documentário como a gente fez, mas falta um olhar local. Falta o cheiro, falta a vivência do lugar, porque uma coisa é você chegar e estar preparado tecnicamente, com toda recrutagem (sic), com todo equipamento, com roteiro pronto e você aí captar aquilo. Você não dá poesia, você não dá cor, você não dá luz, você não dá o próprio linguajar, porque o que eu percebi em alguns filmes, em poucos que eu vi, é que o próprio andamento da imagem tem a ver com o linguajar local, isso que é interessante, coisa que o técnico, o profissional não passa, só se

for um grande profissional como o Coutinho, mas aí é outro esquema” (Manoel Dourado Marques).

Dentro desse contexto onde sujeito e objeto estão inseridos na mesma realidade, aumenta-se a intimidade entre a câmera e o que está sendo filmado, o que influencia não apenas na estética, mas principalmente no conteúdo, pois a cultura que se deseja mostrar está também dentro do diretor, cabendo a este encontrar as maneiras de repassar na mensagem o que está em sua própria formação enquanto indivíduo. Ter a vivência daquilo que se deseja mostrar facilita a conexão entre o olhar do diretor e o objeto, mas, por outro lado, não é nenhuma garantia de intimidade e qualidade estética e informativa no produto final. Características que estão ao alcance de qualquer pessoa que se proponha a se debruçar sobre um assunto, ainda que, de início, o conhecimento sobre ele seja praticamente zero.

Na realidade do Revelando os Brasis, alguns diretores que estavam mais distanciados da sua comunidade apresentaram dificuldades em se conectar com seu objeto de registro. Na primeira edição do projeto existiam cerca de sete diretores que estavam menos presentes em seus municípios, seja porque a cidade não era sua principal moradia ou porque já haviam se mudado para outro município. *“Eu que na verdade já tinha saído há um tempão da minha cidade, eu senti falta dessa questão da emoção do meu vídeo por causa disso, porque não estava ali, não estava convivendo todos os dias, precisava de mais tempo e o tempo foi reduzido pra fazer o vídeo”* (Vanessa Cristina Oliveira).

Paradoxalmente, outros diretores estavam vivendo um processo inverso, isto é, chegando à comunidade e, para eles, o Revelando os Brasis foi um importante meio de inclusão. Um exemplo é a Luciana Barros. Ela tinha acabado de se mudar de Belo Horizonte pra Palmeiras (BA) e o projeto foi a senha de entrada para se sentir parte da comunidade, pois ela passava por um complicado período de adaptação.

“Eu mudei pro Vale do Capão (BA), por causa de um namorado, pois a gente resolveu morar juntos e era lá que ele vivia. Quando isso aconteceu, eu tinha acabado de montar minha ilha de edição e comprado uma câmera digital e não sabia como usar ali. Eu pensei: gente, eu tenho que entrar nessa (Revelando os Brasis) de qualquer maneira, porque eu tava (sic) me sentindo ilhada naquele lugar. É uma vila que tem mil habitantes,

então aí eu me inscrevi. Antes muita gente nem sabia que eu mexia com vídeo. Depois disso, todo mundo chega e pergunta. Nossa, tô cheia de projetos, cheia de coisa acontecendo, são coisas que vão acontecendo aos poucos, quando a coisa deslança, deslança mesmo. Agora mesmo entrei em dois editais com projetos diferentes e os dois editais foram selecionados. Agora estou aprendendo a escrever projetos, é uma nova fase” (Luciana Barros).

Após o Revelando os Brasis, a relação dos diretores com a comunidade não foi mais a mesma. O projeto além de revelar os realizadores para a cidade, também revelou a cidade para os realizadores. Durante a pesquisa para a criação do roteiro e escolha da locação, por exemplo, muita coisa foi descoberta, portanto não foi só para o outro que cada selecionado mostrou sua cultura, foi também para si mesmo. Aspectos que passavam despercebidos no dia-a-dia saltaram aos olhos, estimulando o interesse por questões materiais e imateriais da comunidade.

“O Revelando revelou coisas que eu não imaginava. Uma é a potencialidade das pessoas que trabalharam no filme, que eu não imaginava que existia na cidade, como o ator e artista plástico que eu não conhecia, pois ele é recente na cidade. Nós tivemos uma continuísta que tem um olhar, que tem um dom para perceber falhas. Ela foi a chave do filme, quer dizer, não foi nem eu, ela detectava as coisas: Olha Manuel, está errado ali. Como ela não tinha o roteiro, você percebe que é um dom da pessoa, então o Revelando revelou isso também, a potencialidade. Outra coisa que ele revelou pra mim foi que a cultura local, o artesanato, a arquitetura, está (sic) se acabando. Eu tive dificuldade de encontrar uma casa de barro, isso me motivou a fazer outro projeto, que já está aprovado no Ministério da Cultura, que é de fotografias de coisas que ainda existem, então eu quero fazer um grupo de resgate” (Manoel Dourado Marques).

Ao olhar para sua própria cultura torna-se bem provável que se desencadeie uma série de questionamentos reflexivos sobre a identidade local e a importância que tem se dado a ela. A partir desse olhar, tem-se também mais consciência das diversidades que compõem a cultura brasileira, não só para percebê-las, como também para se ter mais força para enfrentar a invasão globalizante da cultura pasteurizada transmitida pela televisão e da qual grande parte dos cidadãos brasileiros são espectadores assíduos e passivos,

principalmente os dos locais com poucas ofertas de lazer, o que é predominante no perfil dos municípios enquadrados no Revelando os Brasis. Sempre se viu o filme do outro, com os vídeos do projeto é possível ver seu próprio filme, com seu sotaque, sua maneira de se vestir, sua forma de ver o mundo. E isto reforça sua identidade cultural, ainda que para a maioria dos receptores, isso aconteça de forma inconsciente.

Esse processo reflexivo não acontece apenas para os que participaram diretamente do projeto. O espectador, ao ter acesso aos vídeos, também pode ter esse mesmo tipo de comportamento. Ao ver o mundo do outro é estimulado a olhar para o seu. A diferença atua assim, como agente estimulante para se pensar sobre sua maneira de ser, seus valores, o seu próprio universo. Ao se incentivar essa consciência crescem as chances de preocupação com o agir em prol do fortalecimento da cultura e da identidade do município.

Enquanto patrimônio material, os vídeos do Revelando os Brasis, são uma importante fonte de preservação e perpetuação das tradições e valores que formam a diversidade brasileira. Os 119 curtas produzidos formam um rico acervo da memória do nosso país, em diferentes nuances. Alguns curtas mostram tradições em vias de desaparecimento, como o documentário “Memória Bendita”, do diretor Laércio Ferreira, morador de Aparecida (PB). O vídeo mostra a novena de São João Batista, que acontece há mais de 200 anos, em latim, em uma comunidade que está às vésperas do desaparecimento, uma vez que a área foi desapropriada para a instalação de um projeto de irrigação. Com a obra, os moradores serão distribuídos por diversas localidades, o que pode diminuir a força da tradicional novena que desde a primeira vez que foi rezada, tem como ponto de partida a mesma casa onde ela foi criada, há mais de dois séculos.



Figura 23 – Moradores durante a tradicional Novena de São João Batista

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

“Esse vídeo já vinha sendo pensado há algum tempo. A gente queria fazer o registro como um registro histórico e, com o Revelando os Brasis pudemos fazer isso com arte. Além do mais, a gente acredita que a partir do documentário, e da ONG que eu faço parte, a gente está tentando fazer com que a casa onde é celebrada a novena seja transformada em patrimônio histórico pra preservar a casa e os moradores mais velhos que moram na redondeza dessa casa grande. Queremos que eles e a casa fiquem de fora do projeto de irrigação. Durante as gravações, a comunidade se doou completamente, viveu mesmo a história, até porque tinham a esperança do vídeo ajudar a comunidade a continuar” (Laércio Ferreira Oliveira Filho).

O esforço da comunidade, juntamente com a produção do documentário, surtiu efeito. Em recente contato com Laércio Oliveira, cerca de quatro anos após o vídeo ter sido produzido, o diretor confirmou que a casa que eles tanto queriam preservar foi deixada de fora do projeto de irrigação.

“Conseguimos, sim, salvar a casa onde acontece a novena e conseqüentemente salvar a novena que por sinal acontecerá de 15 a 23 de junho próximo. Quanto aos moradores os que resistiram e esperaram a posição do governo em relação à casa estão todos morando nas mesmas residências. Isso não impediu a continuidade do projeto de irrigação o que foi muito bom pois está gerando renda na comunidade, o que queríamos conseguimos, que era salvar a casa” (Laércio Ferreira Oliveira Filho).

Outros vídeos que falam de tradições e costumes em vias de desaparecimento são “O último tocador”, que conta a história de um descendente de italianos, o Sr. Jepim, que é o último tocador de concertina na região do Espírito Santo; “Zé Leobino – 65 anos de Cavalhada”, que narra a história desse senhor que desde criança participa da Cavalhada, um folguedo que teve origem nos torneios medievais e utiliza fitas e cavalos em sua apresentação; “Balandê/Baião”, que apresenta essas duas danças rurais típicas de Monsenhor Gil (AL) que tem como principal ícone um senhor de mais de 80 anos conhecido como Zé Coelho; e “Trapeiros”, que mostra a história desses profissionais tão comuns na década de 50 que viajavam centenas de quilômetros transportando objetos e mantimentos em lombos de jumentos. No caso específico de “Balandê/Baião”, o vídeo estimulou os jovens do município a continuar com as danças. Aulas passaram a ser dadas gratuitamente para a comunidade, com isso espera-se que essas duas manifestações culturais da região continuem a passar de geração pra geração.



Figura 24 – Fotograma do Vídeo “Zé Leobino – 65 anos de Cavalhada”

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Estes vídeos constituem um patrimônio material e intelectual da cultura popular das comunidades de onde pertencem e de todo o Brasil. No futuro, jovens dessas comunidades vão poder conhecer essas tradições especiais de sua história a partir do

registro dos seus antepassados, com toda a força e emoção que são peculiares às imagens em movimento. Diferente de algumas tradições que já não mais existem nos dias de hoje e permanecem apenas na oralidade, essas manifestações registradas em vídeo poderão ser contadas com a riqueza de detalhes desse privilegiado código expressivo que é o audiovisual.

Para Labaki (2005, p. 6), “É impressionante como o cinema pode ampliar nossa experiência perante uma cidade”. Através dos vídeos produzidos pelo projeto é possível viajar para dezenas de lugares e nos surpreender com municípios que nem imaginávamos existir. Salta aos olhos a diversidade de rostos, arquitetura, sotaques; a diversidade de olhares impressa em todo o conjunto da obra. Impressiona ainda, a capacidade que o Brasil tem de surpreender enquanto detentor de tantas peculiaridades esperando para serem descobertas e apresentadas.

“Eu vi um vídeo de Cláudia (Aguirre), “Mata... Céu... E negros”, que trata de um tema que já é assim, que muita gente já falou dele, mas surpreende quando você vê negros lá em Santa Catarina com sotaque sulista, no entanto são negros. E quando a gente vai pra aquela região lá, no outro lado, a gente imagina que lá só tem gente branca, porque são descendentes de europeus, e tal e tal... E aí você vê que tem uma comunidade negra que tem uma história e tem uma consciência de ser (sic) negros, eu achei fantástico o documentário dela (Arthur Gomes Santos).

O comentário acima é de um nordestino morador do sertão pernambucano. Assim como tantas outras pessoas que tiveram acesso aos vídeos, Arthur Gomes, 50 anos de idade pôde descobrir características imprevisíveis desse nosso imenso país, o quinto maior do mundo. Verdades que estavam ocultas aos nossos olhos nos surpreendem a cada novo vídeo. E não só pelas diferenças. Ao assistir a alguns desses curtas, também se percebe que o Brasil é feito de muitas afinidades, como detectou a baiana Maria Valdete que, em 2004, era vice-prefeita no município de Água Fria.

“Foi um Brasil muito humano. Muito, muito semelhante, sabe? A gente pensa que outros estados têm realidades diferentes, mas socialmente falando parece que somos muitos (sic) parecidos” (Maria Valdete de Oliveira Cunha).

Para aquelas pessoas que são selecionadas para participarem do projeto, o Brasil não se revela apenas através dos documentários e ficções produzidas. A riqueza do Revelando os Brasis também está nas pessoas escolhidas para representarem seus municípios. Cidadãos como o tímido Eduardo Reis, de apenas 20 anos e o vaqueiro José Lins, mais conhecido como Zé Leobino, 80 anos. Ambos, pela primeira vez, cruzaram os limites geográficos dos seus Estados, Minas Gerais e Sergipe, respectivamente, e puderam conhecer realidades e pessoas que também ajudaram a formar seus conceitos sobre a cultura brasileira.

“Gostei bastante de poder vim (sic) ao Rio de Janeiro que eu não vinha (sic) provavelmente na vida, que não há recurso financeiro, no meu caso. E passear bastante, aprender coisas e conhecer bastante gente, gente de todo o país. Isso foi muito legal porque eu não conhecia ninguém de fora, praticamente ninguém de fora da minha família ou de fora da minha cidade” (Eduardo Silva dos Reis).

“Eu conheci um povo delicado, que lá na minha terra num tem gente assim não, povo delicado como vocês assim, que eu nem sabia que existia. Essa delicadeza que vocês têm aqui, não. E eu fico, sei nem a palavra que eu fico, com vocês não, é tudo gente de bom grado” (José Lins).

O projeto, pela diversidade de pessoas envolvidas, também gerou pequenos choques culturais, prova disto são os acontecimentos envolvendo Seu Zé Leobino. Ao chegar ao hotel, aborreceu-se ao saber que não tinha quarto no térreo, *“pois quem fica no alto é passarinho”*, também chateou-se por não haver nenhuma rede pra dormir. Tirar seu chapéu de couro da cabeça, nem pensar! Por outro lado, surpreendeu a todos quando perguntou em alto e bom som, durante um intervalo das oficinas, *“onde é que se compra um vibrador nessa cidade? Porque um lugar grande assim com certeza tem. E eu tô (sic) doido pra fazer feliz as menina (sic) do meu lugar”*. Diante de todo o comportamento conservador e tradicional de Seu Leobino, ninguém jamais imaginou que coubesse em seus valores e, mais ainda, fosse tratado com tanta naturalidade, tal afirmação.



Figura 25 – Seu Zé Leobino durante discurso de lançamento do seu documentário em sua cidade

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

De maneira bem menos intensa que esta do Sr. Leobino, os participantes do projeto mostraram, na prática, o quanto é limitador fazer juízo de valor e criar conceitos alicerçados em estereótipos, uma vez que todo ser humano tem a capacidade de surpreender o outro positivamente, porém, algumas vezes esquecemos essa característica quando nos deixamos levar por pensamentos preconceituosos.

“A gente tem idéias do nordeste, do norte, do sul, mas a gente não conhece as peculiaridades. Eu achei lindo, maravilhoso. Eu me impressionei muito. Às vezes, a gente subestima a pessoa, e isso mostra pra gente que a gente nunca deve subestimar ninguém. As pessoas que eu achava que ia (sic) fazer o melhor (vídeo) não fizeram e as que eu achava que iam fazer o pior, deram um show de roteiro, de produção, de direção. Além da capacidade mostrou a cultura, mostrou a crença do povo. Achei maravilhoso cada canto do Brasil que foi mostrado” (Vanessa Cristina Oliveira).

Um ano depois que o grupo se conheceu durante a Oficina de Produção de Vídeo, por ocasião da gravação dos programas do Canal Futura, os selecionados puderam se reencontrar para conversar sobre seus vídeos e processos de produção. Uma sala do hotel foi reservada para que pudéssemos assistir a todo o material. E as histórias e lugares que tinham sido tantas vezes abordados no campo da oralidade, durante esta fase, puderam ser

conferidos com riqueza de detalhes, através do produto pronto. Após assistirmos a cada vídeo, de forma natural e informal, sempre relembávamos o que tínhamos discutido nas aulas e também sabatinávamos o realizador de perguntas complementares sobre seu processo de produção e sua cultura. Satisfazendo a ânsia de conhecer cada vez mais nosso país.

Em alguns casos, tivemos mais que o diretor do vídeo para trocar informações. Personagens dos documentários foram convidados para este segundo encontro, como Seu Brilhantino, Seu Manoelzinho, Seu Zé Coelho e as irmãs Antônia e Aparecida. Cidadãos brasileiros que também tiveram suas vidas modificadas pelo projeto, como afirma o sorridente Zé Coelho (Luís Pereira de Andrade): *“Hoje, quando eu chegar em Teresina, tem um povo esperando por mim por lá, como se eu fosse um deputado”*. Seu Zé tinha acabado de ser informado que jornalistas iriam esperar por ele no aeroporto, assim como pessoas de sua comunidade. Este simpático senhor, que dividiu o palco com Martinália e o percussionista Mingo Araújo no Evento de Lançamento dos Vídeos, foi aplaudido de pé por todos os presentes, ao tocar, com suas castanholas, ritmos do balandê²⁴, além de dançar com segurança e vitalidade na altura dos seus mais de 80 anos.

Os exemplos acima são de pessoas simples que nos deram grandes lições de vida, como afirma Thales Gomes Camêllo da Costa, um dos selecionados do projeto: *“Conhecer Seu Manoelzinho, ver sua vontade de fazer filme, produzir com 500 reais. Isso só me estimula a produzir filmes”*. Manoel Loreno foi o tema do documentário de Alana Almondes (ES), “O sonho de Loreno”. O curta conta a história desse cidadão amante da sétima arte que já produziu mais de 20 longas-metragens com uma velha câmera VHS. Como não sabe escrever, faz seu roteiro riscando o chão de barro com um graveto e assim, monta toda a sua história. O salário de servente de pedreiro, Seu Manoelzinho utiliza para sustentar a ele, sua esposa e ainda, realizar suas produções como “Loreno, o Gatilho Mais Rápido do Oeste”, “A Vingança de Loreno” e “Amor Proibido”. A comédia é uma característica muito presente nos filmes de Seu Manoelzinho, principalmente por problemas

²⁴ O Balandê é uma dança típica do Nordeste. Apesar de fazer parte da cultura da região é desconhecida por muitos nordestinos.

de produção, como ele mesmo conta: “Tem cena em que se ouve o barulho de um único tiro e caem quatro pessoas mortas no chão” (REVELANDO os Brasis, 2007).



Figura 26 – Sr. Manoelzinho, durante seu processo criativo de produção do roteiro

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Como Seu Manoelzinho, outro capixaba que impressionou por sua visão de mundo foi o Seu Brilhantino. Este senhor mora sozinho há vários anos em uma caverna de difícil acesso, rodeada por mata virgem e um pequeno córrego no município de Muqui (ES). A razão para morar neste inóspito lugar parece simples, quando explicada pelo próprio Brilhantino: “comprei a propriedade e escolhi a caverna pra morar, às vezes fico numa árvore, pois é tudo meu”²⁵. Seu Brilhantino é como uma lenda viva em Muqui. O diretor do documentário, Ériton Berçaco, cresceu ouvindo as diversas histórias relacionadas a Seu Brilhantino e viu no Revelando os Brasis, a oportunidade de mostrar essa interessante figura para além dos limites do pequeno município de 13.686 habitantes. Depois do projeto aprovado, Ériton foi procurar Seu Brilhantino e teve um grande susto, contado pelo próprio personagem: “*Não aceitei logo não, não queria fazer isso, mas de tanto tentar, ele conseguiu. Eu sou humano e consenti. Agora, pra ajudar ele, por que eu, já sou quem eu sou. E depois de começar, continuei, pois uma vez começado tem que continuar, né?*”. Para

²⁵ Entrevista que foi ao ar no PROGRAMA Revelando os Brasis (2005).

o diretor, transformar a história de Seu Brilhantino em um vídeo era um sonho antigo, que foi concretizado através do Revelando os Brasis.

“Eu idealizei, projetei tudo isso quatro anos atrás, a história de seu Brilhantino indo pra algum lugar, vi o vídeo sendo feito. Só não podia imaginar que quatro anos depois surgiria esse projeto e que eu conseguiria realizar o vídeo. E pra mim a maior surpresa foi o próprio Brilhantino. Eu sabia que ia falar sobre um homem que morava na caverna, era isso que eu sabia dele. Com o vídeo eu vi que era muito mais do que isso, que era um ser humano exemplar, uma figura invejável, cativante. Então eu já achava interessante ele na história que tinha escrito, mas quando conheci quem era ele de verdade, quando ele se mostrou pro vídeo, eu vi que isso foi mais gratificante” (Ériton Bernardes Berçaco).



Figuras 27 e 28 – Sr. Brilhantino na caverna onde mora e no caminho que leva até ela
Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

O Brilhantino revelado no vídeo de Ériton não foi uma surpresa só para o diretor. A própria cidade pôde saber mais desse senhor que sempre anda sozinho, normalmente descalço, vestido com roupas surradas, carregando um saco nas costas corcundas. Historicamente, Seu Brilhantino sempre foi motivo de piada e até humilhado com gestos e palavras pela comunidade, mas com o vídeo, transformou-se em um verdadeiro herói na região. Durante o evento de projeção do documentário, centenas de pessoas se reuniram na Praça e aplaudiram de pé, quando Seu Brilhantino chegou. Em entrevista para a equipe do Revelando os Brasis, uma adolescente da cidade resumiu a

importância que hoje este senhor tem pra cidade. “A gente não sabia da vida dele, como ele vivia e coisa e tal. Mas agora eu tenho muito respeito por ele, por que o chuveiro com coisa de macarrão?”²⁶ Vai melhorar muito a vida dele (com o vídeo). A nossa também, né? Muqui só vai ficar conhecido por causa dele. Foi bom pra caramba” (BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008], DVD Circuito de exibição nas cidades).

Como se pôde observar, o Revelando os Brasis além de apresentar novas culturas para milhares de pessoas, funcionou também como um importante agente potencializador da identidade cultural local e de suas personalidades. De dentro dos próprios municípios surgiram os sujeitos dos documentários e ficções que fizeram das suas realidades os objetos do discurso. Fazendo um recorte exclusivo para o campo do documentário, esse tipo de comportamento é contestado por Arthur Omar que defende em seu texto “O antidocumentário, provisoriamente” que o que desperta o interesse do diretor por um assunto é justamente o distanciamento que ele tem do objeto, sua falta de conhecimento sobre ele.

Para haver um documentário, é preciso uma exterioridade do sujeito e objeto. Ou seja, só se documenta aquilo de que não se participa. Ou seja, ainda, um objeto só se torna objeto de documentário no momento em que o sujeito se reconhece exilado desse objeto. Surge então a pretensão de conhecê-lo, produzir um filme onde se processe um efeito, a película de um efeito no sujeito que o assiste, que é o de estar sendo apresentado ao objeto e estar tomando conhecimento de seus elementos. Uma coisa é participar da congada, outra é estudá-la. O documentário é isso: estudar a congada. Nunca um documentário emergiria de dentro do seu objeto, não naturalmente, não espontaneamente. As canções da congada não documentam a congada, são elementos de uma prática, um momento, interiores. A exterioridade é condição necessária para o documentário. Sempre a exterioridade, algo novo que se instaura, uma distância programada, que se constrói com a ilusão que a tira de cena para torná-la possível (OMAR, 1997, p.188).

No Revelando os Brasis, do ponto de vista espacial, objeto e sujeito estavam dentro do mesmo contexto, havia intimidade e aproximação entre eles. Porém há vídeos

²⁶ Uma das cenas do documentário mostra o chuveiro que Seu Brilhantino fez usando um escorredor de macarrão, na verdade uma velha panela furada, amarrado em uma pequena queda d'água ao lado da caverna onde mora.

que podem ser usados para confirmar essa asseveração de Omar e outros que contestam o que o autor defende, isto é, aqueles que se valeram da intimidade com um determinado assunto para transformar esse conhecimento já existente em obra audiovisual.

No primeiro caso, corroborando Omar, é possível citar o exemplo de “Cadê Calabar” de Joaquim de Oliveira e de “O santo que foi condenado” de Valdete Cunha. Estes dois documentários tratam de assuntos que não estão ligados diretamente ao diretor, apesar de que são histórias marcantes da identidade cultural do município onde moram. Como Omar sugere, foi a partir do desejo de saber mais sobre o assunto escolhido, “de tomar conhecimento dos seus elementos” que resultou em uma produção audiovisual. Como os dois exemplos escolhidos abordam um fato da história passada do município, os dois diretores não tiveram participação direta alguma, mas ambos foram tomados pelo interesse de saber mais sobre o assunto escolhido, antes mesmo de pensar em transformá-lo em obra audiovisual. Para o diretor de “Cadê Calabar”, por exemplo, retomar essa história foi também de uma grande importância pessoal.



Figura 29 – Joaquim Oliveira preparando o ator que fez o papel de Calabar em seu documentário que contrapõe a história tradicional

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

O tema do meu trabalho é Calabar, Fernandes Domingues Calabar, tido como o gramprí (sic), traidor da história do Brasil, quando na realidade ele foi o primeiro herói brasileiro. Eu tenho uma certa ligação com ele porque nos anos 70 o meu cunhado foi prefeito de Porto Calvo onde o

Calabar foi assassinado, nasceu e foi assassinado pelos portugueses, e quando nós já estávamos delineando um monumento, um museu da época dele, a Polícia Federal nos chamou e disse pra deixarmos de lado. Eu insisti, porque sou meio petulante, aí o Exército me chamou e pressionou mais fortemente, aí eu tive que deixar de lado. Aí agora, mais de trinta anos depois eu estou tentando fazer através desse vídeo realmente o resgate, histórico-real de quem foi Calabar, que não foi traidor. Ele optou pelo que seria melhor para o nosso país que era ficar ao lado dos holandeses. Não que eles fossem bonzinhos, não, eles queriam também nos explorar, levar nossas riquezas, mas queriam sobretudo deixar um tipo de colonização mais humanizada, mais detalhada, enquanto os portugueses não, queriam apenas que aqui fosse o local de despejo e de massacre contra índios e contra negros-africanos (Joaquim Alves de Oliveira Neto)²⁷.

Para a diretora de “O santo que foi condenado” o vídeo também foi o resultado de um estudo sobre a história da sua cidade, isto é, apesar dela estar inserida no contexto dessa história enquanto cidadã, não teve participação direta com o seu objeto, como defende Omar, ser fator imprescindível para que se produza um documentário.

“Têm exatos nove anos que eu estou pesquisando a história do meu município e eu sempre tive curiosidade de entender o porquê da indiferença da minha gente com referência a sua própria história, principalmente no que se refere a esse episódio de Santo Antônio. Por conta da religiosidade de nossa gente, julgar e condenar um santo, naquela época era uma verdadeira heresia. No século XIX, Água Fria ficou sendo conhecida como a terra da justiça rigorosa. E costumava-se dizer o seguinte: quando alguém queria rogar uma praga em outro, bastava dizer: que a justiça de Água Fria te persiga ou Eu te entrego à justiça de Água Fria, que era tão rigorosa que condenou até um santo” (Maria Valdete de Oliveira Cunha, 2008).

Por outro lado, existem diversos outros exemplos que se pode usar para confrontar a afirmação de Omar: “Só se documenta aquilo de que não se participa”. Vários vídeos do Revelando os Brasis surgiram a partir da inserção direta do diretor com a história contada. Pessoas que transformaram uma parte de sua vida em código expressivo de

²⁷ BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD 4.

imagem e som. Subverteram o formato tradicional do documentário de “falar pelo outro”, “falar em nome do outro”, ou em situações de mais democracia “dar voz ao outro”.

Para as duas primeiras expressões estão inseridos os documentários com voz do saber, estilo narrativo tradicional em que grande parte das informações relevantes para o entendimento da história é contada pela voz do locutor. Os entrevistados são meros coadjuvantes da narrativa.

A terceira expressão, a de “dar voz ao outro” é aquele estilo de documentário em que o entrevistado tem total liberdade para construir seu discurso, contar seu ponto de vista da história. Quando isso acontece, normalmente a figura do locutor é deixada de fora da narrativa, ou então, aparece em poucas interferências, mas não está nele o coração da história. Esse formato é bastante utilizado na obra de Eduardo Coutinho.

Essa incidência sobre a obra de Coutinho, embora não exclusiva, reveste-se de um significado pontual. É que nela continua-se a cumprir, ao que parece mais que em nenhuma outra, uma destinação crítica há tempo inscrita no horizonte audiovisual: aquela de uma militância da imagem em prol de uma política da representação voltada para os excluídos, pobres e oprimidos. Com as ressalvas que se costumam fazer de que, em sua produção documental, tais categorias antropológicas ultrapassam e superam a mera condição de vítimas para se constituírem como legítimas interlocutoras (TEIXEIRA, 2003, p. 164).

“Dar voz ao outro” é lhes dar dignidade, porém essa liberdade que lhe é presenteada tem limite, pois o discurso final vai ser construído mesmo pelo diretor, é dele a palavra final. O “outro” pode falar o que quiser durante a gravação, mas o que vai entrar é decidido pelo cineasta, assim como a ordem da narrativa, a mensagem principal etc., o que faz com que esse “outro” não tenha tanta liberdade assim, apesar de estar em situação bem mais democrática que “o outro” que tem sua história contada pela voz do saber.

Em alguns vídeos do Revelando os Brasis, leia-se aqueles que não se enquadram no pensamento exposto por Omar, o diretor do documentário é agente atuante da história contada, tendo como exemplo principal, o curta autobiográfico de Sidnéia da Silva “Uma pescadora rara no litoral do Ceará”. A idéia de fazer o vídeo surgiu como um

instrumento para responder à sociedade todo o preconceito que sofria. Os pescadores, todos homens, não queriam sair para o alto-mar com ela pois diziam que, “mulher no mar dá azar”. Contudo, esse era apenas um dos inúmeros tabus que Sidnéia gostaria de desmistificar no lugar onde morava e viu no documentário a forma de falar sua mensagem coletivamente.

“Eu resolvi fazer esse vídeo falando da minha própria vida, porque lá eu pesco desde 10 anos com meu pai. Lá não é comum, principalmente no Ceará, ter mulher pescadora, é uma atividade relacionada pra homem. É por isso que falam que é pescadora rara porque procuraram no Ceará inteiro e não encontraram nenhuma mulher que pesca. Eu era a única que pescava. Ai eu tenho história, jogo futebol, surfo, faço capoeira e pesco; aí tem a história do preconceito devido eu ser mulher, não é todos os pescadores que aceitam que eu pesco, tem a história do preconceito. Falam sobre a minha própria sexualidade, eles ficam julgando uma coisa que eu não sou, isso me incomodava eu queria mostrar pra minha comunidade que mulher sim, era capaz de fazer qualquer atividade mesmo que seja só relacionada só pra homem e ainda assim é mulher” (Sidnéia Luiza da Silva)²⁸.

Em “Uma pescadora rara no litoral do Ceará”, Sidnéia, não só estava dentro do objeto documentado, como era o próprio objeto. A exterioridade defendida por Omar como princípio básico pra se fazer um documentário é invalidada através dessa obra. Não foi o desconhecido que despertou a atenção da pescadora e sim seu cotidiano.

²⁸ Descrevendo sua participação no Revelando os Brasis. Rio de Janeiro, 2005. Entrevista concedida para esta pesquisa.



Figura 30 – Sidnéia da Silva mostrando uma de suas habilidades no seu documentário autobiográfico

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

A história escolhida pela diretora, como acima descrito, tinha um objetivo: diminuir o preconceito contra ela mesma; e para alcançá-lo, Sidnéia viu que a melhor forma seria se colocando dentro do documentário. Nas cenas ela reproduz momentos comuns do seu dia-a-dia, como pescar, jogar futebol, cuidar da casa que ela ajudou a construir com as próprias mãos, sair à noite, dançar reggae, enfim, tudo o que a comunidade a vê fazendo comumente, só que dessa vez, tiveram como informação complementar os próprios comentários de Sidnéia sobre as atividades que lhe são peculiares e a forma como as encara. E pelo que ela mesma afirma, a abordagem escolhida para a narrativa, transformando-se como o próprio objeto do seu documentário deu certo, pois o documentário rendeu bons resultados.

“O vídeo ajudou muito. Hoje em dia os próprios pescadores de lá estão me convidando, porque antes eles não levavam. Falavam que mulher dá azar, que o vento vai ficar forte e vai virar o barco. E outra coisa: eu agora estou sendo reconhecida como pescadora, vou fazer minha carteira de pescadora, ter o salário desemprego pra na época da defesa²⁹. Eu não esperava essa repercussão toda. Pessoas lá do Ceará estão me dando

²⁹ A época da defesa é o período em que é proibida a pesca de algumas espécies. No caso de Sidnéia, ela se refere ao período de defesa da lagosta, que é sua principal fonte de renda. Normalmente a captura desse crustáceo fica proibida dos meses de janeiro a maio em todo o Brasil.

os parabéns, me elogiando, falando que estou representando o Ceará muito bem” (Sidnéia Luiza Silva).

Outro exemplo de documentário onde o realizador também se faz presente enquanto elemento do objeto é “Edilamar” do diretor Ivy Goulart. O vídeo, um docudrama, narra a estória de uma vizinha muito próxima da família de Ivy, uma adolescente que viajou para ver o mar e morreu afogada. Quando a notícia chegou a sua casa, Ivy acompanhou todo o desespero de quem estava presente. No filme, também existe a figura de um pequeno garoto de 05 anos, presente em diversos momentos da história, que é o próprio Ivy. A morte da vizinha também foi um evento marcante para o diretor porque aconteceu justamente em um período de grande ansiedade em sua vida, nas vésperas de estrear o filme do super-homem no cinema de sua cidade.

Esse incidente marcou muito a minha infância, na época eu tinha cinco anos de idade. Também é um retorno a mim mesmo, pois no mesmo mês do acidente foi quando fui a primeira vez ao cinema. E o menino de 05 anos presente o tempo todo no filme é o próprio Ivy (Ivy Goulart)³⁰.

Ao assumir-se dentro do documentário, a relação com o outro enquanto objeto retratado torna-se ainda mais visceral, uma vez que este outro é a representação do próprio diretor, seja através de um ator que dê vida aos seus sentimentos, seja através da sua própria personificação, assumindo-se totalmente enquanto sujeito e objeto do discurso, como aconteceu com a pescadora cearense.

Os vídeos do Revelando os Brasis são basicamente frutos de uma abordagem interior em que o sujeito está intimamente ligado ao objeto, assim este objeto não é algo facilmente cambiável, porque ele faz parte da vida do sujeito, não é um tema escolhido à revelia, de uma pesquisa qualquer. Dessa forma o diretor também não pode ser trocado por outra pessoa fora do seu contexto social, sem que haja fortes modificações na abordagem do objeto retratado, principalmente pela perda da intimidade. Mas não se pode deixar de frisar que apenas presença espacial não é garantia de um bom trabalho, é preciso também sensibilidade, pesquisa, uma boa narrativa etc. Alguém que não pertença ao contexto em

³⁰ BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD 2.

que o objeto do vídeo está inserido tem também total possibilidade de realizar um produto com características bastante fiéis a sua realidade. Assim o que está se falando nesse estudo são de duas fontes produtivas diferentes, sem que haja uma melhor ou pior, apenas se está enfatizando aquela que representa o público-alvo do projeto e que por pertencer a realidade do objeto retratado espera-se haver uma sólida ligação entre as duas partes.

Essa forte relação entre sujeito e objeto no Revelando os Brasis também é reforçada pelo recorte geográfico determinado pelo projeto, que funciona, do mesmo modo, como um retalhe temático. Do ponto de vista das pequenas comunidades, este recorte não assume um papel castrador, ditador por deixar várias realidades de fora, ele é um meio importante pra realmente voltar-se para as culturas menos conhecidas, os olhares pouco explorados. Essa abordagem remete a uma expressão comumente usada por Eduardo Coutinho, que é a palavra “prisão” como referência aos limites do diretor. Limites geográfico, temático, de personagem, tempo, dentre tantos outros. No caso do Revelando os Brasis, essa prisão atuou de maneira inversa. Ela deu aos pequenos municípios do Brasil mais chances de se libertarem, de levarem sua cultura para além das bordas que circundam o município, de existirem para além da região. Uma vez que essa prisão foi condicionada pelo projeto, o grau de concorrência foi intensamente reduzido. Apesar de 4.006³¹, dos 5.564 municípios brasileiros terem até vinte mil habitantes, eles correspondem a 17,6% da população, ou cerca de 32,5 milhões de pessoas.

A libertação ocorrida em alguns vídeos do Revelando os Brasis, foi além desse conceito há pouco transcrito. Durante algumas gravações aconteceram momentos terapêuticos que deixaram pra trás anos de aprisionamento, afinal como defende Edgar Morin (apud LINS, 2007, p. 48) “comunicação pode significar liberação”. E para alguns entrevistados, participar do documentário foi um momento especial de livrar-se de amarras que os escravizam há um longo período.

Durante as gravações de “As gêmeas de Paulo Lopes”, por exemplo, um dos entrevistados voltou pela primeira vez, depois de quase cinquenta anos, ao local onde aconteceram os afogamentos das garotas, suas irmãs, culminando com suas mortes. Em seu depoimento para o documentário ele não consegue segurar a emoção e chora. Ter aceitado

³¹ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000).

participar do vídeo e recontar uma história traumática já significou libertação, mas retornar ao lugar chamado de Cova Triste³² foi um livramento ainda mais forte.

No entanto, o maior exemplo, nesse primeiro ano do projeto, de libertação possibilitada pela comunicação, foi o das personagens “Daqui nós não arreda o pé”. Essas duas senhoras, do interior de Minas Gerais, tiveram a vida totalmente modificada graças ao documentário dirigido pelo sobrinho Jairo dos Santos.



Figura 31 – Antônia e Aparecida: as polêmicas irmãs mineiras personagens do vídeo “Daqui nós não arreda o pé”

Fotos: REVELANDO os Brasis, 2007.

Antônia e Aparecida são duas irmãs que nunca casaram, sempre moraram juntas e historicamente eram motivos de piada em toda a cidade. As crianças só as chamavam por apelidos pejorativos, a casa delas era constantemente apedrejada e muitos adultos também as maltratavam. No documentário tem o depoimento de um homem que bateu nas senhoras com um pedaço de madeira, e vice-versa. Quem iniciou a confusão, não só essa, mas a de toda uma vida, não se sabe, pois os dois lados se acusam mutuamente. Até um abaixo-assinado foi feito pelos moradores para que elas fossem expulsas da cidade.

Essas duas senhoras, de temperamento muito forte, segundo os seus familiares e, elas mesmas, já se envolveram em várias brigas, até prisão. A estória dessas duas é um

³² O lugar já tinha esse nome antes dos afogamentos das gêmeas Luzia e Serafina.

ótimo exemplo de um questionamento bastante antigo: o homem é produto do meio ou o meio é influenciado pelo homem?

Dentro da própria família existia um mal-entendido de anos, e como sempre, envolvendo as duas irmãs, por causa de um pé de abacate, o que demonstra que não era apenas com os moradores da cidade que elas tinham problemas de relacionamento.

Cansado de ver o sofrimento das tias, Jairo achou que contando essa história para o Brasil e dando a oportunidade de Antônia e Aparecida serem ouvidas pela comunidade, as confusões iriam diminuir. E assim, elas teriam a possibilidade de realizar um desejo de décadas. *“A gente está ficando velha, só queremos sossego. A gente queria melhorar a casa, trocar o telhado. Mas como fazer isso com essa pedraíada?”*, desabafa Aparecida Teixeira. As boas intenções do sobrinho não foram suficientes pra convencer as senhoras, quando ele falou que queria fazer um filme das duas.

“No começo elas acharam que, se passassem na televisão, iam servir de palhaças, elas acham, (sic) que elas são senhoras assim, são bobas, iam passar por palhaças, então elas não quiseram filmar, mas com jeitinho a gente conseguiu” (Jairo Teixeira).

Depois do vídeo terminado, ele foi exibido em várias escolas da comunidade e também projetado para toda a comunidade na praça. As senhoras continuam sendo atração na cidade, só que agora, a estória é outra.

“O moço lá de Oliveiras, também, um que vende ... batata? Batata, não, roupa de cama. Falou assim: eu assisti vocês na televisão. Ele disse assim: Eu conheço essas duas. Elas já me compraram roupa. Vêm notícias de toda parte, até outro dia veio uma pessoa e disse: assisti vocês” (Aparecida Teixeira)³³.

Durante a exibição oficial do documentário na cidade, dentro da programação do circuito que rodou todo o país, Antônia e Aparecida foram ovacionadas pela comunidade. Ali, Jairo, que dividiu o roteiro do vídeo com seu irmão Rinaldo Teixeira, pôde ter certeza que o seu propósito foi atingido, como confirma uma outra moradora de Santana do Jacaré (MG).

³³ BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD 2.

“Foi muito bonito porque valorizou elas (sic), porque como elas mesmos contou (sic) ali pra todo mundo, elas estavam praticamente uma pessoa sem valor. Então eu achei uma beleza, nós ficamos muito satisfeitos (sic) com essa atitude de vocês de valorizar a pessoa, porque é isso aí que nós precisamos” (Maria)³⁴.

Antônia e Aparecida hoje conseguiram se aposentar, tiveram a casa reformada pela prefeitura e conseguiram o tão sonhado sossego, como afirmam os sobrinhos roteiristas do documentário. *“Hoje, todo mundo da cidade as conhece pelo nome. Ninguém mais joga pedra no telhado da casa delas, todos as respeitam. Essa é uma mudança de comportamento que começou com a gravação do vídeo”*, afirma Rinaldo, complementado pelo irmão Jairo:

“Elas que não queriam filmar, depois elas até se empolgaram. Queriam ficar filmando um tempão, e agora elas gostaram. Eu nem acreditava assim, elas nem saem de Santana do Jacaré e agora elas quiseram vir para o Rio de Janeiro de avião e tudo! Assim, você vê que mudou bastante assim, a vida delas. Você vê que a auto-estima delas aumentou mesmo, e me ajudou também, bastante assim, me ajudou muito. Depois que eu fiz o vídeo, as pessoas me respeitam mais na minha cidade, as pessoas tinham maior preconceito de mim, depois que aconteceu isso, mudou”.

- *E por que o preconceito?*

- *(risos) Ahh! Por causa do visual. Mas cidade pequena é assim mesmo. Mas o pessoal acredita em mim agora: “Esse cara é atrapalhado e tudo, mas pô! Esse cara é gente boa, ele é correria”*. Só sei que mudou muito na minha vida (Jairo Teixeira).

³⁴ BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD Circuito de exibição nas cidades.



Figura 32 – Jairo dos Santos com as tias no evento de projeção do documentário na cidade

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Assim como Jairo, diversos outros selecionados apontaram o desenvolvimento da auto-estima como um dos principais frutos do projeto. E é sobre esse tema que o capítulo seguinte irá discorrer.

EFEITOS SECUNDÁRIOS DO REVELANDO OS BRASIS

O cinema tem usos que transcendem a sua função inerente que é a de entreter. Para comprovar tal afirmação basta parar em uma estante de livros dedicados a esta área das artes em qualquer grande livraria. É possível encontrar diversos títulos que dão aos filmes uma função além diversão. Como exemplos, seguem alguns livros que sugerem o uso do audiovisual como meio para outros fins:

- Cinema e Educação:
 - Como usar o cinema na sala de aula (Napolitano, Marcos /Contexto).
- Cinema e Motivação:
 - A força está em você – mensagens do cinema que inspiram nossa vida (Simon, Stephen / Beste Seller Ltda);
 - Cinematerapia para a alma – guia de filmes para todos os momentos da vida (Peske, Nancy; West, Beverly / Verus).
- Cinema e Religião:
 - Cinema e fé cristã – vendo filmes com sabedoria e discernimento. (Godawa, Brian / Ultimato);
 - Luz! Câmera! Ação! – como usar filmes para ilustrar mensagens bíblicas (Fernandes, Celso / Vida).
- Cinema e Psiquiatria:
 - No avesso da tela: a psiquiatria pelo cinema (Fiks, José Paulo / Lemos Editorial);
- Cinema e Filosofia:
 - O que Sócrates diria a Woody Aleen – cinema e filosofia (Rivera, Juan Antonio / Planeta).
- Cinema e Profissão:
 - Leve seu gerente ao cinema – filmes que ensinam (Brandão, Myrna Silveira / Qualitymark);

- Luz, Câmera, Gestão – a arte do cinema na arte de gerir pessoas (Brandão, Myrna Silveira / Qualitymark).

Como os títulos dos livros demonstram, não faltam sugestões de como o espectador pode fazer uso de produções cinematográficas para o conhecimento e crescimento em diversas áreas da vida. Com o realizador não é diferente. Um processo produtivo audiovisual pode influenciar, dentre outros fatores, no comprometimento laboral, no exercício da cidadania, no comportamento social, no rendimento escolar, na visão de mundo e na auto-estima. E estas características também se fizeram presentes entre os diretores dos vídeos do Revelando os Brasis.

A partir do momento em que o “poder”³⁵ foi dado ao cidadão de municípios historicamente sem expressão nacional, a visão que muitas dessas pessoas tinham deles mesmos foi alterada, principalmente ao ver o vídeo pronto. Prova concreta de que barreiras podem ser quebradas, objetivos podem ser alcançados, limites podem ser vencidos. “*Eu acho que o primeiro grande fruto do projeto foi essa coisa de ser capaz, provar que a gente pode fazer quando tiver condições, a gente pode ir lá. Vai e faz é só ter oportunidade*”, afirma o paraibano Laércio Ferreira Oliveira Filho, um dos que tiveram no Revelando os Brasis a primeira experiência com uma produção audiovisual.

Com a oportunidade que tive de entrevistar os outros trinta e nove selecionados da primeira edição do projeto, pude perceber que nem todos tinham a pretensão de virar cineastas, de mudar de carreira, de continuar no audiovisual. Porém em todas as entrevistas, sem exceção, a expressão auto-estima foi citada pelo menos uma vez e em apenas um caso, o do paraibano Damião Rodrigues, como irei discorrer mais adiante, essa citação teve uma conotação negativa. Mas na esfera geral do projeto, produzir o documentário ou ficção a que cada selecionado se propôs, fez com que aflorasse o sentimento de autovalorização em diversas pessoas envolvidas.

³⁵ A palavra *poder* aqui é utilizada no sentido de dar a oportunidade para que o cidadão-alvo do projeto assuma o papel de sujeito do discurso e realizador de um produto por muitos cobiçado.

Sâmia Dias da Silva narrou em seu documentário a história da construção e da desativação da Ferrovia Madeira-Mamoré³⁶. Para a diretora, além de se ver capaz de realizar uma série de atividades que eram novas para ela, o sentimento de apreço gerado entre seus entrevistados também foi uma herança muito positiva do projeto.

Foi interessante pesquisar, foi interessante encontrar as pessoas, gostei muito de fazer as entrevistas com as pessoas. Gravar pra mim era algo que eu não imaginava. Também foi maravilhoso encontrar o Sr. Paulo, Sr. Mota, Sr. Zé Piraiba, que é uma história viva. É uma história que vai ficar pra cidade, vai sempre ser lembrada. Eles ficaram felizes e se sentiram, como é que eu posso dizer, se sentiram valorizados por terem sido procurados, por falar da história (Sâmia Dias da Silva)³⁷.

O sentimento de auto-estima elevado que se instaurou dentre os realizadores dos curtas e ficções não se deu baseado apenas no produto final concluído. A superação de antigas crenças limitantes que ocorreram durante todo o processo, da oficina no Rio de Janeiro ao dia em que o vídeo foi exibido na cidade, aumentou a confiança dos diretores neles mesmos e estimulou um novo comportamento a ser levado para a vida diária. Vários realizadores contam que se surpreenderam com atitudes que tiveram que tomar e não se imaginavam capazes. Para muitos, o maior ganho do projeto está mesmo na vida pessoal, como comprovam os depoimentos dos nordestinos Maria José da Silva e Arthur dos Santos.

“Eu amadureci muito porque tive que correr atrás de algumas coisas. Eu fiz coisas que achava que não tinha condições de fazer, que era lutar pra conseguir alcançar meus objetivos que era ter a realização do vídeo. Tive que procurar pessoas, tive que conversar, tive que convencer, então pessoalmente eu mudei, pois era muito tímida” (Maria José Silva).

As mudanças também foram significativas na vida do comerciante pernambucano Arthur dos Santos. *“A diferença eu acho que é muito pessoal, é uma coisa*

³⁶ A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré foi construída entre 1907 e 1912 no Estado de Rondônia para ligar Porto Velho a Guajará-Mirim. A ferrovia movimentava a economia da região e foi responsável pelo desenvolvimento de algumas cidades como Nova Mamoré, onde se concentram os entrevistados do documentário. Na época de sua construção, ela ficou conhecida como a “ferrovia do diabo” devido às milhares de mortes ocorridas em decorrência de doenças tropicais.

³⁷ BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD 4.

da auto-estima, eu acho que mexeu muito comigo. Eu estou me surpreendendo, que eu já estou falando em público, dando entrevista, coisa que eu sempre tive dificuldade muito grande e, aí, de repente, eu chego, por exemplo, na última entrevista agora, que eu fui entrevistado pela Carla Camurati, se bem que ela é uma profissional e sabe da dificuldade que a gente tem e ela facilita as coisas. Mas eu consegui, assim, dizer o que eu queria, então isso mudou bastante, porque eu sinto que, às vezes, o que falta na gente, é colocar em prática alguma coisa e a gente não ficar só achando que não é capaz ou coisa do tipo”.

Esta nova realidade de sentir-se capaz, determinado, importante, que os vídeos possibilitaram para muitos realizadores e personagens, estimulou o surgimento de pessoas com maior poder de ação e, mais ainda, mudou o conceito sobre a sua própria realidade. Atividades que antes eram tidas como menores e de grande fardo, hoje são vistas também a partir de uma nova perspectiva.

Adelma dos Passos, uma professora de uma pequena comunidade litorânea no interior da Paraíba, Pitimbu, fez do objeto do seu documentário o trabalho das senhoras que, acompanhadas dos filhos, vão diariamente para a praia catar mariscos e, ao chegar em casa, toda a família ainda ajuda a cozinhar e tirar os mariscos das cascas. Um trabalho árduo que rende financeiramente menos de quatro reais por quilo do crustáceo, um valor totalmente discrepante do árduo trabalho que essas mulheres executam. A falta de reconhecimento financeiro, que resulta em um padrão de vida longe do que gostariam e sonham para os filhos, ajudaram a fortalecer o sentimento de que esta profissão é de um caráter menor, de pouca importância. Ao terem o olhar voltado só pra elas, através do documentário, ao trabalho que executam, a como ajudam a sustentar a família com a profissão que “lhes foi escolhida” desde pequenas, a visão sobre elas mesmas e o seu universo mudou de perspectiva.

Eu senti que a auto-estima de algumas pessoas, principalmente das marisqueiras, ela melhorou. Porque elas não acreditavam, elas faziam aquele trabalho, não gostavam, faziam porque precisavam se sustentar, precisavam trabalhar pra ajudar a criar os filhos, hoje já é bem diferente. Hoje a gente já tem até uma luta em busca desses direitos, os direitos das pescadoras (Adelma Cristovam dos Passos)³⁸.

³⁸ BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD Circuito de exibição nas cidades.

O documentário destinado a essas marisqueiras ajudou para que elas também se enxergassem, se percebessem vivas, cidadãs e, como tal, se sentissem fortes e merecedoras de lutar por seus direitos. É o uso da imagem como afirmação de existência.

Essa autoconsciência que muitos vídeos possibilitaram aos seus personagens também pode ser exemplificada por uma pequena comunidade rural em Arroio do Tigre no Rio Grande do Sul. O agricultor gaúcho Gilmar Wendel mobilizou para a gravação do seu docudrama “O Grito de Bamo”, cerca de 200 pessoas, a maioria camponeses de sua região, que trabalharam não só como atores e figurantes, mas também como cenógrafos, figurinistas, platôs, ainda que nem tivessem consciência dos nomes das funções que estavam executando. O sentido de coletividade foi algo muito presente nesta produção, o que disseminou também a felicidade de dever cumprido e meta alcançada após o vídeo ter sido concluído.



Figura 33 – Gravação do documentário “O Grito de Bamo” no Rio Grande do Sul

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

“Eu não sei se daria pra dizer que o projeto mudou minha vida, porque eu tentei não trazer muito para o lado pessoal, eu fiz, mas sim do coletivo, das pessoas tomarem consciência de que são capazes, de mesmo sendo um agricultor que nunca tenha saído de sua comunidade, do seu município e que hoje vê sua cara aparecendo em vários

locais do Brasil. Então, mudou no sentido de que aquelas pessoas são capazes de fazer algo que talvez, possa se dizer, extraordinário pela condição que a gente vive lá e também tem a capacidade de reunir esforços, a gente ter realizado isso. E o principal fato de estar contando a história dos seus antepassados de deixar registrado pra sempre essa conquista. Acho que mudou no intuito coletivo de toda a comunidade” (Gilmar Rogério Wendel).

Diretores dessa primeira edição do projeto também aproveitaram a sua obra para transmitir uma mensagem que ajudasse a disseminar uma luta coletiva. O próprio Gilmar Wendel, este agricultor do interior do Rio Grande do Sul, utiliza no encerramento do seu docudrama frases que refletem diretamente o ponto de vista de um desejo grupal, do qual ele também faz parte³⁹. A última imagem que aparece no seu vídeo, que retrata um massacre sofrido por camponeses de sua região, é de uma mensagem que diz o seguinte: “a luta dos camponeses não acaba aí. A elite dominante, respaldada pelo estado, tem uma grande dívida com o povo humilde. Um dia, mesmo que a duras penas, esta dívida terá de ser paga [...]”⁴⁰. Este não é um discurso apenas do Wendel e sim de todo um conjunto que ele procurou representar em seu produto audiovisual.

Outro diretor que também procurou dar ao seu vídeo um caráter social foi o atendente comercial Paulo Marcos. Morador do Estado de Roraima, Paulo realizou para o Revelando os Brasis uma ficção baseada em uma história real sobre um rapaz que saiu de casa pra trabalhar em uma fazenda da região e nunca mais voltou, até que um dia é encontrado pela irmã. O diretor aproveitou a história para fazer uma denúncia sobre o sistema de semi-escravidão e péssimas condições de trabalho que acometem vários agricultores da região, como ele mesmo explica: “procurei colocar também a questão social, pois na minha região é muito comum histórias de funcionários que trabalham, trabalham e no final do mês ao invés de ter saldo, só tem débito. Está ainda devendo ao patrão” (MARCOS, 2005).

³⁹ Gilmar Rogério Wendel é membro do Movimento dos Sem Terra (MST) e do Movimento dos Pequenos Agricultores da sua região, que reúne cerca de mil famílias e luta por melhores condições de trabalho e subsistência e defende o desenvolvimento sustentável.

⁴⁰ Sequência de frases presentes no vídeo “O Grito de Bamo” (BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008a]. DVD 4.

Paulo também abordou no vídeo outra questão polêmica na região: o desmatamento. Em uma conversa entre dois personagens, enquanto trabalham na lavoura, o assunto vem a tona através do seguinte diálogo:

- Zeca: Sabe Sr. Joaquim, todo mundo comenta sobre a derrubada das matas. Mas entre a consciência e a necessidade é claro que permanece a necessidade.

- Sr. Joaquim: Se o governo liberasse recursos, a gente não derrubava a mata, plantava na Juqueira. Mas o aluguel das máquinas é muito caro para dar terra. A gente derrubando as matas, além de vender alguma madeira, ainda tem terra pra plantar.

- Zeca: Mas Sr. Joaquim, os grandes vilão (sic) é as madeiras, que derriba (derruba), que retira a floreta e não planta nada. Mas o pior é os fazendeiros que derriba as matas pra criação de boi. E outro dia eu tava vendo no Jornal Nacional uma reportagem que dizia que o nosso país é o segundo em produtor de gado, só perdendo pra um tal de país, se não me falha a memória, Índia. Está perdendo pra esse país, em segundo lugar.

Sr. Joaquim: Enquanto isso por aí muita gente passando fome, né?

Zeca: Sr. Joaquim e quando as plantações de soja aumentarem por aqui aí é que vai aumentar o desmatamento. Não quero dizer que sou contra eles, apenas a gente ter um controle pra não derrubar toda a nossa mata, que vai fazer muita falta pra nós.

Sr. Joaquim: Pois é, mas tem um ditado popular que diz o seguinte: a medida do ter nunca enche⁴¹.

A partir dessa experiência primeira em um processo de produção de um curta-metragem e o resultado que este trabalho produziu nos realizadores e em muitas outras pessoas ao redor, diversos selecionados foram tomados pelo desejo de continuar produzindo. Para a terapeuta Uíara Cunha, o Revelando os Brasis a fez enxergar desejos e habilidades que estavam escondidos. O resultado desta nova visão de si mesma, além de influenciar em seu amor próprio, também a fez eleger uma nova área de atuação profissional. Uíara, antes mesmo do seu curta “Chico Abelha” ter sido lançado oficialmente, já tinha dado início a uma nova produção.

Pra mim foi uma revelação fazer o Revelando os Brasis, ser escolhida pra fazer esse documentário, porque eu sou psicóloga, trabalhava com terapia, trabalho ainda, e de repente eu me descobri cineasta, eu me descobri

⁴¹ BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008b]. DVD 6.

documentarista e me apaixonei por essa atividade, tanto assim que eu já estou no segundo documentário, que eu banqueei eu mesma. Porque eu me apaixonei tanto que eu não conseguia parar de fazer cinema, parecia que eu tinha tomado assim um negócio na veia e que era cinema, era um negócio assim, aí eu peguei todo o dinheiro que tinha e fiz o segundo documentário. Então foi uma coisa assim muito apaixonante, uma descoberta de mim mesma. É como Gil (ministro Gilberto Gil em depoimento gravado e projetado no início do evento de lançamento dos vídeos) fala ali na entrada, tinha uma documentarista, uma cineasta ali dentro de mim (Uiara Maria Carneiro da Cunha)⁴².

O Revelando os Brasis foi um importante instrumento de provocação às pessoas para que elas dessem vazão a potenciais ainda não trabalhados. E, como bem falou Uiara, a aptidões desconhecidas. O projeto também transformou em realidade anseios que pareciam que nunca seriam concretizados se levado em conta o contexto em que os diretores estavam inseridos. Um exemplo dessa afirmação é que aconteceu com o paraense Antônio Gato. O processo desse radialista no Revelando os Brasis começou com o seu desejo de mostrar pra todo o Brasil o lugar onde morava.

“Eu sempre tive vontade de divulgar meu município, só não tinha oportunidade. Eu vi na hora, na inscrição, que eu poderia mostrar a história do meu município, pra contar um pouco desse imenso Brasil, tentar mostrar pra esse Brasil um pouco da minha cultura. Tanto é que a minha história é uma lenda que aconteceu no meu município. Mas fazer um filme, minha cidade não tem uma sala de cinema, era uma situação complicada. E participar do projeto pra mim foi uma experiência muito importante. Também percebi que deveria levar até os meus conterrâneos, mostrar um pouco o que é o cinema, esse mundo de sonhos e paixão que é o cinema. Minha intenção seria basicamente essa, apesar de nunca ter ido ao cinema a partir da oportunidade voltar pro meu município e mostrar o cinema, de como se fazer um filme, inclusive fazer palestras de como se faz um filme, do que é o filme” (Antônio Luís Ferreira Gato).

Antônio Gato, assim como a maioria dos outros selecionados do projeto mora em um município onde não há sala de cinema, portanto o principal contato que se tem com

⁴² BRASIL. Minc. Secretaria do Audiovisual, [2008]. DVD Circuito de exibição nas cidades.

este produto artístico é através da televisão ou de videolocadoras, ou ainda através da aquisição de filmes piratas.

Em 2006, uma pesquisa desenvolvida pelo IBGE na área da cultura, mostrou que as videolocadoras estavam presentes em 82% dos municípios brasileiros, enquanto apenas 8,7% dos municípios do país possuíam sala de cinema. Uma vez que os municípios com até 20 mil habitantes correspondem a 4.006, dos 5.568 municípios existentes, pode-se ver na tabela abaixo que uma boa parte deles realmente possui o serviço de videolocadora como uma importante fonte de acesso a filmes.

Tabela 7 – Municípios brasileiros que possuíam videolocadora em 2006

	Local					
	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Quantidade total de municípios	4.563	336	1469	1402	961	395
Municípios com até 20 mil habitantes	2.985	176	919	879	713	298

Fonte: IBGE, 2006.

Apesar de uma grande maioria dos municípios brasileiros possuírem videolocadora, há pouca oferta de filmes brasileiros nas prateleiras, repetindo uma característica da televisão nacional. Assim, quando se fala em produção cinematográfica, são os filmes americanos os principais referências do brasileiro e com os selecionados do Revelando os Brasis não foi diferente, como demonstra esse depoimento do mineiro Eduardo dos Reis.

“Eu não tinha experiência (com vídeo), só mesmo assistindo filmes americanos até não poder mais que é a única influência que a gente tem. Morar no interior é (sic) os grandes sucessos que chegam lá e só o que eu podia dizer de cinema era só isto. Até porque antes do projeto a única vez que eu tinha ido ao cinema era (sic) em 1994 pra ver O Rei Leão, isto é muito tempo, e agora depois do projeto, isto mostra o resultado do projeto, depois disso eu voltei ao cinema, já aqui no Rio de Janeiro. Tive (sic) me

esquecido como era bom aquele tamanho de tela e todo aquele som” (Eduardo Silva dos Reis).

O paraense Antônio Luís Ferreira Gato, citado logo acima, também foi ao cinema no Rio de Janeiro, pela primeira vez, aos 35 anos de idade. No período que Gato passou no Rio, sempre que teve oportunidade aproveitou para assistir algum filme. Ele se disse emocionado quando entrou no cinema pela primeira vez, mas nada comparado à satisfação que sentiu cerca de um ano depois, quando viu seu filme ser exibido no 2º Festival de Belém do Cinema Brasileiro. Com lágrimas nos olhos ele relembra: “Te confesso que eu saí de lá e fui pro apartamento, eu chorei. De ver aquela imagem, aquele hino” (GATO, 2005). O documentário de Antônio Gato começa com o hino do município sendo tocado pela banda marcial da cidade e imagens do cotidiano de Terra Santa, distante 1.070 km de Belém, capital do estado.

Participar do Revelando os Brasis deu para Antônio Gato mais que a oportunidade de divulgar seu município, seu desejo inicial. Foi também uma ótima janela de autopromoção que mudou sua vida profissional. Para vários realizadores, o projeto não fez apenas com que se sentissem mais capazes. A sociedade na qual estavam inseridos também passou a enxergar neles essa competência que emergiu com a realização do vídeo.

Antônio Gato, que nunca tinha manuseado uma câmera de vídeo antes do Revelando os Brasis, dedicou-se a aprender mais sobre o equipamento também durante o período de gravação do seu documentário o que, aliado ao seu trabalho de divulgação do município, culminou com uma ação que o deixou surpreso e feliz. *“Com tudo isso a prefeitura passou a acreditar no meu trabalho e me colocou à disposição uma filmadora pra começar a realizar novos documentários, pra capturar imagens pra televisão local. Passei a ser reconhecido no meu município”*, afirma satisfeito esse talento revelado pelo projeto.



Figura 34– Antônio Gato durante gravação do documentário “Terra Santa”

Fonte: REVELANDO os Brasis, 2007.

Antônio Gato virou referência audiovisual no município de Terra Santa e, para quem há pouco tempo, nunca tinha entrado no cinema, ser reconhecido como um profissional da área cinematográfica é motivo de muito orgulho. O paraense, por sinal, fala sobre o assunto com a segurança de um grande profissional.

“Eu comecei a fazer um trabalho no interior, então as pessoas me perguntam como é isso, perguntam como eu aprendi, aonde eu aprendi a fazer isso. Quando eu estou usando a filmadora, perguntam: como você aprendeu? Aí tenho que explicar, que tem que ter uma história, depois tem que fazer um roteiro, depois captar as imagens baseados (sic) no que está no roteiro e depois fazer a edição e finalizar o vídeo. Quando estou filmando as pessoas perguntam se eu sei fazer, aí eu digo: sou produtor de cinema, né? O pessoal já está acostumado. Um colega nosso se inscreveu no BBB (Big Brother Brasil) aí a produção pediu para que ele mandasse um vídeo com 5 minutos, aí ele sem saber que rumo tomar seguiu o conselho da mãe em procurar o Antônio, que ele deveria saber como fazer. E assim, quando o assunto é filmagem, o povo tudo (sic) me procura” (Antonio Gato).

Este diretor de programação de rádio, e agora, produtor de cinema, como ele mesmo se define, é mais um claro exemplo do quanto o projeto agiu positivamente na auto-estima dos realizadores, inflamando o desejo que todo ser humano possui de auto-realizar-se e de alcançar novos objetivos. Satisfazendo também outra necessidade que pertence a nossa natureza, a de aprender, de desenvolver novos saberes, o que segundo o pesquisador

e psicólogo americano Maslow (1975 apud SANTOS, 2008), é uma das necessidades fundamentais do ser humano. Santos (2008, p. 1) afirma que “a necessidade de auto-realização revela uma tendência de todo ser humano em realizar, de forma plena, o seu potencial” e de acordo com Maslow (1975 apud SANTOS, 2008, p. 1) ‘Essa tendência pode ser expressa como o desejo de a pessoa tornar-se sempre mais do que é e de vir a ser tudo o que pode ser’.

Para alguns participantes do Revelando os Brasis o projeto foi justamente a chance que esperavam para se transformarem naquilo “tudo o que pode ser”. O sentimento de auto-realização veio associado ao de concretização de um grande sonho. Em alguns deles, o universo do audiovisual já se fazia presente há muito tempo, porém apenas em caráter subjetivo, como é o caso do baiano Ronaldo Trindade de Jesus, diretor do curta de ficção “Moinhos de tempo”.

“A idéia do “Moinhos de Tempo” já existia, já há 5 anos. Tinha até trilha sonora, faltava mesmo a oportunidade como o Revelando, essa possibilidade. Como eu gosto de cinema toda idéia que tenho, anoto, faço o argumento. Eu tenho livro de roteiro então já tentava fazer alguma coisa, o “Moinhos de Tempo” existia nesse sentido, uma proposta. E o projeto me deu a oportunidade de ... Acredito que cinema é um sonho, mas um sonho mais próximo que um ano atrás. O Revelando veio pra me dizer que se eu quiser, eu posso, que não posso deixar de acreditar. Meu pensamento de que cinema é coisa cara ou distante ficou pra trás” (Ronaldo Jesus).

O projeto estimulou uma área importante do ser humano, que é a de acreditar e agir, de buscar o que a gente quer de melhor pra nossa vida. É um resgate de poder. O visitante sanitário Welliton Moraes vivenciou todas essas fases durante sua experiência como mais um dos quarenta selecionados da primeira edição do Revelando, como o projeto também é carinhosamente chamado.

“Quando eu vi o projeto, eu vi que existia possibilidade, como eu quero fazer cinema, aí eu pensei que era minha chance, uma oportunidade de fazer meu primeiro vídeo. Enfim, escrevi minha história, foi um pouco corrida, (sic) mandei, demorou pra sair o resultado, achei que não seria escolhido, quase que fiquei com depressão, triste mesmo. Porque eu pensei: tenho que fazer uma história não pra mim (sic) concorrer, mas pra mim

(sic) ganhar. É a minha oportunidade. Veio (sic) várias idéias, mas aí pensei em fazer sobre retirante que é algo que o povo conhece, daí deu certo. Quando saiu o resultado foi a secretária de saúde que me informou, eu não acreditei, não fui trabalhar no dia, fiquei feliz demais, foi muito legal” (José Welliton Moraes).

A ficção roteirizada e dirigida por Welliton, “Esperança”, mostra a saga de uma família nordestina que, em busca de melhores condições de vida, junta o pouco que tem em cima de um caminhão e parte para uma cidade maior. O tema não foi escolhido apenas por ser um assunto conhecido do grande público, como o diretor declarou na citação acima, dentro dele também está imbuído um grande sonho de Welliton.

É uma história de retirantes que um dia vai acabar sendo a minha, porque eu sonho em ir pro Sul/Sudeste estudar cinema. Também tem a ver com minha história porque muita gente que eu conheço saiu do Ceará em busca de vida nova. Tenho irmãos em São Paulo, primos aqui no Rio de Janeiro. Também tem vários amigos e vizinhos que saíram. Quero acabar minha faculdade para tentar estudar cinema no Rio ou São Paulo, minha mãe é contra, não quer me ver indo embora. Eu tento tirar o cinema da minha cabeça, mas eu não consigo (MORAES, 2005).

Welliton Moraes está em processo de conclusão do seu curso de Pedagogia e ainda sonha em trocar o interior do Ceará por um curso de cinema em outro estado. E segundo o estudante, sua mãe, que atuou como atriz em seu filme, continua não concordando com a idéia.



Figura 35 – Welliton preparando a mãe, para mais uma cena do curta “Esperança”

Foto: REVELANDO os Brasis, 2007.

Se a experiência no Revelando os Brasis foi, para alguns, a mola propulsora para investir na carreira de cineasta, para um caso isolado do projeto, o efeito foi justamente o inverso. Damião Rodrigues, funcionário dos Correios, é diretor do curta ficcional “O Assalto”, baseado em uma história real. O vídeo narra a invasão que bandidos armados fizeram à agência onde Damião foi transferido a fim de substituir a gerente que pediu licença após o acontecimento. O diretor, jornalista por formação, afirma ter sido traumática a vivência do projeto.

“A experiência toda, no geral, tudo foi complicado. Na verdade eu descobri muitas coisas pessoais, não foi só o lado profissional, coisas minhas mesmo, dificuldades de me impor, na edição tive dificuldade de me impor, medo de trabalhar com as pessoas, sou muito isolado, isso dificulta trabalhar com cinema. (...) E eu tive problemas de tempo, o tempo ficou limitado, por mim mesmo, nada em relação à produção do projeto, e sim o meu tempo profissional. Tudo ficou rápido demais, então deixei de construir algumas cenas e captar algumas imagens que estavam no roteiro. Se tivesse seguido meu roteiro o filme teria saído um pouco melhor, mas não consegui seguir o roteiro por causa dessa questão do tempo. E uma idéia que surgiu depois do roteiro foi encaixar depoimentos daqueles que passaram por aquele drama, e isso não aconteceu, pois ficaram assustados, porque o assalto aconteceu em agosto de 2004 e nós gravamos em janeiro de 2005, era algo muito recente e muitos ficaram com medo. Contar pra mim, um funcionário dos correios, tudo bem, agora contar na frente das câmeras eles se assustaram. Então na hora de finalizar ficou meio capenga o vídeo, não tive outra idéia pra substituir os depoimentos, então faltaram os depoimentos e algumas cenas que deixei de gravar. Daí fiquei triste porque meu vídeo ficou falho e aí vem sempre a comparação e fica complicado na minha cabeça” (Damião Expedito de Lima Rodrigues).

O curta de Damião Rodrigues ficou com apenas 3 minutos e 30 segundos. A história que vem se desenrolando de forma bastante interessante e engraçada, acaba

bruscamente, sem ter nada que sinalize uma finalização. Na narrativa, um personagem pergunta: “E a história da praça é verdade?”, em seguida corta para imagens de moradores na praça da cidade, momento em que sobressai o som da música “O que é, o que é?”, de Gonzaguinha, já com os créditos de encerramento. É uma seqüência de elementos desencadeados que deixam o espectador confuso e sem entender como chegou a esse fim. Não há a mínima preparação ou sinalização narrativa que demonstre que o vídeo está pra ser encerrado.

Durante entrevista para essa pesquisa, Damião relatou que faltou paciência em lidar com os atores e que seu *“jeito afobado prejudicou um pouco o produto final”*. Indagado sobre se pretendia tentar uma nova produção audiovisual Damião não foi dos mais otimistas.

“Isso é um pouco complicado pra mim agora, porque já que não consegui fazer da forma como eu queria, tanto ficou pequeno como faltaram detalhes pra uma cadência legal; eu fico preocupado com minha capacidade de ser cineasta, então estou com o pé atrás, mesmo porque agora não tenho tempo, por ter outra função lá nos Correios, trabalhar oito horas por dia fica difícil ir atrás. Ainda mais quando você desconfia da própria capacidade intelectual, o quanto essa questão de cinema ficou mais complicado. Mas descobri muita coisa através dos meus erros nesse vídeo. Eu posso não cometê-los daqui pra frente, fazer de uma forma diferente. E ao mesmo tempo fiquei mais retraído, depois de uma experiência negativa eu preciso de um tempo pra me reabilitar”.

De fato Damião Rodrigues não realizou mais nada na área do audiovisual até o presente momento. Por ter ficado insatisfeito com o resultado do seu vídeo, faltou-lhe confiança para tentar mais uma produção. Assim, diferente de todos os outros relatos para esta pesquisa, Rodrigues é o único caso de contração da auto-estima ocasionada pelo projeto. Apesar da frustração, Damião aproveitou as limitações por ele detectadas durante a realização do vídeo para aprofundar-se em um procedimento de auto-conhecimento levando em consideração como essas atitudes presentes em seu processo produtivo também estavam interferindo de forma geral em sua vida.

Antes da realização dos vídeos, principalmente durante as oficinas, o sentimento de insegurança e medo do novo era latente, contudo, a característica

predominante foi a de superação e a de encontrar alternativas para anular esses sentimentos, como aconteceu com Luciana Nantes do Mato Grosso do Sul. Na época do projeto, Luciana estava no primeiro ano da faculdade de Rádio e TV e, assim como Damião, era funcionária dos Correios. Quando recebeu o material promocional do projeto em sua agência, ficou tentada a se inscrever, mas não se sentia apta para tal. Ao comentar o fato na faculdade, um grupo resolveu se juntar para pensar uma história, sob o comando de Luciana e Lidiane Lima, co-diretora do documentário “Corguinho e seus ETs”.

A aprovação da idéia do grupo no Revelando os Brasis culminou com a criação da produtora de vídeo *Tomada Films*, formada exclusivamente por garotas. Hoje a produtora trabalha com vídeos comerciais e fotos e é administrada por Lidiane Lima. Luciana Nantes não realizou outra produção audiovisual. Justifica-se afirmando estar ocupada com a faculdade, mas sinaliza que tem a intenção de montar a sua própria produtora em um curto espaço de tempo.

Segundo Lidiane, o documentário realizado pelo projeto continua sendo um importante cartão de visita a ser apresentado para potenciais clientes da produtora e este propósito também se estendeu a diversos outros selecionados, como Goulart: *“O Revelando os Brasis foi muito útil pra poder me revelar, como eu quero trabalhar com cinema, foi uma forma de me mostrar no mercado”*. Do mesmo pensamento, compartilha o capixaba Valbert Júnior Vago: *“O projeto potencializou um dom que muitos de nós têm, muitas pessoas chegaram aqui, mandaram um roteiro, produziram um vídeo, mas não conseguem achar a maneira pra continuar a fazer isto. Eu tenho conseguido abrir minhas portas, porque já apresento meu produto e vendo meu peixe. E esse papel quem faz pra mim é o vídeo do Revelando os Brasis. É meu primeiro cartão mesmo”*. Esta estratégia parece ter dado um bom resultado, pois Valbert produziu alguns vídeos escolares, um documentário para uma comunidade de descendentes de italianos, além de possuir roteiros prontos e outros em preparação para os quais procura recursos de viabilização.

O Revelando os Brasis acendeu na maioria dos selecionados o desejo de realizar outras produções audiovisuais. Mas a maioria não conseguiu atingir esse objetivo. Dos quarenta selecionados da primeira edição do projeto, dez se envolveram em alguma produção audiovisual, seja como assistente, roteirista, produtor ou diretor, como no meu

caso. Por trabalhar na área do audiovisual, após o Revelando os Brasis já roteirizei e dirigi documentários pro Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), Polícia Militar do RN, Ongs, Fundação de Apoio à Pesquisa Agrícola (Fundag, SP) etc. Contudo, o trabalho que considero mais relevante foi ter ganhado o edital do DOCTV IV em 2008 e produzido o documentário “Sangue do Barro”⁴³.

Apesar da maioria não ter concretizado mais uma produção audiovisual, o desejo de realizar outro vídeo ainda permanece. Como mostra a tabela abaixo, 51 diretores elaboraram ou estão em fase de elaboração de roteiros, tanto de ficção quanto de documentário. Estes dados se referem à pesquisa feita pelo Instituto Marlin Azul em outubro de 2007 com os diretores da primeira e da segunda edição do Revelando os Brasis. Tendo como base esses números percebe-se que um dos primeiros passos para se produzir um vídeo já foi dado por vários participantes do projeto, escrever um roteiro, o que subtende-se ser a prova real de que a vontade de continuar na área audiovisual continua. Mas a falta de recurso financeiro para transformar as idéias em vídeo é o principal motivo para deixarem os projetos apenas no papel.

Tabela 8 – Após o Revelando os Brasis...

Atividades audiovisuais dos diretores
21 diretores estão escrevendo roteiros ou pesquisando temas.
30 diretores possuem roteiros prontos à espera de patrocínio e/ou disponibilidade de tempo para gravar.
18 diretores estão envolvidos na realização de vídeos próprios.
10 conseguiram finalizar um novo vídeo.
07 estão envolvidos com produções contratadas ou prestando serviços.
02 abriram suas próprias produtoras.
05 participaram de cursos na área audiovisual.
09 estão envolvidos ou planejam participar/criar cineclubes.

⁴³ “Sangue do Barro” faz uma análise social e conta os fatos que permeiam um acontecimento que chocou o Rio Grande do Norte em 1997. Um ex-atirador do Exército Brasileiro matou, em um único dia, 14 pessoas. A ira de Genildo Ferreira de França, 27 anos, foi motivada principalmente pelas acusações de que era homossexual. O documentário é dirigido por mim, Mary Land Brito e Fábio DeSilva e tem 52 minutos de duração.

04 atuaram/atuaem em Pontos de Cultura.

04 passaram a escrever para o site Overmundo.

02 atuam em TVs comunitárias.

01 prestou serviços para emissora de TV.

Fonte: Dados fornecidos pelos diretores do Revelando os Brasis ano 1 e ano 2 entre agosto e outubro de 2007 através de questionário/entrevistas realizadas pela Assessoria de Comunicação do Instituto Marlin Azul.

Apesar do projeto apresentar para vários selecionados, e aprimorar para outros, a linguagem audiovisual, não existiu em sua primeira edição uma orientação de como viabilizar outras produções. Durante o período das oficinas já se detectou esse problema, uma vez que foi ali, nesta fase do processo, que muitos se apaixonaram pelo universo audiovisual e sentiram a necessidade de uma orientação sobre como permanecer atuando na área.

Em uma reunião entre os diretores dos vídeos, a organização do projeto e representantes da Secretaria do Audiovisual, vários foram os pedidos de ações facilitadoras que viabilizassem compras de câmeras e ilhas de edição. Algumas solicitações tinham um tom meio assistencialista. O problema é que também não foram apresentados caminhos que viabilizassem esse acesso a equipamentos ou outras formas de se continuar produzindo, como por exemplo, via edital, projeto, concurso etc. O próprio Ministério da Cultura tem ações que poderiam ser reais possibilidades dos selecionados continuarem no universo audiovisual, mas faltou espaço para apresentá-las. Leonardo Vasconcelos, professor da oficina de câmera, alerta para a necessidade de se preencher essa lacuna. *“Estou muito orgulhoso em participar deste projeto que abre essa porta para as pessoas que não teriam oportunidade de fazer isso, por um lado fico triste porque essa porta foi aberta, a oportunidade foi dada, mostraram um caminho e as pessoas adoraram a experiência, querem dar continuidade. Essa segunda etapa do projeto ainda é uma nuvem negra, que não se sabe como vai resolver, tem que se pensar, não é possível dar o caminho, as ferramentas e não pensar em subsídios para continuar”*.

O selecionado Flávio Antônio Chiairini Pereira, complementa a afirmação acima enfatizando também a falta de preparo de alguns participantes em pensar uma solução por

caminhos mais estruturantes e menos assistencialistas. Para Flávio Pereira, “os projetos saíram legais, mas acho que muita gente não está preparada para continuar fazendo. A gente vê isso quando veio o pessoal do Ministério da Cultura que eles ficam pedindo uma câmera, uma ilha ao invés de falar que quer receber informação. Mas se você entrar na página, através da Internet, tem. E então muitas pessoas não procuram. Isso é complicado, é burocrático. É difícil fazer um projeto para valer, só que existem alguns mecanismos. Para esse projeto (o Revelando os Brasis) sair completo seria preciso que as pessoas aprendessem esses mecanismos para continuar produzindo. Acho que é o único modo que a gente tem para produzir agora. Eu só não daria nota 10 ao projeto porque faltou ensinar as pessoas a continuarem, mostrar o caminho para que elas continuem produzindo”.⁴⁴

Por outro lado também é importante afirmar que pelo próprio estilo de vida de vários selecionados, acredito que esse intenso desejo de continuar produzindo era muito mais um impulso de momento, devido a realidade que estavam vivenciando. Até porque, de forma geral, tudo transcorria de forma confortável, o que não é a realidade do produtor independente. Através do projeto, os selecionados tinham a preparação, a filmagem, a edição, a produção e a veiculação do seu vídeo garantidas. Como a grande maioria não tinha experiência na área, a percepção que lhes foi dada de um processo de produção de um vídeo não constam as dificuldades que um produtor independente vivencia na busca de patrocínio, negociação de valores, contratação de produtora, divulgação do material pronto, inscrição em festivais, veiculação do vídeo etc.

Além disso, ainda eram vários os valores agregados à realização do vídeo como: viagem para o Rio de Janeiro; reconhecimento em seus municípios; destaque midiático em todo o país; aumento do círculo de amizades; novos conhecimentos de mundo; ostentação do título de diretor de um filme; participação em oficinas que apresentaram um novo conhecimento de um conteúdo agradável e de grande interesse; etc. Por todas essas razões, a vontade de permanecer no universo do audiovisual se tornou latente.

⁴⁴ Nas oficinas das edições seguintes, foi acrescentado o curso de Mobilização voltado a ensinar aos selecionados a como captar recursos e identificar na comunidade, e fora dela, possíveis parcerias para o desenvolvimento do projeto. Conhecimento que serve de grande orientação para a realização de futuras produções, além da patrocinada pelo Revelando os Brasis.

Mas, apesar da vontade de realizar outras produções, muitos selecionados têm um estilo de vida comprometido com profissões distantes do universo audiovisual. Passada a euforia dos principais momentos do projeto, não é todo mundo que tem garra para uma nova produção, principalmente sem o apoio com o qual contamos no Revelando os Brasis.

Além disso, continuar como realizador exige uma melhor preparação técnica e dedicação à área, o que não é possível para muitos, por estarem fortemente vinculados às suas atividades profissionais ou devido à própria realidade de auto-sustentação e dificuldade de acesso a cursos preparatórios, como por exemplo, o agricultor gaúcho Gilmar Rogério Wendel. *“Na minha condição de agricultor do interior do estado, então é bastante dificultoso esse tipo de trabalho de produzir filme, principalmente porque não se tem na região nada”*, relata Gilmar. O estudante Eduardo Silva dos Reis também reforça essa teoria e acrescenta ainda as dificuldades de viabilização orçamentária. *“Este ramo depende muito do recurso financeiro, depende demais do recurso financeiro, que eu não tenho. E o recurso é alto. Eu acho que provavelmente eu nunca vou ter assim uma independência pra fazer isto tudo. Eu vou voltar a fazer uma coisa assim quando eu realmente tiver condições ou tiver o apoio necessário, digo apoio externo. (silêncio) Vontade eu tenho, idéias eu tenho”*. Nem Eduardo, nem Gilmar realizaram outros vídeos.

Para outros, a produção audiovisual foi encarada como um hobby ou uma segunda atividade de onde não se espera retorno monetário; dessa forma, ela só pode acontecer quando existe tempo livre nas obrigações diárias. Ainda assim, não basta ter esse tipo de disponibilidade, é preciso também ter segurança financeira em sua atividade profissional. Ériton Bernardes Berçaco resume essa realidade de forma simples e objetiva: *“Eu preciso me alimentar, ter comida em casa, ter carro, me manter. Acho que o que vai me dar isso é o meu mestrado de Literatura, ter uma profissão, não que audiovisual não seja uma profissão, mas é muito arriscado, eu quero ser professor, mas sem deixar de fazer audiovisual que é uma paixão”*.

Para muitos dos selecionados, o Revelando os Brasis pode ser visto como um recorte de suas vidas, em que se viveu uma outra realidade, realizaram-se sonhos, descobriram-se competências, mas dentro de um espaço temporal fechado, que pode até vir a acontecer novamente, mas até então, foi um momento. Mesmo assim, não custa nada

sonhar, como mostra Seu Zé Leobino: *“Rapaz, têm algumas coisas que eu gosto na vida: cavalo, mulher e dinheiro. Uma mulher bonita pra mim, mande mulher bonita pra mim ou então mais dinheiro ou então um cavalo novo. Mas agora teve outra coisa que gostei. Esse negócio de fazer outro filme, num fazia mal não, eu queria deixar completo, eu tenho duas histórias a mais, custava terminar não. Do vaqueiro e do cangaço”*. Indagado se já havia expresso essa idéia de produzir outros dois vídeos no lugar onde mora, Seu Leobino é enfático: *“o povo de lá não ajuda ninguém de lá não, se vier de fora, até podem ajudar, mas se forem de lá, num vão ajudar não, se forem da minha terra eles não ajudam”*.

Grosso modo, a frase desse vaqueiro nordestino está inserida em um contexto que tem fundamento, uma vez que é bastante comum no Nordeste a valorização e a preferência de profissionais de outros Estados, principalmente dos provenientes do Sudeste do país. Mas por trás dessa afirmação existem ainda vários fatores que influenciam nesse pensamento e não é diagnosticado por Seu Zé Leobino como a falta de um maior investimento em políticas culturais municipais através da promoção de capacitação, financiamento e/ou difusão dos produtos culturais do município.

Projetos como este do Revelando os Brasis vêm ajudar a suprir essa lacuna que é latente em várias localidades brasileiras. Tomando como exemplo o audiovisual, por ser esta a área de pesquisa desse trabalho, apenas 287 municípios do país realizaram algum concurso na área de cinema no ano de 2006, segundo pesquisa do IBGE. Na área de vídeo esse número é menor ainda, apenas 186 municípios. Uma vez que o Brasil possui 5.568 municípios os números acima são realmente de pouca expressividade. Quando se volta o olhar para os municípios com até 20 mil habitantes, público-alvo do Revelando os Brasis, os índices são ainda mais baixos, como mostram as tabelas abaixo.

Tabela 9 – Municípios que realizaram concursos na área de Cinema em 2004 e 2005

	Local					
	Brasil	Norte*	Nordeste*	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Quantidade total de municípios	287	18	46	135	72	16
Municípios com até 20 mil	119	3	16	56	38	6

habitantes						
-------------------	--	--	--	--	--	--

* Os Estados do Acre e Roraima não realizaram concurso na área de cinema nos últimos 24 meses

* O Estado do Piauí não realizou concurso na área de cinema nos últimos 24 meses

Fonte: IBGE, 2006.

Tabela 10 – Municípios que realizaram concursos na área de Vídeo em 2004 e 2005

	Local					
	Brasil	Norte*	Nordeste*	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Quantidade total de municípios	186	19	36	85	35	11
Municípios com até 20 mil habitantes	76	8	13	32	17	6

* Os Estados do Acre e Roraima não realizaram concurso na área de Vídeo nos últimos 24 meses

* *O Estado de Sergipe não realizou concurso na área de Vídeo nos últimos 24 meses

Fonte: IBGE, 2006.

As escassas ações realizadas em esferas municipais ajudam a sustentar o sentimento de falta de oportunidade que nutre aqueles que desejam envolver-se em produções audiovisuais. Dos quarenta selecionadas do Revelando os Brasis primeira edição, por exemplo, apenas dez já tinham participado de alguma produção de vídeo e cinema. Essa minoria também se explica por não ser esse o perfil do público-alvo do projeto, uma vez que o Revelando os Brasis tem como um dos focos principais apresentar o processo de produção de vídeo digital para pessoas sem esse conhecimento.

Mas mesmo entre aqueles que já haviam realizado alguma produção, o projeto veio lhes apresentar uma nova forma, a de filmar e editar digitalmente. Três das pessoas contabilizadas entre os dez selecionados com experiência prévia no audiovisual, também foram surpreendidas com essa maneira mais fácil e acessível financeiramente de realizar uma produção. O alagoano Joaquim Oliveira, o piauiense Antônio de Noronha Pessoa Filho e o representante do Mato Grosso, Manoel Marques realizaram entre os anos 70 e 80 produções em película. Apesar de se sentirem extremamente atraídos por continuarem produzindo, as necessidades técnicas e financeiras desse tipo de produção os afastaram do mundo do audiovisual, enquanto realizadores.

O primeiro filme de Antônio de Noronha foi realizado em super-oito no ano de 1974. Enquanto secretário de educação e, em outro mandato como secretário de cultura do Piauí, também realizou outras produções, mas as dificuldades o desencorajaram a prosseguir, como ele mesmo relata: *“Sou viciado em filmes e já fiz outros filmes, deixei de fazer porque esse negócio de fazer cinema é uma coisa muito cara, me lembro que em 1980 fiz um documentário e parei porque era muito complicado pra gente montar um filme. Naquela época era moviola⁴⁵ mecânica. Eu fiz película, assim passava a noite toda pra montar 10 segundos e tinha um filme de 12 minutos, aí parei, era muito caro. Agora facilitou muito com a nova tecnologia, com a digitalização facilitou muito”*.

Os três se dizem extremamente motivados a retomar os processos de produção. Manoel Marques havia realizado em película três produções: “O Homem Nu” baseado na obra de Fernando Sabino, “A janela” a partir de um conto de Lígia Fagundes Teles e uma ficção chamada “Marta”. Outras produções ficaram inacabadas por falta de recursos financeiros. Ao ter contato com a linguagem digital, Marques afirmou estar encantado, principalmente pela imensa quantidade de recursos e a viabilidade financeira. Segundo Manoel Dourado Marques *“O Revelando os Brasis me estimulou mais, ele me mostrou possibilidades, principalmente técnicas atuais, que a minha estrutura era uma estrutura do cinema antigo, super-oito, película e houve com a questão do digital (sic) isso deu uma agilidade muito grande, então isso era uma linguagem que eu não conhecia, apesar de conhecer a linguagem da informática, mas eu não conhecia linguagem do vídeo, então isso ajudou muito, e foi um grande estímulo, muito fácil, quer dizer, requer conhecimento, mas é fácil, é mais fácil do que era”*. Manoel trabalha atualmente na captação de recursos para um documentário aprovado pela Lei Rouanet.

Enquanto isso, Joaquim Oliveira está finalizando um documentário, com inserção de ficção, sobre a temática “terceira idade”. Este alagoano havia produzido uma ficção em super-oito, nos anos 70, sobre um casal que comeu seu próprio filho em

⁴⁵ Moviola é uma marca de equipamento de montagem cinematográfica, que em muitos países tornou-se sinônimo de mesa de montagem. É constituída de rolos de entrada e saída, uma manivela para movimentá-los, uma série de engrenagens por onde passa o filme e um visor, permitindo que o montador veja o filme em movimento para selecionar, cortar e colar em pedaços de filme (MOVIOLA, 2009).

decorrência da fome. A partir do caminho aberto pelo Revelando os Brasis, Joaquim se estimulou a realizar com recursos próprios essa nova produção.

Portanto, a partir desses três exemplos, pode-se afirmar que o projeto também foi um grande ganho didático para aqueles com experiências anteriores no audiovisual, abrindo-lhes um novo olhar para a produção nesta área.

Para alguns outros selecionados do Revelando os Brasis, este funcionou como a abertura de um caminho para uma nova oportunidade de atuação, como declara o educador físico Flávio Antônio Chiarini Pereira. *“o que o mais gostei no projeto foi ter aberto essa possibilidade de eu trabalhar com o audiovisual que eu nunca tinha trabalhado, e mudou completamente meu estilo de vida. Mudou tudo agora, pois quero passar no vestibular e mudar de cidade e passar mais 4 anos nisso, estudando cinema, então mudou completamente a minha vida”*.

Flávio ainda não conseguiu passar no vestibular pra cinema, mas participa de algumas disciplinas do curso, como aluno especial. Este professor de educação física teve um projeto aprovado na Lei Rouanet para realizar um documentário sobre crianças em sala de aula, utilizando também algumas imagens em animação.

Assim como Flávio, outro selecionado que foi influenciado para continuar os estudos na área do audiovisual foi o alagoano Thalles da Costa. Thalles tentou entrar no curso regular de cinema da Faculdade de San Antonio de los Baños, em Cuba, mas não conseguiu ser aprovado. Dessa forma, continuou seus estudos na área do Direito, que ele já cursava quando participou do Revelando os Brasis, mas sem se distanciar do audiovisual. Membro da Comissão Pastoral da Terra, Thalles tem realizado diversos documentários sobre trabalho escravo.

Independente de terem continuado ou não na área do audiovisual, um fator pôde ser prontamente detectado entre os participantes: Ver televisão, assistir filme, ter contato com qualquer produto que envolva imagens em movimento não é mais a mesma coisa. O olhar é outro. Há mais consciência da mensagem, há uma possibilidade mais apurada em detectar o que não está apresentado de forma satisfatória e uma melhor percepção da obra que está a sua frente como parte de uma ação bem mais abrangente.

As opiniões sobre o processo produtivo de um filme são as mais variadas, em geral são alicerçadas em percepções suscitadas a partir de conhecimentos obtidos através da participação no projeto. Para o jovem Eduardo Silva dos Reis, por exemplo, fazer um filme é mais complexo do que ele imaginava. *“É mais difícil pela parte de produção e pré-produção que a gente não imagina nunca quando tá (sic) assistindo (sic) um filme. A gente só vê o resultado. Todo trabalho que está atrás, que foi feito antes é realmente gigantesco”*. O paraibano Damião Expedito de Lima Rodrigues, que considerou traumático seu processo de realização do vídeo, também concorda com Eduardo e afirma ainda que diminuiu seu critério de exigência ao assistir a uma produção audiovisual. *“Tenho esse lado mais crítico sobre os filmes. Só que agora eu vejo o quanto é difícil fazer um filme, o quanto é complicado fazer, então o olhar crítico amenizou a situação. Mesmo que eu veja uns defeitos, mas eu penso no trabalho que deu fazer aquilo então é mais fácil de perdoar agora”*.

Já o pernambucano Arthur dos Santos, passou a considerar a execução de um filme algo mais acessível, em que mais pessoas, além dos famosos diretores, têm capacidade de se envolver. *“Olhe, eu já acho até que é mais fácil, porque eu sempre olhei pra o cinema como coisa de artista, de gente que nasceu fazendo isso, e aí, de repente, eu percebo que se você tem uma boa história, que se você tem instrumentos na mão, você pode fazer alguma coisa. Então, me parece que já não é assim, um bicho de sete cabeças fazer cinema”*.

Os depoimentos acima comprovam que o processo de produção do curta metragem foi também um caminho direto para uma melhor compreensão da linguagem audiovisual. E este é um conhecimento extremamente relevante para o cidadão atual, uma vez que estamos inseridos em uma realidade em que as imagens em movimento estão cada vez mais presentes em nossa forma de comunicação.

Apesar da forte atuação do audiovisual no nosso dia-a-dia, o que inevitavelmente influencia em nosso processo de construção de uma obra, poucos selecionados afirmaram ter tido alguma influência ou inspiração em diretores ou filmes por eles vistos. Nas raras citações que ocorreram, o nome mais mencionado foi o do

documentarista brasileiro Eduardo Coutinho. Ele apareceu em quatro alusões, dentre elas, a da terapeuta Uiara Maria Carneiro Cunha, que declarou:

“Acho que tive uma inspiração sim. Era o, o, como é mesmo o nome dele? Ele fez edifício máster?”

- Eduardo Coutinho (minha interferência).

Isso. Esse mesmo. Quando assisti Edifício Máster do Eduardo Coutinho, que não sabia quem era, eu gostei muito do filme porque era muito simples e tocava a alma das pessoas, mostrava a alma das pessoas. Foi a primeira vez que vi uma pessoa ser entrevistada de uma maneira assim no cinema, onde a pessoa se revelava e se revelava com todo o seu brilho. E esse filme me marcou no sentido de, acho que tenho essa capacidade de entrar em contato com a pessoa e tirar mais, né? Bom, talvez eu não procurei imitar o Eduardo, mas ele foi como: ah, isso é possível fazer!”

O estudante Jairo Teixeira dos Santos também foi buscar inspiração em Coutinho. A partir de uma análise do que o documentarista, assim como o cineasta João Moreira Salles, apresentavam em suas obras, Jairo voltou seu olhar para o universo o qual estava inserido, foi quando chegou na história das tias que estavam ameaçadas de serem expulsas da cidade. *“Ah! Então eu tive a influência tal, eu comecei no cinema nacional ver Eduardo Coutinho, João Moreira Salles. Eu vi que os caras estavam querendo mostrar o que rola na margem da sociedade mesmo, as culturas que está (sic) sumindo assim, e mostrar isso, e eu acho que a influência que eu tive foi essa, de ter visto esses filmes nacionais, esses filmes simples. Você vê filme, você acha que é simples, mas num é simples, eu sei que é complicado de fazer, mas a história é simples, entendeu? É um assunto do dia-a-dia, de pessoas comuns. Seria legal escrever sobre minhas tias, que é um assunto comum, assim, diferente, uma coisa que está sumindo, que ninguém quer saber, ninguém dá valor nessas coisas que está (sic) acontecendo, entendeu? Acho que foi isso que me influenciou bastante também”*.

Apesar das referências a Eduardo Coutinho, a maior parte dos selecionados afirmaram não dar muita atenção ao cinema brasileiro. Comportamento que foi repensado após a participação no projeto. A troca de informações entre os participantes, aliada ao processo de produção pelo qual todos passaram e incentivado ainda pelas declarações dos

professores, estimularam a procura por obras audiovisuais nacionais, tanto ficcionais quanto documentários.

O projeto foi assim, além de um canal para um melhor entendimento da linguagem audiovisual, um importante instrumento para a valorização do cinema, principalmente o nacional. O depoimento da pescadora Sidnéia da Silva é uma comprovação dessa teoria. *“Agora também vou pro cinema pra ver filme daqui do Brasil, eu tô gostando. Agora também já sei o que é fotografia no cinema, antes via o cinema e não entendia, já sei como se escreve um roteiro. Pra mim toda vida que vou no cinema eu vou pra ver o cinema, antes eu ia mais pela pipoca, pra rir, ficava conversando o tempo todo com as amigas. Hoje não, vou para o cinema para observar cada cena, cada capítulo do filme e acompanhar a história. Antes eu não conseguia entender a história e hoje eu entendo”*.

Por todos estes argumentos que foram abordados neste capítulo, comprova-se o quanto foi abrangente os efeitos do Projeto Revelando os Brasis. Esta ação governamental foi um importante agente de inclusão e estímulo a benefícios que permeiam as esferas sociais, pessoais, educacionais, pátrias e tantas outras não só por parte dos diretores dos vídeos, mas também, nas comunidades das quais estes faziam parte.

CONCLUSÃO

Por todas as considerações feitas no decorrer deste trabalho conclui-se que o material produzido pelo Revelando os Brasis é um importante registro da diversidade cultural do nosso país. Através dos vídeos do projeto o espectador tem acesso a manifestações, tradições e valores que normalmente não são expressos pela mídia tradicional. Como o próprio nome do projeto já diz, é o Brasil se revelando para os brasileiros através de suas múltiplas identidades.

Por meio dos 40 curtas-metragens produzidos em cada edição do projeto, é possível conhecer diferentes sotaques, arquiteturas, ambientes naturais, tradições e tantas outras características que normalmente não chegariam ao alcance do nosso olhar. A peculiaridade do que é mostrado nos vídeos não diz respeito apenas ao seu conteúdo, mas também a quem o realiza. Os diretores estão inseridos no contexto do objeto retratado o que permite uma melhor proximidade e mais fidelidade ao assunto abordado. É uma nova forma de enxergar o mundo além da tradicionalmente disseminada por meio dos profissionais da comunicação.

Por não possuírem, em sua maioria, grandes conhecimentos técnicos na área do audiovisual, os participantes do Revelando os Brasis concentram seu olhar no conteúdo e só em conseguirem contar sua história nessa nova linguagem, a do audiovisual, já se consideram felizes e realizados. Muitos podem não saber que um *plongê* dá um ar de submissão ao personagem, o que é *quebra de eixo*, *travelling*, *plano americano* etc. Contudo, utilizando a linguagem coloquial souberam pedir enquadramentos abertos ou fechados, dizer que “nesse momento a câmera se aproxima”, “corta depois que o personagem sai pela porta”, enfim, mesmo distantes das normas e vocabulário técnicos conseguiram comunicar, em sua maioria, aquilo que desejavam. Portanto, o resultado do material produzido foi satisfatório para a maioria dos diretores, o que ajuda a fortalecer a sua auto-estima. E essa valorização pessoal não é resultado apenas do vídeo pronto. Desde o momento em que foram selecionados, os novos diretores já foram imbuídos de um sentimento de capacidade e orgulho próprio. No decorrer da produção e na superação das

dificuldades que surgiram em diversas áreas, essa sensação foi se solidificando, com raras exceções.

Dentro do objetivo principal do Revelando os Brasis que foi o de “promover processos de inclusão e de formação audiovisuais através do estímulo à produção de vídeos digitais” muitos ganhos foram alcançados. A acessibilidade a qual os diretores foram apresentados ajudou a florescer os sentimentos de pertencimento e cidadania de forma natural e inconsciente e com ótimos frutos. Porém, afirmar que existiu “formação audiovisual” é um fator que merece ressalvas. Muitos diretores sem experiência no universo do vídeo foram apresentados a essa linguagem, capacitados para realizar um produto, mas a expressão “formação” acredito ser muito forte para o projeto. Defendo que um termo melhor utilizado seria “apresentação”, uma vez que os diretores hoje possuem uma maior familiaridade com o código expressivo da junção imagem-áudio, mas não com habilidades suficientes para se utilizar o termo “formação”.

Outro fator que discordo é o emprego da expressão constantemente utilizada pelos gestores do projeto para se referir a ele, o de “alfabetização audiovisual”. O termo foi trazido para esta ação por ela ter proporcionado a vários diretores o acesso a essa linguagem e apresentado recursos técnicos para a sua produção e melhor entendimento. Mas o conceito de alfabetização não deveria ser aqui empregado. Primeiro porque esta é uma expressão realmente ligada a capacitação da linguagem escrita e falada, segundo porque os diretores, mesmo sem experiência com a produção de vídeo, trazem consigo ainda assim informações básicas sobre formas de se contar uma história em imagens, em decorrência da forte presença da televisão em suas vidas, o que lhes tira do campo da total ignorância do assunto. Dados do IBGE mostram que esse equipamento eletrônico está presente em mais de 90% dos lares brasileiros. Portanto o universo do audiovisual é algo que faz parte do dia-a-dia do cidadão e este, independentemente do projeto, têm o mínimo discernimento do que acredita funcionar ou não em um produto audiovisual, além de ter alguma noção do processo construtivo de um produto audiovisual.

Lógico que o projeto foi significativo para proporcionar aos diretores uma maior consciência deste processo de produção e estimular uma leitura mais crítica do que lhes é transmitido via imagens, mas como já defendido, não se justifica o termo “alfabetização audiovisual”.

Por outro lado o Revelando os Brasis valorizou questões importantes do universo de cada participante. O projeto foi de grande importância para que os realizadores mostrassem sua comunidade a partir do ponto de vista em que gostariam de ser vistos. Quebraram uma tradição enraizada de serem retratados a partir de um olhar estrangeiro, ou seja, um olhar de quem não conhece intimamente a comunidade; mais ainda, na maioria dos casos, passaram a ser vistos. Muitos desses municípios são “invisíveis” para o resto do país e com o Revelando os Brasis, pelo menos tiveram a oportunidade de mostrar que estão vivos, que possuem tradições de que se orgulham, pessoas que fazem jus a um registro audiovisual, histórias interessantes que merecem ser conhecidas.

A produção dos vídeos não serviu apenas para que os diretores mostrarem sua cultura para o resto do país foi também um eficiente meio de conhecer mais e valorizar o que o lugar oferece em termos de tradições, valores, profissionais, pessoas etc. Os diretores também passaram a ver seu município com outros olhos, com ainda mais familiaridade e mais orgulho.

Conclui-se assim, que o Revelando os Brasis têm uma série de fatores positivos que vão além da criação de um produto audiovisual e superam também os limites do número de pessoas beneficiadas com esses ganhos. Foi aqui comprovado, que não são apenas os quarenta selecionados por edição do projeto que têm suas vidas modificadas, valores agregados, sentimentos estimulados. O diretor de cada vídeo é o primeiro elo da corrente que atinge favoravelmente a comunidade em que ele está inserido o que serve de grande estímulo para que esta ação pública aconteça ainda em diversas outras edições.

REFERÊNCIAS⁴⁶

BALÁZS, Béla. O Homem Visível. Tradução de João Luiz Vieira. In: XAVIER, Ismail (Org.). **A Experiência do Cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. p. 77-83.

BANIWA, Gersem Luciano. Diversidade cultural e desenvolvimento humano. In: BARROS, José Márcio (Org.). **Diversidade cultural: da proteção à promoção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BENTES, Ivana. **Câmera muy very good pra mim trabalhar**. 2004. Disponível em: www.videonasaldeias.org.br. Acesso em: 12 fev. 2009.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Programa cultural para o desenvolvimento do Brasil**. 2. ed. Brasília (DF), 2007.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria do Audiovisual. **Causos**. Making of do projeto. Vitória (ES): Instituto Marlin Azul, [2008]. DVD 6. (Revelando os Brasis ano I).

_____. **Causos**. O retorno do Zeca. Vitória (ES): Instituto Marlin Azul, [2008]. DVD 6. (Revelando os Brasis ano I).

_____. **Circuito de exibição nas cidades**. Vitória (ES): Instituto Marlin Azul, [2008]. (Revelando os Brasis ano I).

_____. **Histórias de cidades**. O Grito de Bamo. Vitória (ES): Instituto Marlin Azul, [2008]. DVD 4. (Revelando os Brasis ano I).

_____. **Histórias de cidades**. Making of do projeto. Vitória (ES): Instituto Marlin Azul, [2008]. DVD 4. (Revelando os Brasis ano I).

_____. **Memória e tradição**. Bate-paus. Vitória (ES): Instituto Marlin Azul, [2008]. DVD 1. (Revelando os Brasis ano I).

_____. **Personas**. Making of do projeto. Vitória (ES): Instituto Marlin Azul, [2008]. DVD 2. (Revelando os Brasis ano I).

CARAVANA FARKAS. **A morte do boi (1970)**. Disponível em: www.caravanafarkas.wordpress.com. Acesso em: 02 maio 2009.

_____. **Rastejador, s.m. (1970)**. Disponível em: www.caravanafarkas.wordpress.com. Acesso em: 02 maio 2009.

CORRÊA, Mari. **Vídeo das aldeias**. 2004. Disponível em: www.videonasaldeias.org.br. Acesso em: 12 fev. 2009.

⁴⁶ Baseadas na norma NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

CUNHA, Uíara Maria Carneiro. Entrevista. In: PROGRAMA Revelando os Brasis. Rio de Janeiro: Canal Futura, 2005. Entrevistadora: Carla Camurati.

D'ALMEIDA, Alfredo Dias. **O diálogo entre culturas presente nos filmes documentários da Caravana Farkas: uma proposta de análise.** Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/aruanda/caravanafarkas.htm>: Acesso em: 09 jan. 2009.

GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé. Vozes da seca. In: LUIZ Gonzaga canta seus sucessos com Zé Dantas. RCA, 1970.

DAUSTER, Tânia. Diversidade cultural e educação. In: BARROS, José Márcio (Org.). **Diversidade cultural: da proteção à promoção.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Prefácio. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel (Org.). **A diversidade cultural vai ao cinema.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 7-9).

FARKAS, Thomas. Thomas Farkas: otimista e delirante, mas nem tanto. **Revista Fapesp**, n. 131, jan. 2007. Entrevistadores: Mariluce Moura e Neldson Marcolin,

GATO, Antônio Luís Ferreira. Entrevista. In: PROGRAMA Revelando os Brasis. Rio de Janeiro: Canal Futura, 2005. Entrevistadora: Carla Camurati.

GIL, Gilberto. Outras palavras: Brasil brasileiro, múltiplo, profundo. In: BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria do Audiovisual. **Revelando os Brasis ano 1: catálogo.** Vitória (ES): Instituto Marlin Azul, [2005].

HALL, Stuart. Culture, community, nation. In: BOSWELL, David; EVANS, Jessica (Ed.). **Representing the nation: a reader: histories, heritage and museums.** London: Routledge (Ed.), [199-?].

HORA da novela. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/televisao/novela.html>. Acesso em: 10 maio 2009.

IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Pesquisa de Informações Básicas Municipais. **Perfil dos municípios brasileiros.** Brasília, 2006.

IBGE. **Censo demográfico.** Brasília, 2000

LABAKI, Amir. **É tudo verdade: reflexões sobre a cultura do documentário.** São Paulo: Francis, 2005.

LINDEMBERG, Beatriz. Anônimos aprendem a contar sua história. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 nov. 2004.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 48

LISBOA, Maria Silvia do Amaral. Diversidade cultural: impactos e implicações para os resultados dos grupos de trabalho. **Revista Symposium**, ano 1, n. 1, jul./dez. 2007.

MACHADO, Jurema. Proteção e promoção a diversidade cultural: o seu atual estágio. In: BARROS, José Márcio (Org.). **Diversidade cultural**: da proteção à promoção. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAPA do IBGE mostra a pobreza no RN. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 1, 19 dez. 2008.

MARCOS, Paulo Castelo Branco. Entrevista. In: PROGRAMA Revelando os Brasis. Rio de Janeiro: Canal Futura, 2005. Entrevistadora: Carla Camurati.

MEDEIROS, Rosângela Fachel. Brasil e Canadá, tão longe, tão perto: cinema e identidade nacional. **Interfaces Brasil/Canadá**, Rio Grande: [s.n.], n. 04, p. 103-117, 2004. Disponível em: <http://revistabecan.com.br/arquivos/1169317310.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2009.

MORAES, José Welliton. Entrevista. In: PROGRAMA Revelando os Brasis. Rio de Janeiro: Canal Futura, 2005. Entrevistadora: Carla Camurati.

MOVIOLA. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Moviola. Acesso em: 18 maio 2009.

OMAR, Arthur. O antidocumentário, provisoriamente. **Cinemais**, n. 8, p. 188, nov./dez. 1997.

PINHANTA, Issac. Entrevista “Tratado de Alteridade”. In: CORRÊA, Mari. **Vídeo nas aldeias no olhar do outro**. 2006. Disponível em: www.videonasaldeias.org.br. Acesso em: 12 fev. 2009.

PINHEIRO, José Júnior Rodrigues. Entrevista. In: PROGRAMA Revelando os Brasis. Rio de Janeiro: Canal Futura, 2005. Entrevistadora: Carla Camurati.

PROGRAMA Revelando os Brasis. Rio de Janeiro: Canal Futura, 2005. Entrevistadora: Carla Camurati.

REVELANDO os Brasis: circuito de exibição, 2007. Disponível em: http://revelandorotas.blogspot.com/2007_05_01_archive.html. Acesso em: 02 maio 2009.

SANTOS, Michelle Raimundo dos. **O próximo passo da auto-estima**. 2008. Disponível em: http://www.administradores.com.br/noticias/o_proximo_passo_da_autoestima_self_esteem_first_self_transcendence_1_ater/15047/. Acesso em: 27 abr. 2009.

SENNA, Orlando. O direito e a necessidade de aprender. In: BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria do Audiovisual. **Revelando os Brasis ano 1**: catálogo. Vitória (ES): Instituto Marlin Azul, [2005]. p. 9-11.

SILVA, Carlos Rafael Braga; ONOFRE, Leonardo de Freitas. O cinema como representação da identidade cultural. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA, 18., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpuh, 2008.

SOUZA, Magda Vianna. **Globalização e revalorização da identidade cultural**. Disponível em: www.sbec.org.br/evt2003/trab19.doc. Acesso em: 04 abr. 2009.

STEPHENSON, Ralph; DEBRIX, Jean R. “**O cinema como arte**”. Tradução de Tati de Moraes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. Enunciação do documentário: o problema de “dar a voz ao outro”. In: FABRIS, Mariarosaria et al. (Org.). **Estudos Socine de Cinema, ano 3**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

VÍDEO nas aldeias. Disponível em: www.videonasaldeias.org.br. Acesso em: 12 fev. 2009.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Manoel Faria de. **Cinema documental**. Porto: Afrontamento, 1992.
- BERGMAN, Ingmar. **Imagens**. São Paulo: Martins Fontes,
- BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **O que é cinema?** São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano Nacional de Cultura**: diretrizes gerais para o Plano Nacional de Cultura. 1. ed. Brasília, Realização Câmara dos Deputados, 2007.
- BURCH, Noel. **Práxis do cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CAVALCANTI, Alberto. **Filme e realidade**. São Paulo: Martins, 1953.
- DA-RIN, Silvio. **Espelho partido**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.
- LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real**: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MACHADO, A. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. S. Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Fernão Pessoa; MIRANDA, Luis Felipe. **Enciclopédia do cinema brasileiro**. São Paulo: SENAC, 2000.
- RAMOS, Fernão Pessoa. O que é o documentário? In: RAMOS, Fernão et al. (Org.). **Estudos Socine de Cinema 2000**. Porto Alegre: Sulinas, 2001.
- TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. São Paulo: Martins Fontes, ano??
- TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org.). **Documentário no Brasil**: tradição e transformação. São Paulo: Summus Editorial, 2004.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

XAVIER, Ismail (Org.). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ZANETTI, Daniela. Produção audiovisual periférica: uma proposta de abordagem. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_scp-daniela.pdf. Acesso em: 01 abr. 2009.

Anexo 1 - Comissão de Seleção

A comissão de seleção das histórias que seriam transformadas em vídeo na primeira edição do Revelando os Brasis foi composta pelos seguintes membros:

Caio Júlio Cesaro - Jornalista formado pela Universidade Estadual de Londrina, mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero (SP) e doutorando em Cinema pelo Instituto de Artes da Unicamp (SP). É docente do Cesumar (PR) e da Metropolitana/IESB (PR). É organizador da Mostra Londrina de Cinema e coordenador-geral da MAPA-PIÁ – Mostra Audiovisual Paraná Para Infância e Adolescência. Integrou a Comissão de Seleção do Programa Petrobras Curta às Seis (2003) e foi membro da Comissão de Avaliação dos Projetos Culturais da Legislação Estadual de Incentivo Fiscal à Cultura (2002/2003). Foi membro da Comissão de Análise de Projetos do Programa Conta Cultura (Comissão Audiovisual) da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (2001).

Tetê Mattos - Formada em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É mestre em Ciência da Arte e professora do Departamento de Arte da UFF. Coordena a Mostra Araribóia Cine, em Niterói (RJ). Integrou a diretoria da ABD&C-RJ (Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas do Rio de Janeiro) entre 1998 e 2004. Faz parte da diretoria do Fórum dos Festivais. Dirigiu o documentário “Era Araribóia um Astronauta?” (média-metragem).

Alexandre Curtiss - Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ) e mestre em Multimeios (Unicamp). Foi crítico de cinema do jornal A Gazeta de 1995 a 2000. Participou da comissão julgadora do 1º DOC/TV – ES. Integra a comissão de cinema/vídeo/fotografia da Lei Rubem Braga.

Torquato Joel – Diretor, roteirista e professor de cinema. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba. Formado em Cinema pelo Núcleo de Cinema da Universidade Federal da Paraíba e pela Association Varan (França). Diretor de filmes

premiados como “Transsubstancial”, “À Margem da Luz” e “Passadouro”. É diretor de produção da Coordenação de Extensão Cultural da Universidade Federal da Paraíba.

Anexo 2 – Vídeos realizados por Estado nas três edições do Projeto

Revelando os Brasis I, II e III

Estado	1ª Edição	2ª Edição	3ª Edição	Total
Acre	-	01	03	04
Alagoas	03	01	-	04
Amapá	-	01	-	01
Amazonas	01	-	-	01
Bahia	04	04	04	12
Ceará	02	01	02	05
Espírito Santo	04	01	02	07
Goiás	-	-	02	02
Maranhão	-	01	-	01
Minas Gerais	03	05	04	12
Mato Grosso do Sul	01	01	01	03
Mato Grosso	01	01	-	02
Pará	01	02	01	04

Paraíba	05	03	02	10
Pernambuco	01	03	02	06
Piauí	01	01	01	02
Paraná	01	01	03	05
Rio de Janeiro	01	02	03	06
Rio Grande do Norte	02	01	03	06
Rio Grande do Sul	01	04	01	06
Roraima	01	-	-	01
Rondônia	01	-	01	02
Santa Catarina	03	02	01	06
Sergipe	01	01	-	02
São Paulo	02	02	04	08
Tocantins	-	-	01	01
	40	39	40	119

Anexo 03 - Quadro docente das Oficinas da primeira edição do Revelando os Brasis

Luelane Corrêa (Roteiro) – Diretora e produtora do documentário “Como se Morre no Cinema” (2002). Foi assistente de direção em três filmes de Nelson Pereira dos Santos: “A Terceira Margem do Rio” (1994), “Jubiabá” (1987) e “Memórias do Cárcere” (1984). Trabalhou na edição de “Cinema de Lágrimas” (1995), também de Nelson Pereira dos Santos, e “O Quinze” (2004).

Léo Copello (Roteiro) – Formado em Cinema pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Dirigiu quatro curtas: “Cinco a Um”, “Bairro Feliz”, “Ainda Menina” e “Origami”. Dirigiu e produziu vários documentários sobre educação.

Luiz Carlos Saldanha (Câmera) – Foi diretor de fotografia em filmes como “Bahia de Todos os Sambas” (1996), “Imagens do Inconsciente” (1982), “A Rainha do Rádio” (1977) e “Raoni” (1976), que ele co-dirigiu. Trabalhou em projetos como as novelas “Terra Nostra” (1999), em que dirigiu a fotografia das imagens em p&b, e “O Amor Está no Ar” (1997), em que atuou como iluminador. Também trabalhou como montador, técnico de som e assistente de direção para diretores como Glauber Rocha, Zelito Viana e Godfrey Reggio.

Léo Vasconcellos (Câmera) – Fotógrafo e operador de câmera. Trabalhou como assistente de câmera no longa “Vestido de Noiva” (2004). Na TV, foi responsável pela edição do programa “Juízo Crítico”, da TV Justiça. Trabalhou na área de publicidade da TV Zero e Conspiração Filmes.

Edwaldo Mayrinck (Som) – Trabalha no setor de áudio do Centro Técnico do Audiovisual (CTAV), onde atua na mixagem e captação de som.

Gisela Bezerra de Mello (Produção) – Como produtora e diretora, assinou o documentário “Serra do Cipó” e os curtas “Célia e Rosita” e “Tempo de Ira”. Como assistente de direção e continuísta, trabalhou em filmes como “O Quatrilho” (1995), “Pequeno Dicionário

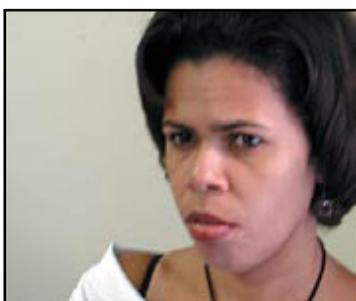
Amoroso” (1997), “Um Copo de Cólera” (1998), “A Partilha” (2001), “O Vestido” (2003), “Olga” (2004) etc.

Anexo 4 - Diretores do Revelando os Brasis da 1ª Edição

Perfis / Ficha Técnica e Sinopse dos Vídeos / Realizações Audiovisuais após o Projeto⁴⁷

Adelma Cristovam dos Passos

Um Dia na Vida de uma Marisqueira



Profissão: Professora do ensino fundamental;

Escolaridade: Formada em Pedagogia;

Idade: 29 anos;

Município: Pitimbu, Paraíba;

Roteiro e direção: Adelma Cristovam dos Passos;

Produção: Adelma Cristovam dos Passos e Rainel Fontes;

Imagens: Onilson Pires;

Edição: Anderson Augusto.

Documentário: Das primeiras horas da manhã até o fim do dia, o vídeo acompanha a rotina de uma marisqueira, mostrando a organização do trabalho, as relações familiares, as dificuldades e as esperanças das trabalhadoras que vivem da pesca de mariscos. O documentário acompanha a rotina de Abonira dos Santos Ferreira, de 35 anos, que começou a catar mariscos aos nove anos de idade. Hoje, ela ajuda a sustentar a família com o fruto de seu trabalho. As imagens foram captadas no distrito de Acaú.

Projeto audiovisual: “Aruenda” é o nome do seu próximo documentário baseado na desativação e na revitalização de um bloco antigo de Pitimbu (PB), que também tem este nome. As músicas falam sobre a lenda de Aruenda, um personagem folclórico da região. Roteiro na fase de apuração dos depoimentos. Aguarda a publicação de editais de patrocínio.

⁴⁷ Informações obtidas com o Instituto Marlin Azul

Alana Rosa Batista Almondes

O Sonho de Loreno



Profissão: Professora de Teatro;

Escolaridade: Estudante de Pedagogia;

Idade: 36 anos;

Município: Mantenópolis – Espírito Santo;

Roteiro e direção: Alana Rosa Batista Almondes;

Produção: Ylênia Silva;

Imagens: Orlando da Rosa Farya e Leonardo Gomes;

Som: Ylênia Silva e Rogério Atháide;

Edição: Adriana Jacobsen e Orlando da Rosa Farya.

Documentário: A história de Manoelzinho, menino pobre do interior que cresceu vendo filmes de faroeste no cinema em que trabalhava. O tempo passou, o cinema fechou, e Manoelzinho começou a fazer seus próprios filmes. Com uma velha câmera VHS na mão, Seu Manoelzinho, 45 anos, já fez mais de 20 filmes, a maior parte faroeste (incluindo “Loreno, o Gatilho Mais Rápido do Oeste”, “A Vingança de Loreno” e “Amor Proibido”). Servente de pedreiro, Manoelzinho ganhou fama com seus filmes, ajudando a colocar Mantenópolis no mapa cultural do Espírito Santo. Mas, depois de aparecer em programas como os de Ana Maria Braga e Gugu Liberato, passou a ter problemas com a popularidade. Tem gente que acredita que ele ficou rico. Seus atores (agricultores, donas-de-casa e outros moradores da região) pedem melhores cachês. Analfabeto, ele risca no chão, utilizando gravetos, as cenas que vai imaginando.

Projetos audiovisuais: Com recursos próprios e a contribuição de amigos fez dois documentários de curta duração sobre uma comunidade brasileira em Londres. Em outro projeto, em fase de pesquisa, planeja um documentário sobre a história do Contestado, região onde houve conflito entre Minas Gerais e Espírito Santo pela posse da cidade de Mantenópolis.

Antônio Luís Ferreira Gato

Documentário: Terra Santa



Profissão: Diretor de programação de uma emissora de rádio local;

Escolaridade: Segundo grau completo;

Idade: 35 anos;

Roteiro, direção e produção: Antônio Luís Ferreira Gato;

Município: Terra Santa – Pará;

Imagens: Orlando da Rosa Farya;

Imagens adicionais – VHS: Antônio Gato;

Edição: Orlando da Rosa Farya e Fran de Oliveira.

Documentário: O vídeo mostra a importância das lendas na construção da identidade local. Até o nome do município, Terra Santa, tem origem numa história contada pelos índios. Entre as lendas coletadas na cidade estão a do calça-molhada (que trata de um ser fantástico que sai do lago por volta de meia-noite) e a dos três pretinhos (sobre três meninos de cor escura que aparecem sobre as pedras do lago).

Projetos audiovisuais: Por falta de recursos, o diretor diz que não tem como colocar em prática seus roteiros já planejados. Entre eles, está um sobre as lendas da região. Um outro, sobre o cotidiano dos trabalhadores da mina de bauxita onde trabalha, foi vetado pela empresa mineradora. Outros dois projetos do diretor estão em fase de captação de informações (entrevistas): um documentário sobre crianças especiais e outro sobre uma cidade histórica da região onde mora. Também captou imagens e editou um vídeo para um amigo participar da seleção do Programa Big Brother, da TV Globo.

Antônio de Noronha Pessoa Filho

Balandê/Baião



Profissão: Médico;

Escolaridade: Superior Completo;

Idade: 59 anos;

Município: Monsenhor Gil – Piauí;

Roteiro, direção e produção: Antônio de Noronha Pessoa Filho;

Imagens: Douglas Machado;

Edição: Aroldo Machado;

Documentário: A história de Luís Pereira de Andrade, o Zé Coelho, mestre do balandê e do baião em Monsenhor Gil. Aos 84 anos, ele fala com orgulho da sua música e da sua dança, expressões típicas da cultura local. O balandê e o baião (não confundir com o ritmo eternizado por Luiz Gonzaga) são danças rurais típicas de Monsenhor Gil. Nas rodas de dança, o ritmo do balandê e do baião se confundem. Além de dançar e cantar, Zé Coelho também toca gafanhoto, instrumento musical parecido com a castanholá. Uma grande roda de balandê marcou o encerramento das gravações em Monsenhor Gil, no final da tarde do dia 21 de dezembro de 2004. Foram utilizadas 80 lamparinas e 40 tochas de fogo para iluminar as cenas, que contaram com a presença de cerca de 40 pessoas.

Projetos audiovisuais: Tem três projetos em desenvolvimento. “A História do Furtuoso” vai contar a história de um andarilho que vivia próximo a Monsenhor Gil, e hoje é tido como santo. O documentário “Drama” é sobre os espetáculos cantados da região, em forma de operetas e ou outro documentário, “Incelências”, sobre cânticos de velório. Todos à espera de patrocínio.

Artur Gomes dos Santos

Tropeiros



Profissão: Comerciante;

Idade: 50 anos;

Município: Carnaubeira da Penha – Pernambuco;

Roteiro e direção: Artur Gomes dos Santos;

Produção: Artur Gomes dos Santos e Sarah Hazin;

Imagens: Gabriel Mascaro e Juliano Dorneles;

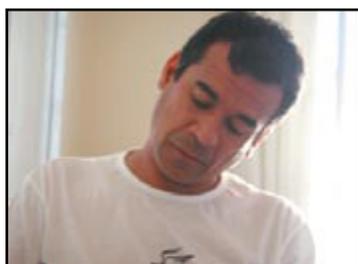
Edição: Daniel Bandeira.

Documentário: A história dos tropeiros que, até a década de 50, transportavam grandes quantidades de produtos nas tropas de burros e jumentos. Muitos desses tropeiros viviam em Carnaubeira da Penha, e são eles que relatam suas experiências. “Tropeiros” foi gravado entre os dias 27 e 30 de dezembro de 2004 em Carnaubeira da Penha. Um dos principais depoimentos foi dado pelo pai do diretor, Alcindo Gomes, de 80 anos, que trabalhou como tropeiro até a década de 50. Além de Carnaubeira da Penha, o vídeo teve locações nos municípios de Salgueiro, Serra Talhada, Mirandiba e Floresta.

Projetos audiovisuais: O diretor pretende realizar um documentário sobre o sertão nordestino e tem feito cursos audiovisuais voltados para a realização de documentários.

Celismando Sodré Farias

O Valor da Liberdade



Profissão: Professor do ensino fundamental e médio;

Escolaridade: Formado em Pedagogia;

Idade: 38 anos;

Município: Barra do Mendes – Bahia;

Roteiro e direção: Celismando Sodré Farias;

Imagens: Roque Araújo;

Edição: Fábio Rocha;

Elenco: Miguel Nunes Pacheco, Pedro Gomes Martins
Queiroz, Rejane Sodré.

Ficção: Contrariando o filho, homem cria passarinhos em gaiolas. O menino, que gostaria de ver os animais soltos, ensinará ao pai o valor da liberdade. As gravações em Barra do Mendes aconteceram em clima ecológico.

Projetos audiovisuais: O diretor ainda tem idéias para novas produções, mas ainda não escreveu roteiros.

Cícero Josenaldo Alves de Lira

O Bode do Padre



Profissão: Professor do ensino médio e fundamental;

Escolaridade: Formado em História;

Idade: 31 anos ;

Município: São Sebastião do Umbuzeiro – Paraíba;

Roteiro e direção: Cícero Josenaldo Alves de Lira;

Produção: Cícero Josenaldo Alves de Lira e Rainel Fontes;

Imagens: Onilson Pires;

Edição: Anderson Augusto;

Elenco: Lucenilda Tomé Aleixo, José Washington Lima,
Tarciana Maria
Dias Feitosa.

Ficção: Padre ganha um bode de presente, e passa a criá-lo na casa paroquial. Nos leilões da igreja, o bode é leiloado diversas vezes, mas os ganhadores se comprometem a devolvê-lo ao padre. Até que um forasteiro participa de um dos leilões e decide não devolver o animal. Baseado em fatos reais. Quatorze atores foram recrutados entre a população da cidade e do município vizinho de São João do Tigre. Outro destaque é a trilha sonora. A

música “Berros da Calçada” foi escrita pelo músico Nanado Alves especialmente para o vídeo. Os arranjos ficaram por conta de Jorge Cochó.

Projetos audiovisuais: Está elaborando outro roteiro para um vídeo de ficção. Ainda sem título.

Claudia Andrea Aguirre Astorga

Mata... Céu... E Negros



Profissão: Jornalista e professora universitária;

Escolaridade: Formada em Comunicação Social;

Idade: 37 anos;

Município: Antônio Carlos – Santa Catarina;

Roteiro e direção: Claudia Andrea Aguirre Astorga;

Imagens: Marx Vamerlatti;

Som: Marcos Manna;

Edição: Cibele Rosa Duarte;

Documentário: A história da presença dos negros na região de Antônio Carlos é contada por meio dos relatos de descendentes de escravos que vivem na localidade. Durante cinco dias, Claudia Andrea Aguirre Astorga entrevistou os moradores das comunidades formadas por descendentes de escravos em Antônio Carlos.

Projetos audiovisuais: A diretora foi convidada para realizar documentários vinculados ao NUER – Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas, da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Também tem atuado como consultora e montadora do curta-metragem “Malabares - Os Filhos dos Outros”, de Mara Salla, projeto selecionado pelo Concurso de Apoio à Produção de Obras Cinematográficas Inéditas do Ministério da Cultura. Há outros quatro projetos em fase de pré-produção e captação de recursos para os quais foi convidada para assumir direção, assistência de direção e/ou montagem.

Damião Expedito de Lima Rodrigues

O Assalto



Profissão: Funcionário dos Correios;

Escolaridade: Formado em Comunicação Social (Jornalismo);

Idade: 33 anos;

Município: Jacaraú – Paraíba;

Roteiro e direção: Damião Expedito de Lima Rodrigues;

Produção: Damião Expedito de Lima Rodrigues, Jorge Bweres e Walter Cortez;

Imagens: Onilson Pires;

Edição: Anderson Augusto;

Elenco: Alex Silva, Ana Luiza Camino, André de Moraes, Bete Maia, Cristiane Alves.

Ficção: Muitas histórias se entrelaçam nas narrativas envolvendo o assalto a uma agência dos Correios em Mataraca. Reféns, curiosos e outros moradores contam a sua versão dos fatos, fornecendo detalhes pitorescos do incidente. A história foi baseada no assalto que mobilizou a agência dos Correios de Mataraca (cidade vizinha a Jacaraú), e teve imagens captadas no município de Lagoa de Dentro. Damião contou com a ajuda da Polícia Militar de Mataraca, que cedeu três armas para a produção.

Doze atores participam de “O Assalto”: nove deles vieram de João Pessoa; os demais foram recrutados entre os moradores de Lagoa de Dentro.

Projetos audiovisuais: Apesar do interesse em continuar atuando com produção audiovisual, o diretor ainda não realizou outro vídeo. Segundo ele, falta tempo para se envolver, porque tem uma jornada de trabalho de oito horas diárias como funcionário dos Correios.

Eduardo Silva dos Reis

Vida



Escolaridade: Segundo grau;
Idade: 21 anos;
Município: Ubaporanga – Minas Gerais;
Roteiro, direção e produção: Eduardo Silva dos Reis;
Imagens: Leo Vasconcellos e Leonardo Gomes;
Edição: Fran de Oliveira;
Som: Ylênia Silva e Rogério Athaíde;
Elenco: Thiago Guilherme de Oliveira Moreira, Ailton Gaudino de Rezende, Miquéias Henrique Lourenço.

Ficção: Todas as quintas-feiras, um homem sai de casa e vai ao cemitério, onde visita um túmulo, deposita flores e conversa baixinho. Seu filho o acompanha, sem parecer dar muita importância ao que está acontecendo, enquanto a dor do homem vai diminuindo a cada visita.

Projetos audiovisuais: O diretor não fez outro vídeo.

Ériton Bernardes Berçaco

Brilhantino



Escolaridade: Formado em Letras;
Idade: 25 anos;
Município: Muqui – Espírito Santo;
Roteiro e direção: Ériton Bernardes Berçaco;
Produção: Flávia Moraes;
Imagens: Orlando da Rosa Farya;
Som: Zé Willian;
Edição: Orlando da Rosa Farya, Ériton B. Berçaco e Fran de Oliveira.

Documentário: Depois de perder suas terras, Seu Brilhantino se recusou a ir embora, passando a morar em uma caverna em sua antiga propriedade, em Muqui. Há 21 anos, Seu Brilhantino vive numa caverna que lhe serve de lar na Serra da Morubia. Ele é um personagem popular nas ruas de Muqui, e só deixa seu refúgio para andar pelo centro da cidade, onde costuma vender as frutas que colhe em seu pomar. Durante três dias, Ériton Bernardes Berçaco acompanhou a rotina de Seu Brilhantino. Ao contrário do que se poderia imaginar, ele mostrou-se completamente à vontade diante das câmeras do Revelando os Brasis.

Projetos audiovisuais: Analisa duas propostas recebidas para roteirizar e dirigir dois documentários: um sobre o Corpo de Bombeiros e outro a respeito de um personagem ilustre da cidade, que será homenageado pela Associação de Ex-Alunos de Muqui.

Flávio Antônio Chiarini Pereira

A História de Delinho



Profissão: Professor;
Escolaridade: Formado em Educação Física;
Idade: 24 anos;
Município: Estiva – Minas Gerais;
Roteiro e direção: Flávio Chiarini Pereira;
Produção: Washington Freitas e Wallace Pusso;
Edição: Washington Freitas;
Imagens: Ricardo Moranes;
Som: David Godoi.

Documentário: Pobre e sem instrução, Delinho virou figura folclórica em Estiva, entretenendo os moradores com suas piadas e fala enrolada, muitas vezes sob o efeito do álcool. O vídeo mostra o dia-a-dia de Delinho, 52 anos, um dos personagens mais populares da cidade, conhecido por frequentar os bares da região e fazer brincadeiras.

Projetos audiovisuais: Depois do Revelando os Brasis, o diretor participou de oficinas audiovisuais voltadas para o webcinema e também está cursando disciplinas do curso de cinema da faculdade em que estuda. Teve um projeto de documentário aprovado pela Lei Rouanet, mas sem recursos captados. O vídeo mistura imagens do cotidiano de crianças de uma mesma sala de aula com animação.

Gilmar Rogério Wendel

O Grito de Bamo



Profissão: Agricultor;

Escolaridade: Segundo grau;

Idade: 30 anos;

Município: Arroio do Tigre – Rio Grande do Sul

Roteiro, direção e produção: Gilmar Rogério Wendel

Imagens e edição: Gabriel Athanazio e Rodrigo Duarte

Documentário: Nos anos 30, os camponeses pobres da região de Arroio do Tigre começaram a se organizar, entrando em conflito com os interesses dos donos das terras e dando origem ao movimento que ficou conhecido como O Grito de Bamo. Além da luta pela terra, havia também a mística religiosa. O Grito de Bamo (“bamo” é uma corruptela de “vamos”) resultou em muitos feridos e alguns mortos – não há dados oficiais, mas conta-se que pelo menos 15 pessoas morreram durante o conflito. No vídeo, os moradores de Arroio do Tigre relembram a luta de seus antepassados por melhores condições de vida. Homens, mulheres, crianças e idosos atuaram como figurantes, e até espingardas foram utilizadas para dar mais veracidade às cenas de luta. As gravações chamaram a atenção das comunidades vizinhas, que foram assistir ao trabalho da equipe e dos figurantes.

Projetos audiovisuais: Está em fase de planejamento de um novo documentário sobre a cultura do fumo (fumicultura) e seus trabalhadores, na região de Arroio do Tigre.

Ivy Goulart

Edilamar



Profissão: Produtor cultural;

Escolaridade: Estudante de Cinema;

Idade: 29 anos;

Município: Urussanga – Santa Catarina;

Roteiro, direção e produção: Ivy Goulart;

Imagens: Allan Dias Prado e Ivy Goulart;

Produção: Nayglon Goulart;

Edição: Antonia Gama e Fábio Fausto;

Som: Walter Goulart;

Elenco: Lilian Martins Ghisi, Adriana Farias de Medeiros, Dionysio Damiani, Karollaine Estevan, Leandro Pedroso, Mairon Nunes.

Ficção: Um trágico acontecimento envolvendo Edilamar irá marcar a vida de seus amigos, parentes e outras pessoas da cidade. Mais de 70 pessoas participaram das gravações de “Edilamar”, entre 25 e 31 de dezembro de 2004, em Urussanga. O vídeo, que tem direção de Ivy Goulart, mobilizou a cidade, que ajudou a produção de todas as formas possíveis. O dono da funerária local, por exemplo, fabricou um caixão branco especialmente para uma das cenas. Os atores foram escolhidos entre os moradores de Urussanga. A personagem-título é vivida por Lílían Martins Ghisi, de 14 anos, que faz sua estréia diante das câmeras.

Projetos audiovisuais: Atualmente vivendo nos Estados Unidos, o diretor deixou pronto antes de partir o documentário: “Na Rota do Comboio Cultural”, com 20 minutos. E lá, está produzindo um curta-metragem chamado “New York, Nova Iorque”, rodado na cidade americana e no interior do Maranhão, com previsão para finalização em janeiro de 2008.

Jairo Teixeira dos Santos

Daqui Nós Não Arreda o Pé



Escolaridade: Estudante do ensino médio;

Idade: 29 anos;

Município: Santana do Jacaré – Minas Gerais;

Direção: Jairo Teixeira dos Santos;

Roteiro: Jairo Teixeira dos Santos, Rinaldo Teixeira dos Santos e Bárbara Falcão;

Produção: Luciana de Paula;

Edição: Jairo Teixeira dos Santos, Rinaldo Teixeira dos Santos, Guilherme Reis e Luciana de Paula.

Documentário: As irmãs Tonha e Aparecida são o alvo da zombaria da molecada e da ira de alguns moradores de Santana do Jacaré, que querem expulsá-las da cidade. Tonha, de 64 anos, e Aparecida, 62, são as personagens principais de uma antiga rixa. As irmãs vivem em pé-de-guerra com os vizinhos (principalmente os garotos da região, que jogam pedras na casa e tiram a paciência das duas). Até um abaixo-assinado já foi feito por alguns moradores na intenção de expulsar as duas senhoras de Santana do Jacaré.

Projetos audiovisuais: Os irmãos estão em fase de pesquisa para um projeto de curta-metragem: trata-se de um caso verdadeiro ocorrido na região, em que um rapaz se apaixona por uma moça que vem de São Paulo sem saber que ela é travesti. Pretendem escrever o roteiro e participar de concursos de incentivo cultural. Também gostariam de gravar histórias locais de Santana do Jacaré e as roças e cidades vizinhas, como a do bar do desquite (onde o casal que vai acaba desquitando) e manifestações culturais, como os desafios da cantoria de linha (dos homens) e da cantoria d'angola (feita pelas mulheres), o Terno de Moçambique, o Terno de Vilão.

Joaquim Alves de Oliveira Neto

Cadê Calabar?



Profissão: Professor aposentado do Departamento de Arte da Universidade Federal de Alagoas;
Escolaridade: Formado em Psicologia;
Idade: 55 anos;
Município: Japaratinga – Alagoas;
Roteiro e direção: Joaquim Alves de Oliveira Neto;
Produção: Jomani, Rainel Dantas e Joaquim Alves de Oliveira Neto;
Imagens: Onilson Pires;
Som: Rainel Dantas;
Edição: Anderson Augusto;
Elenco: Régis de Souza, Antonio Freire, Pastora Oliveira, Madalena Oliveira.

Documentário: Um resgate da história de Domingos Fernandes Calabar, que tomou o partido dos holandeses durante as sangrentas batalhas entre portugueses e invasores no Brasil Colonial. Preso, Calabar foi torturado, morto e esquartejado, e o povo foi proibido de tocar em seu nome. Hoje, poucos conhecem sua história na região de Japaratinga, palco das lutas de que ele participou. O documentário recria os principais momentos da vida de Domingos Fernandes Calabar, personagem histórico acusado de traição e condenado pelos portugueses na época do Brasil Colônia.

Projetos audiovisuais: Está em fase de montagem de um documentário que mistura ficção sobre a terceira idade, produzido com recursos próprios.

Jorge Kuster Jacob

Os Bate-Paus



Profissão: Secretário municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer;
Escolaridade: Formado em Sociologia;

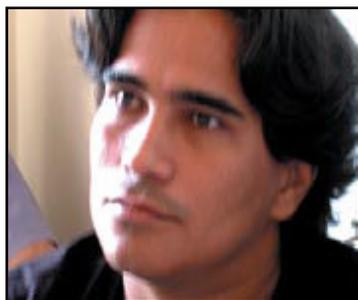
Idade: 46 anos;
Município: Vila Pavão – Espírito Santo;
Roteiro e direção: Jorge Kuster Jacob;
Produção: Ylênia Silva;
Imagens: Leonardo Gomes e Adriana Jacobsen;
Som: Leonardo Gomes, Ylênia Silva e Rogério Athaíde;
Edição: Adriana Jacobsen.

Documentário: O vídeo narra a perseguição sofrida pelos pomeranos e seus descendentes no Espírito Santo, logo após o fim da Segunda Guerra, quando grupos organizados conhecidos como “bate-paus” saíam à caça de possíveis “nazistas”. Entre os entrevistados destaca-se Gotiliebe Henrique Guilherme Holtz, que, mesmo tendo lutado contra a Alemanha de Hitler, acabou sendo atacado pelos bate-paus quando retornou da guerra na Europa.

Projetos audiovisuais: O diretor está em fase de elaboração do projeto de um documentário sobre a cultura pomerana.

José Júnior Rodrigues Pinheiro

Matinta-Perera



Profissão: Trabalha com produção de filmes e vídeos;
Escolaridade: Segundo grau;
Idade: 36 anos;
Município: Anori – Amazonas;
Roteiro e direção: José Júnior Rodrigues;
Produção: Saleyna Borges;
Imagens: José Júnior Rodrigues;
Edição: Flávia Ribeiro;
Elenco: Gerina Adria Silva, Lu Domanni, Raimunda Rodrigues, Silmara Barbosa, Renato Alves, Paula Barros.

Ficção: Sexta-feira, meia-noite. A “visagem” faz ouvir o seu assobio forte. Galinhas são mortas, plantações destruídas, árvores derrubadas, canoas viradas. Dá febre nas pessoas, as grávidas ficam para abortar e todos tremem de medo diante da Matinta-Perera. O vídeo, que narra uma lenda amazônica, teve a participação da comunidade, que ofereceu todo o tipo de ajuda à equipe de gravação.

Projetos audiovisuais: não respondeu à pesquisa.

José Ventura Lins

Zé Leobino - 65 Anos de Cavalhada em Canindé de São Francisco



Profissão: Trabalhou como vaqueiro nas fazendas da região.
Aposentado;
Escolaridade: Semi-analfabeto;
Idade: 80 anos;
Município: Canindé de São Francisco – Sergipe;
Roteiro e direção: Clésio Vieira dos Santos;
Produção: Clésio Vieira dos Santos, Adailton da Silva Melo e Rainel Fontes;
Imagens em Canindé de São Francisco: Onilson Pires;
Imagens no Rio de Janeiro: Orlando da Rosa Farya;
Edição: Anderson Augusto.

Documentário: José Ventura Lins, o Zé Leobino, relata seus 65 anos de cavalhada em Canindé, desde a primeira de que participou, em 1939, até os dias de hoje. José Ventura Lins, 80 anos, o mais velho dos selecionados pelo Revelando os Brasis, esteve no centro das atenções em Canindé de São Francisco entre os dias 21 e 23 de janeiro de 2005, quando foram gravadas as imagens de seu documentário. A cavalhada, tradição que ele pretende mostrar no vídeo, teve a data de realização adiantada para se encaixar no cronograma da

produção. Apesar da ficha de inscrição estar no nome do Zé Leobino, o responsável pelo documentário foi Clésio Vieira.

Projetos audiovisuais: Clésio está trabalhando em dois roteiros: um documentário sobre uma parteira da região, que já trouxe mais de cinco mil crianças ao mundo, e outro sobre o município de Poço Redondo.

José Welliton Moraes

Esperança



Profissão: Visitador sanitário;

Escolaridade: Segundo grau;

Idade: 24 anos;

Município: Croatá – Ceará;

Roteiro e direção: José Welliton Moraes;

Produção: José Welliton Moraes e Rainel Fontes;

Imagens: Onilson Pires;

Edição: Anderson Augusto;

Elenco: Antonio Otalício do Nascimento, Maria das Dores Moraes, Francisco

das Chagas Araújo, Jorge Ferreira Lima, Gina Ribeiro, Maria Eva Evangelista de Sousa, Victor Rodrigues do Nascimento.

Ficção: Seu Agripino e Dona Josefa colocam os poucos bens que possuem em cima de um velho caminhão. A família se despede da casinha pobre no sertão, na esperança de uma vida melhor na cidade.

Projetos audiovisuais: O diretor não fez outro vídeo, mas tem vontade de continuar a trabalhar com o audiovisual.

Laércio Ferreira de Oliveira Filho

Memória Bendita



Profissão: Professor do ensino fundamental e produtor cultural;

Escolaridade: Formado em História;

Idade: 36 anos;

Município: Aparecida – Paraíba;

Roteiro, direção e produção: Laércio Ferreira;

Imagens: João Carlos Beltrão;

Som: Lúcio César;

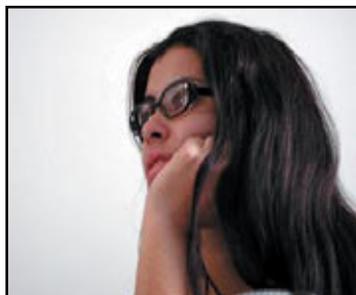
Edição: Adilson Luiz da Silva.

Documentário: A tradição do Novenário no Sítio Várzea do Cantinho, que acontece anualmente, de 15 a 23 de junho, na mesma casa onde foi celebrada a primeira novena, há mais de 200 anos. Durante seis dias, os moradores de Várzea do Cantinho (localidade do município de Aparecida, na Paraíba) fizeram uma encenação especial do Novenário em homenagem a São João, que acontece oficialmente em junho. Tudo isso para que a tradição pudesse ser mostrada no documentário “Memória Bendita”. As gravações aconteceram entre 18 e 23 de janeiro de 2005. O Novenário envolve os moradores mais antigos e, também, muitas crianças, o que garante a continuidade da tradição. Os mais jovens são responsáveis por carregar a bandeira que abre a procissão, e as orações são feitas em latim. Normalmente, cerca de 50 pessoas acompanham o Novenário, mas o dobro de moradores assistiu à encenação feita para o Revelando os Brasis.

Projetos audiovisuais: Com recursos da Lei de Incentivo à Cultura do Estado da Paraíba (Lei Augusto dos Anjos), está em fase de preparação de sua segunda produção audiovisual, um documentário. Também participou do Ano II do Projeto Revelando os Brasis como assistente de direção e produtor do documentário “Manoel Inácio e a Música do Começo do Mundo”, a convite do diretor Leonardo Alves.

Luciana Ferreira Nantes

Corguinho e seus ETs



Escolaridade: Estudante de Comunicação Social (Rádio e TV);

Idade: 20 anos;

Município: Corguinho – Mato Grosso do Sul;

Direção-geral: Luciana Ferreira Nantes;

Direção: Lidiane Lima;

Produção: Tomada Films;

Imagens: Carlos Araújo;

Som: Mário Werdemberg;

Edição: Lidiane Lima e Camila Hamdan.

Documentário: Corguinho, uma pequena cidade no interior do Mato Grosso do Sul, há muito tempo vem sendo visitada por alienígenas. Pelo menos é o que garantem os moradores e os visitantes que dizem ter feito contato com os ETs. O vídeo reúne entrevistas com moradores de Boa Sorte e pessoas que viajam até lá para tentar fazer contato com os alienígenas. As imagens foram captadas no distrito de Boa Sorte, onde existe uma comunidade de descendentes de escravos.

Projetos audiovisuais: A diretora não realizou outra produção depois do Revelando os Brasis, mas afirma que tem a intenção de montar uma produtora de vídeo no próximo ano.

Luciana de Resende Barros

Nativos Alternativos – Uma História do Vale do Capão



Profissão: Trabalha na área de produção de vídeos;

Escolaridade: Formada em Relações Públicas;

Idade: 27 anos;

Município: Palmeiras – Bahia;

Direção: Luciana de Resende Barros;

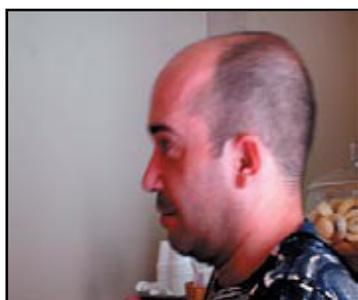
Roteiro e produção: Luciana de Resende Barros e Guto Nogueira;
Imagens: Roque Araújo;
Som: Nattan Cerqueira;
Edição: Fábio Rocha.

Documentário: Um estrangeiro passeia pelo Vale do Capão para mostrar as transformações pelas quais a região vem passando desde os anos 60, quando começou a receber turistas e comunidades alternativas. No vídeo, o espanhol Leo Border (um dos “alternativos” do título) faz um passeio pela localidade, onde colhe depoimentos de moradores “nativos” e de visitantes que resolveram permanecer no Vale do Capão (que passou a abrigar diversas comunidades alternativas a partir dos anos 80). Alguns se mudam para o Vale do Capão por causa de suas belezas naturais. Outros vão em busca de tranquilidade. E muitos querem estar em contato com os pontos de energia que acreditam existir na região. Ator circense, Leo mora há um ano na região, que faz parte do município de Palmeiras. Como sua mulher estava grávida na época, ele decidiu esperar a chegada do bebê antes de partir com sua trupe. E acabou ficando.

Projetos audiovisuais: A diretora tem participado de obras de vídeo coletivas, todas produções independentes, financiadas com recursos próprios do grupo de audiovisual do qual faz parte. É um grupo informal.

Luiz Antonio da Silva Cavalheiro

A Hora das Almas



Profissão: Professor;
Escolaridade: Formado em Letras, possui pós-graduação em Educação Infantil;
Idade: 36 anos;
Município: Cordeiro – Rio de Janeiro;
Roteiro e direção: Luiz Antonio da Silva Cavalheiro;

Produção: Fabíola Mozine;
Imagens: Felipe Nepomuceno;
Som: Pedro Rodrigues;
Edição: Karen Akerman;
Elenco: Fernanda Carvalho, Ley Concencio, Carla Rocha,
Jeani Linhares.

Ficção: Entre as muitas encomendas de vestidos, a costureira Mariantonia não vê o tempo passar. Entretida com panos e linhas, ela costura a noite toda, sem ouvir os conselhos da mãe, que alerta que não se deve desprezar a separação das horas dos vivos das horas dos mortos. Mais de 70 atores em uma só seqüência, maquiadores, cabeleireiros, cenários caprichados e figurinos de época. Esse foi o clima das gravações de “A Hora das Almas”. Os trabalhos, que aconteceram entre os dias 17 e 20 de janeiro de 2005, mobilizaram a cidade. As gravações foram encerradas com a procissão das almas, que é o grande momento do vídeo. As cenas contaram com mais figurantes do que o previsto, pois os moradores iam aparecendo e se oferecendo para atuar.

Projetos audiovisuais: Participou, como assistente de direção, de “Uma Breve História de Fogachos, Queijinhos e Miranda”, produção do Ano II do Projeto Revelando os Brasis, a convite do diretor Angelo Pessoa, residente na cidade. Agora planeja uma produção independente sobre o congo de Fundão (ES), que será dividida em três vídeos: “25 Palmas”, “Rainhas” e “Meninos do Congo”, abordando perspectivas diferentes dessa manifestação cultural.

Manoel Dourado Marques

O Quadro



Profissão: Produtor cultural;
Idade: 49 anos.
Município: Itiquira – Mato Grosso
Roteiro e direção: Manoel Dourado Marques
Imagens: Varlei Cordova

Edição: Pós Kitty Produtora PR4

Elenco: Ivete Machado, Magno Júnior Lima

Ficção: Um artista solitário e um quadro que ganha vida são os personagens dessa história. O artesão Magno Júnior Lima e a estudante Ivete Machado fazem sua estréia diante das câmeras no vídeo “O Quadro”, de Manoel Dourado Marques. As gravações foram realizadas no final de dezembro de 2004 em Itiquira.

Projetos audiovisuais: Com recursos obtidos por meio da Lei Rouanet, elabora o projeto de um documentário sobre a análise da política local. Uma das músicas usadas na trilha sonora, “Admirável Gado Novo”, de José Ramalho, encontra-se em fase de liberação junto à gravadora. Já elaborou mais quatro novos roteiros, todos registrados, e aguardando recursos para produção.

Maria Izabel Gonçalves

As Gêmeas de Paulo Lopes



Profissão: Jornalista;

Escolaridade: Ensino superior;

Idade: 22 anos;

Município: Paulo Lopes – Santa Catarina;

Roteiro, direção e produção: Maria Izabel Gonçalves;

Imagens: Devian Zutter;

Som: Devian Zutter;

Edição: Devian Zutter.

Documentário: Em 1956, na localidade de Cova Triste, as gêmeas Serafina e Luzia morreram afogadas durante um banho de cachoeira. Essa história, contada até hoje pelos moradores, ganhou força de mito: muitos ainda lembram de eventos misteriosos

envolvendo a morte das moças. Entre os dias 8 e 11 de dezembro de 2004, o município de Paulo Lopes parou para acompanhar as gravações do documentário.

Projetos audiovisuais: A diretora não realizou outro vídeo depois do Revelando os Brasis.

Maria José da Silva

Extraordinárias Histórias em Manecos



Profissão: Professora do ensino fundamental e médio;

Escolaridade: Formada em Letras;

Idade: 30 anos;

Município: Gurinhém – Paraíba;

Roteiro, direção e produção: Maria José da Silva;

Imagens: João Carlos Beltrão;

Som: Lúcio César, Magno Augusto e Job Andrade;

Edição: Adilson Luiz da Silva.

Documentário: Na comunidade rural de Manecos, a rotina é alimentada por histórias sobrenaturais. Uma delas é a lenda da Cumade Fulozinha, a Senhora das Matas, que povoa o imaginário e as superstições dos moradores. O vídeo trata dos “causos” sobrenaturais que são contados de geração em geração em Manecos, em especial o mito da Cumade Fulozinha. O vídeo demonstra como essa personagem contribui para a harmonia entre a população local e a natureza. A Cumade Fulozinha impõe certas normas no convívio entre o homem e o meio ambiente. Manecos fica na região do agreste, e seus habitantes vivem da caça e da agricultura de subsistência.

Projetos audiovisuais: Realizou um outro documentário no ano passado: “O Contar do Doce”, com 15 minutos de duração, através do Centro Cultural Banco do Nordeste. É a história de um doceiro muito conhecido de Manecos, no distrito de Gurinhém, conhecido como Luís do Doce. O vídeo narra seus causos e culinária muito famosa na região.

Maria Valdete de Oliveira Cunha

O Santo Que Foi Condenado



Profissão: Funcionária pública. Ocupa o cargo de vice-prefeita da cidade;

Escolaridade: Segundo grau completo;

Idade: 46 anos;

Município: Água Fria – Bahia;

Roteiro e direção: Maria Valdete de Oliveira Cunha;

Imagens: Roque Araújo;

Som: Nattan Cerqueira;

Edição: Fábio Rocha.

Documentário: Em 1775, um senhor de terras foi condenado a pagar pelo assassinato cometido por um de seus escravos. Quando foi revelado que todos os seus bens (incluindo o escravo infrator) haviam sido doados a Santo Antônio, a Justiça de Água Fria decidiu responsabilizar o santo pelo crime.

Projetos audiovisuais: A diretora ainda não realizou outro vídeo, mas tem interesse em continuar a trabalhar com produções audiovisuais.

Mary Land de Brito Silva

Pipa, Praia em Poesia



Profissão: Jornalista;

Escolaridade: Ensino Superior;

Idade: 28 anos;

Município: Tibau do Sul – Rio Grande do Norte;

Roteiro, direção e produção: Mary Land de Brito Silva;

Imagens: Onilson Pires e Rogério Vital;

Som: Itamar Tavares;

Edição: Anderson Augusto.

Documentário: Por meio das poesias do pescador Antônio Pequeno, 78 anos, o vídeo conta a história da Praia de Pipa, um dos principais pontos turísticos do Rio Grande do Norte. O vídeo faz um resgate da memória da praia através de fotografias e depoimentos de antigos moradores, apresentando a história do lugar a turistas e moradores mais jovens.

Projetos audiovisuais: Em 2008, venceu o edital do DocTV em seu estado com o documentário “Sangue do Barro” que conta a história de um cidadão pacato de uma pequena cidade que em um único dia matou 14 pessoas. Participa de produções audiovisuais locais, de um grupo informal do qual faz parte, financiadas com recursos próprios. A diretora possui um roteiro em andamento.

Paulo Castelo Branco Marcos

O Retorno do Zeca



Profissão: Atendente comercial;
Escolaridade: Segundo Grau;
Idade: 35 anos;
Município: Bonfim – Roraima;
Roteiro, direção e produção: Paulo Castelo Branco Marcos;
Imagens: Afonso Oliveira e Emackson Sarmento;
Som: Saulo Gonçalves Carvalho;
Edição: Saulo Gonçalves Carvalho;
Elenco: Raimundo Orlando Freitas, Maria Rosa de Castro Cavalcante, Kaline Barroso.

Ficção: Há 15 anos Dona Luzia não tem notícias do filho Zeca, que saiu de casa sem dizer para onde ia. Um dia, a filha mais velha encontra um rapaz e o leva para casa, acreditando tratar-se do irmão. O suposto Zeca é acolhido pela família, porém, mais uma vez, ele anuncia que vai partir. O vídeo mostra os desencontros de uma família em busca do filho que saiu de casa sem dizer para onde ia. A história tem uma preocupação social por abordar

a questão do trabalho escravo na região, já que o Zeca trabalha numa fazenda em regime de semi-escravidão.

Projetos audiovisuais: O diretor tem um projeto de roteiro pronto, para fazer um vídeo de maior duração a partir do que realizou em “O Retorno do Zeca”. Está aguardando financiamento.

Ronaldo Trindade de Jesus

Moinhos de Tempo



Profissão: Auxiliar administrativo em uma clínica ortopédica;

Escolaridade: Estudante de Ciências Contábeis;

Idade: 20 anos;

Município: Angical – Bahia;

Roteiro e direção: Ronaldo Trindade de Jesus;

Imagens: Francisco Júnior;

Edição: Marcos Guimarães;

Elenco: Lucas Soares, Edelson Soares, Alcivando Silva, Verbena Oliveira,

Keile Luane dos Santos, Acelino B. de Souza, Valdinei R. de Jesus.

Ficção: A história de Inocêncio, menino que vê a mãe e a irmã migrarem num pau-de-arara com destino à cidade grande. As chuvas de janeiro, comuns no município de Angical, interromperam as gravações do vídeo “Moinhos de Tempo”, de Ronaldo Trindade de Jesus. As gravações foram feitas no distrito de Missão de Aricobé. Em função das chuvas, o roteiro original teve que sofrer algumas alterações. O ambiente, que na concepção inicial tinha que ser árido, foi substituído pelo verde da vegetação. Em uma das locações, alguns pés de milho e feijão foram arrancados para que as cenas pudessem ser realizadas.

Projetos audiovisuais: O diretor tem trabalhado nos roteiros de outros projetos, mas por enquanto estão apenas na concepção inicial.

Rosana Sales

O Resgate de um Sonho



Profissão: Autônoma;
Escolaridade: Segundo grau;
Idade: 28 anos;
Município: Jaguapitã – Paraná;
Roteiro e direção: Rosana Sales;
Imagens: Maurício Borges;
Edição: André Martins;
Elenco: Adrielli Camila, Antonio Corol, Kelly Stephany.

Ficção: Desde criança, Marta é fascinada por filmes. Um cinema, em especial, chama a sua atenção: a maior e mais luxuosa sala de exibição da cidade. Anos mais tarde, será preciso mobilizar os moradores para garantir que o antigo cinema não seja abandonado.

Como o título diz, esse trabalho pretende ajudar a resgatar um sonho antigo, que é o de reformar o cinema da cidade. Para isso, Rosana criou uma personagem, Marta, que representa o sonho de boa parte dos moradores de Jaguapitã. Na trama, Marta é uma menina que encanta-se pela sala de exibição local, mas é proibida pelo pai de assistir aos filmes. Anos depois, seu desejo será materializado na luta pela preservação do cinema. A história é inspirada na própria vida de Rosana, que há algum tempo vem tentando, junto com outros moradores, promover a reabertura do antigo Cine Guairacá como espaço cultural.

Projetos audiovisuais: A diretora não realizou outro vídeo depois do Revelando os Brasis.

Rubens Flávio da Silva Nobre

Chouriço com Queijo



Profissão: Autônomo;
Escolaridade: Estuda Filosofia;
Idade: 32 anos;
Município: Umarizal - Rio Grande do Norte;
Roteiro, direção e produção: Rubens Flávio da Silva Nobre;
Imagens: Flávio Vinícius da Silva Muniz;
Som: Fernando Alves Neme;
Elenco: Lucas de Lima Costa, Daniel de Lima Costa, Vinícius da Silva Rodrigues.

Ficção: Luís é um menino de dez anos de idade que vive apanhando dos colegas, chegando em casa sujo e com as roupas rasgadas. O pai, como punição, o impede de comer sua iguaria favorita: chouriço com queijo. O menino, então, encontra uma solução mortal para o problema. As gravações aconteceram entre os dias 18 e 20 de fevereiro de 2005 em Umarizal, no Rio Grande do Norte, e contaram com a participação de muitas crianças da cidade.

Projetos audiovisuais: O diretor possui três roteiros prontos, que pretende inscrever nos editais de concorrência pública. Participa do Cineclube de Natal como incentivador cultural.

Sâmia Dias da Silva

Aquele Apito do Trem



Profissão: Gerente de loja;
Escolaridade: Formada em Pedagogia;
Idade: 40 anos;
Município: Nova Mamoré – Rondônia;

Roteiro e direção: Sâmia Dias da Silva;
Produção: Sâmia Dias da Silva e Ricardo Silva;
Imagens: Jean Michel;
Som: Wenceslau Escobar;
Edição: Rai Correa.

Documentário: O vídeo mostra o impacto da desativação da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré sobre os moradores de Vila Murтинho, que abandonaram a cidade para fundar Nova Mamoré. Os habitantes mais antigos contam histórias da época da construção da ferrovia, que levava notícias e mercadorias para a região.

Projetos audiovisuais: A diretora possui um roteiro pronto, à procura de patrocínio.

Sidnéia Luzia da Silva

Uma Pescadora Rara no Litoral do Ceará



Profissão: Pescadora e massoterapeuta;
Escolaridade: Segundo grau;
Idade: 26 anos;
Município: Icapuí – Ceará;
Roteiro e direção: Sidnéia Luzia da Silva;
Produção: Nádia Sousa e Sidnéia Luzia da Silva;
Imagens: Valdo Siqueira;
Som: Yures Viana;
Edição: Sidnéia Luzia da Silva e Valdo Siqueira.

Documentário: A diretora mostra o seu dia-a-dia como pescadora na comunidade da Praia da Redonda. Desde os dez anos de idade, ela acompanha o pai em seu barco de pesca, apesar do preconceito dos que acreditam que o mar não é lugar de mulher. Sidnéia tem mesmo muitas habilidades: estrela e diretora do vídeo, ela também ajudou a carregar os equipamentos, entrevistou vizinhos e familiares, fez embaixadinhas, trocou de roupa várias vezes e subiu em coqueiros. Tudo para garantir as melhores imagens.

Projetos audiovisuais: A diretora está preparando um novo documentário, “Aos Mortos de Morte Morrída”. O trabalho de Sidnéia é uma homenagem à avó, morta em junho deste ano, e que era uma das mais conhecidas benzedadeiras e rezadeiras da cidade.

Thalles Gomes Camêllo da Costa

Nelson



Escolaridade: Estudante de Direito;

Idade: 20 anos;

Município: Capela – Alagoas;

Roteiro e direção: Thalles Gomes Camêllo da Costa;

Produção: Carolina Albuquerque;

Imagens: Sérgio Ribeiro;

Som: Pastor Tsapa;

Edição: Charles Northrup;

Elenco: Elói Borges, Fabio Pereira dos Santos, Pastora Maria dos Santos.

Ficção: Depois de assistir ao assassinato do pai, Nelson acompanha a sua última procissão em Capela. Resta a ele juntar-se à multidão e fazer um pedido à santa. As gravações de “Nelson” começaram no dia 8 de dezembro de 2004, data em que a cidade de Capela (Alagoas) realiza uma procissão em homenagem a Nossa Senhora da Imaculada Conceição, a padroeira do município. As cenas da procissão são o ponto central do vídeo.

Projetos audiovisuais: O diretor tem feito documentários relacionados com o trabalho escravo no corte de cana, com apoio do Núcleo de Audiovisual da Comissão Pastoral da Terra, da qual ele faz parte, em conjunto com outros diretores. Os vídeos são feitos com verbas de entidades internacionais, que têm projetos para esse tipo de produção e parcerias com sindicatos. Dentro da Pastoral da Terra, o diretor também colabora em parceria com Pontos de Cultura ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), responsáveis pela disponibilidade dos equipamentos para a produção audiovisual. Os

vídeos são exibidos em festivais e distribuídos para entidades internacionais e em acampamentos e assentamentos, que é o público-alvo das produções, seguido de formadores de opinião e entidades governamentais. Thalles está procurando articular espaços maiores para a exibição dos vídeos em universidades e outros festivais.

Uiara Maria Carneiro da Cunha

Chico Abelha



Profissão: Terapeuta holística;

Idade: 60 anos;

Município: Monteiro Lobato – São Paulo;

Roteiro e direção: Uiara Maria Carneiro da Cunha;

Produção: Washington Pereira;

Imagens: Ricardo Moranes;

Som: Davi Godoi;

Edição: Washington Pereira.

Documentário: A história de Chico Abelha, que mora no meio da mata, na Serra da Mantiqueira, de onde só se afasta para apresentar um programa na rádio comunitária de Monteiro Lobato. As gravações foram realizadas em dezembro de 2004. O documentário mostra a rotina de Chico Abelha, um ermitão que escolheu as matas da Serra da Mantiqueira como lar.

Projetos audiovisuais: A diretora terminou um segundo documentário, realizado com recursos próprios, sobre as rendeiras e o percurso do seu trabalho até chegar à composição de roupas de marcas famosas. Também já tem um terceiro vídeo em produção, com o guia de filmagens pronto. Uiara integra o Grupo de Cultura de São José dos Campos, que exhibe documentários em escolas públicas, através da iniciativa Nas Asas do Cinema.

Valbert Júnior Vago

O Último Tocador



Escolaridade: Formado em Ciências Contábeis;

Idade: 30 anos;

Município: São Roque do Canaã – Espírito Santo;

Roteiro e direção: Valbert Júnior Vago;

Imagens: Leonardo Gomes e Fran de Oliveira;

Som: Ylênia Silva e Rogério Athaíde;

Edição: Leonardo Gomes e Fran de Oliveira.

Documentário: A história de Jepim Penitente, descendente de italianos e único tocador de concertina em atividade na região. O vídeo, gravado entre os dias 17 e 19 de dezembro de 2004 em São Roque do Canaã, mostra a vida e a arte de Jepim Penitente, 77 anos. Mestre da concertina, Jepim é o único músico da região a preservar essa tradição.

Projetos audiovisuais: Atualmente, possui dois roteiros de documentários prontos: "Rock'n'Rollça", que aborda o cotidiano de bandas e promotores do rock no interior do Espírito Santo, e "Santa Maria do Doce", que faz um histórico da ocupação humana e degradação ambiental do Rio Doce (fundamental para a ocupação e desenvolvimento humano e social da região do Baixo Rio Doce). O diretor tem realizado vídeos escolares e fez um documentário para uma comunidade de descendentes de Italianos em São Roque do Canaã. Todos com patrocínios privados locais. Está terminando o roteiro do média-metragem "Festa dos Anjos", uma ficção sobre o retorno de um grande dramaturgo a sua terra natal no dia do velório do pai, o qual não via há vinte anos. Está preparando o Projeto Memória Viva para apresentar às prefeituras ainda este ano. O objetivo do projeto é registrar em vídeo os elementos culturais que retratam a história de cada município, com destaque para os depoimentos de quem viveu e acompanhou essas histórias, os idosos.

Vanessa Cristina de Oliveira

São Luiz de Rabo e Chifre



Profissão: Trabalha em assessoria de imprensa;

Escolaridade: Formada em Comunicação Social (Jornalismo);

Idade: 24 anos;

Município: São Luiz do Paraitinga – São Paulo;

Roteiro, direção e produção: Vanessa Cristina de Oliveira;

Imagens: Roberto Donzelini, Thiago Molina e Vanessa Cristina de Oliveira

Edição: Thiago Molina e Thiago Carvalho;

Elenco: João Ângelo Guimarães, Taís Carvalho do Nascimento, Rodrigo José de Oliveira, Fábio Luiz M. da Silva Rego, João Batista Alvarenga.

Documentário: O vídeo mostra o Carnaval na cidade de São Luiz do Paraitinga, um dos mais originais de São Paulo. No passado, porém, um padre proibiu a festa, afirmando que quem fosse para as ruas pular carnaval receberia como punição um rabo e um chifre. O episódio que dá título ao vídeo aconteceu em 1920, quando o padre Ignácio Jíóia proibiu os moradores de participar da festa. E mais: alertou que a igreja ficaria debaixo d'água caso os foliões se atrevessem a sair pelas ruas. Em 1967, porém, a cidade decidiu voltar a promover a festa, e, por coincidência, aconteceu uma tragédia: uma enchente do Rio Paraitinga deixou mais de mil pessoas desabrigadas. Depois disso, tudo acabou novamente. Nos anos 80, a Rede Globo exibiu uma reportagem mostrando que São Luiz era a única cidade do País onde não havia Carnaval.

Projetos audiovisuais: A diretora possui um roteiro pronto, mas diz que não tem tempo para começar uma nova produção.

Vicentina Dalva Lyra de Castro

Borboletas



Profissão: Professora e coordenadora da Divisão de Cultura e Meio Ambiente da Secretaria Municipal de Educação e Cultura;

Escolaridade: Formada em Artes e Psicologia;

Idade: 31 anos.

Município: Piaçabuçu – Alagoas

Roteiro e direção: Vicentina Dalva Lyra de Castro

Produção: Vicentina Dalva Lyra de Castro, Linete Matias, Jasiel Martins, Michele de Castro, Jessica Reis, Arilene de Castro, Rejane Severo e Rainel Fontes;

Imagens: Onilson Pires;

Edição: Anderson Augusto.

Documentário: A vida segue seu rumo às margens do Rio São Francisco: os trabalhadores e as máquinas estão em ação, cortando madeira e construindo os tradicionais barcos com velas em forma de borboleta. O cenário para o vídeo foi o Rio São Francisco e seus estaleiros.

Projetos audiovisuais: Sem projetos ou outros trabalhos realizados até o momento.